

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
(MESTRADO)**

FABIO PEREIRA NUNES

**VIVER A VELHICE NO ASSENTAMENTO
COLÔNIA CONCEIÇÃO NO MUNICÍPIO DE NIOAQUE,
EM MATO GROSSO DO SUL**

Dourados

2019

FABIO PEREIRA NUNES

**VIVER A VELHICE NO ASSENTAMENTO
COLÔNIA CONCEIÇÃO NO MUNICÍPIO DE NIOAQUE,
EM MATO GROSSO DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha de pesquisa: Cidadania, Diversidade e Movimentos Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Alzira Salette Menegat

Dourados

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

N972v Nunes, Fabio Pereira

VIVER A VELHICE NO ASSENTAMENTO COLÔNIA CONCEIÇÃO NO MUNICÍPIO DE NIOAQUE, EM MATO GROSSO DO SUL [recurso eletrônico] / Fabio Pereira Nunes. -- 2020.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: ALZIRA SALETE MENEGAT.

Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Assentamento Rural Colônia Conceição. 2. Velhice. 3. Memória. 4. Trabalho. 5. Morada da Vida. I. Menegat, Alzira Salete. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

TERMO DE APROVAÇÃO

FABIO PEREIRA NUNES

VIVER A VELHICE NO ASSENTAMENTO COLÔNIA CONCEIÇÃO NO MUNICÍPIO DE NIOAQUE, EM MATO GROSSO DO SUL

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia, da Universidade Federal da Grande Dourados, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Alzira Salete Menegat
Orientadora/Presidente

Prof. Dr. Márcio Mucedula Aguiar
Membro Titular

Profa. Dra. Rosemeire Aparecida de Almeida
Membro Titular

APROVADO EM: 21/02/2020

DEDICATÓRIA

A Alzira Salete Menegat, por propor e caminhar comigo nessa empreitada, numa parceria maravilhosa, para entender a velhice no assentamento Colônia Conceição.

Às pessoas que vivem a velhice na Colônia Conceição, pelo tempo que dispuseram para dialogar comigo, sobretudo, pela espontaneidade, amizade e alegria ao compartilharem seus pensamentos, lembranças e sonhos.

AGRADECIMENTOS

Após dois anos de aprendizado, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, entendo que essa caminhada me trouxe conhecimentos, compartilhamentos, alegrias e desafios, visto que foram momentos que me possibilitaram, acima de tudo, crescer como pessoa, através de trocas de experiências com os colegas e professores/as. Durante esse tempo, foi possível dialogar com a professora responsável pela orientação e, sobretudo, com os assentados na Colônia Conceição, em conversas nada corriqueiras, mantidas com a vizinhança, porque remetiam-se a um assunto do qual não tratávamos em outros momentos do cotidiano do lugar. Os assentados e as assentadas, por sua vez, me acolheram, sempre valorosos durante a coleta de dados sobre a comunidade e, principalmente, para falarem no tocante à velhice.

No entanto, nesse percurso, nem tudo foram flores. Por isso, quero lembrar o meu estimado cunhado, Ederaldo Barbosa Marques, que faleceu em um trágico acidente durante o mestrado. Em meio à tristeza, eu e minha família encontramos forças para nos mantermos unidos e seguirmos em frente, sabedores de que, no processo de pesquisa e da vida, precisamos contar com o apoio e colaboração de muitas pessoas.

Ao meu pai, João Pereira Nunes, que com o seu jeito simples de homem do campo é para mim um exemplo de amor e bondade para com toda a família. Sua paciência me ajudou a refletir sobre quão agradável e serena pode ser a vida.

À minha mãe, Edite Pereira Maciel Nunes, que não mediu esforços para me ajudar a alcançar meus objetivos. Embora pareça algo simples, mas os cuidados de mãe foram o aporte imprescindível para meu caminhar mais tranquilo durante esses anos de pesquisa.

Aos meus irmãos e sobrinhos, por me descontraírem durante os finais de semanas, quando o cansaço parecia minar as forças. A presença de todos foi o combustível para que continuasse nas semanas de estudos. Desse modo, semana após semana, consegui vencer mais essa etapa de estudos.

A Alzira Salete Menegat, minha orientadora, pela parceria, apoio e conselhos que me apontaram os rumos durante o processo de pesquisa. As suas orientações foram

fundamentais, pois me deram segurança para dialogar com a velhice. Sem a parceria com a professora, a caminhada seria algo muito penoso e solitário. Encontrei na orientação segurança e ajuda necessárias para caminhar de forma harmoniosa e prazerosa.

Aos professores da Pós-graduação em Sociologia, por repartirem conosco os conhecimentos em Ciências Sociais; e pelos conselhos que nos deram para a realização dos trabalhos acadêmicos e, sobretudo, dos referentes às pesquisas de cada mestrando.

Aos professores que compuseram a banca examinadora da qualificação, André Luiz Faisting e Márcio Mucedula Aguiar, por participarem e pelas orientações que apontaram, naquele momento, para uma etapa, quando ampliamos, fundamentamos e corrigimos lacunas e incongruências da dissertação.

Aos professores/as que aceitaram participar da banca de defesa, o Professor Márcio Mucedula Aguiar e a Professora Rosemeire Aparecida de Almeida, os quais apresentam suas contribuições, no momento final desta etapa, oportunizando trocas de conhecimentos e, também, de possibilidades de traçar novos caminhos em minha formação acadêmica.

Agradeço à CAPES, pela bolsa de financiamento durante um ano da pesquisa, pois foi um aporte financeiro que permitiu um caminhar menos turbulento.

Aos professores/as da graduação em Ciências Sociais/PRONERA/UFGD, pelos ensinamentos e paciência para ensinar e, também, pelos conselhos para que trocássemos a enxada pela caneta e com isso continuássemos nos plantios. Foram eles/as que nos incentivaram a acreditar em nosso potencial, o que nos levou à Pós-Graduação: primeiro, com a especialização em Residência Agrária e, neste momento, com o Mestrado em Sociologia. Agradeço, em especial, à Professora Juliane Ferreira Vieira, que na graduação nos conduziu na disciplina de Produção de Textos, momento em que produzimos artigos para fins de publicação e passamos a enxergar os caminhos da produção acadêmica e, assim, seguimos pelas etapas posteriores.

Aos muitos amigos, fundamentais para encarar esse período com leveza e vivacidade.

Aos colegas de Pós-graduação, por repartirem comigo seus problemas, alegrias, angústias e, sobretudo, pelos diálogos em sala de aula e durante os cafezinhos.

A todos os assentados/as pioneiros do Assentamento Colônia Conceição, que me auxiliaram no entendimento sobre o processo de implantação, transformação e consolidação do referido assentamento.

Aos Agentes de Saúde locais, imprescindíveis durante o levantamento de dados no campo da pesquisa, no que diz respeito aos dados sobre a velhice na Colônia Conceição.

Por fim, a cada pessoa acima de sessenta anos de idade, pelo carinho ao me receberem em suas casas e por me concederem entrevistas, que se pareciam com um misto de depoimento e confidencialidade. Foram os melhores interlocutores que tive durante a caminhada como pesquisador, pois encontrei vivacidade em pessoas velhas. Os olhares, os gestos, os sorrisos me cativaram e, embora estejam na velhice, mostram-se carregados de tanta energia e simplicidade, que confesso, muitas vezes, me levaram às lágrimas. Mas não foram lágrimas de dor ou pesar, foram sentimentos de pura alegria de poder participar mesmo que por um breve momento da vida dessas pessoas agradáveis.

RESUMO

Investigar a velhice é o tema do presente trabalho, procurando entender como se processa a velhice na vida das pessoas que vivem em áreas de assentamento rural, mais especificamente no assentamento Colônia Conceição, localizado no município de Nioaque, em Mato Grosso do Sul (MS). Naquele lugar, a maior parte dos assentados/as está nesse grupo de pessoas, vivendo a fase da velhice, e, mesmo nessa etapa da vida, ainda estão atuantes no fazer produtivo dos lotes. É nesse contexto que reside a problemática desta pesquisa, indagando como os assentados/as vivem a velhice, num lugar em que o cotidiano de trabalho exige esforço físico, embora suas forças diminuam. Para a compreensão do viver a velhice na Colônia Conceição, algumas categorias foram fundamentais, dentre elas, entender a dimensão do assentamento com base nos estudos de Heredia (1979), no sentido da morada da vida, elo que mantém as pessoas velhas nos lotes do assentamento e que compreende um conjunto de elementos que se entrelaçam, entre o pertencimento à terra, as relações de interação entre as pessoas, o envolvimento com o fazer do processo de plantio e os tratos culturais e, sobretudo, nas dimensões da vida no lugar. Outra categoria do estudo foi a da velhice, entendida como uma fase, a qual as pessoas em algum momento irão vivenciar, sendo um fenômeno natural biológico que tem na perda das capacidades físicas o ponto central. O estudo de Bosi (1994) com a memória de velhos se constituiu em outro aporte teórico para a pesquisa, recomendando as fontes orais para a compreensão da vivência dos velhos/as. Assim, com base nas fontes orais, conforme os estudos de Albert (2005), adentramos no percurso de levantamento de dados, realizando entrevistas com 17 velhos/as de ambos os sexos, entre a faixa etária de 60 e 85 anos e, também, com cinco mediadores/agentes de saúde que atendem no posto de saúde do assentamento. Os resultados mostram que entre os 373 lotes, constituidores do assentamento Colônia, 128 destes são ocupados por pessoas de 60 anos ou mais, as quais administram as unidades de produção, mantendo e transformando o espaço. Isso demonstra resistência, visto que a luta pela terra, que os levou ao assentamento, está sendo por eles mantida, ao insistirem em viverem a velhice no assentamento. Enfim, analisar o viver a velhice no assentamento Colônia Conceição constituiu-se num instrumento que apresenta, ao mesmo tempo, os muitos resultados decorrentes da instalação de assentamentos no município de Nioaque (e mesmo no Brasil), os quais não podem ser vistos apenas pelo viés do sucesso e/ou do insucesso econômico em termos de produção, levando a considerar outros elementos, dentre eles o viver com dignidade. Nessa esteira, constituem-se em lugares de direitos, como o da produção de alimentos, com olhar para o meio ambiente; da manutenção de referenciais culturais nutridos por determinados grupos sociais; da produção conforme as próprias necessidades das comunidades, mesmo nutrindo certo viés de mercado; e, especialmente, do direito à vida e do viver a velhice com sossego merecido, como recompensa pela labuta empreendida na trajetória das muitas andanças, até a chegada à morada da vida, no assentamento Colônia Conceição.

Palavras-chave: Assentamento Rural Colônia Conceição, Velhice, Memória, Trabalho, Morada da vida.

ABSTRACT

Investigating old age is the theme of this paper, seeking to understand how old age is processed in the lives of people living in rural settlement areas, more specifically in the Colônia Conceição settlement, located in the municipality of Nioaque, in Mato Grosso do Sul (MS). In that place, most of the settlers are in this group of people, living the phase of old age, and, even in this stage of life, are still active in making productive lots. It is in this context that the problem of this research resides, asking how the settlers live old age, in a place where the daily work demands physical effort, although their strengths diminish. For the understanding of living old age in Colônia Conceição, some categories were fundamental, among them, understanding the dimension of the settlement based on the studies of Heredia (1979), in the sense of the address of life, a link that keeps the old people in the lots of the settlement and which comprises a set of elements that intertwine, between belonging to the land, the relationships of interaction between people, the involvement with the making of the planting process and cultural treatments and, above all, in the dimensions of life in the place. Another category of the study was that of old age, understood as a phase, which people will at some point experience, being a natural biological phenomenon that has the central point in the loss of physical capacities. Bosi's study (1994) with the memory of the elderly was another theoretical contribution to the research, recommending oral sources for understanding the experience of the elderly. Thus, based on oral sources, according to the studies of Albert (2005), we entered the data collection path, conducting interviews with 17 old men and women, between the age group of 60 and 85 years, and also with five mediators / health agents who attend the settlement's health post. The results show that among the 373 lots that make up the Colônia settlement, 128 of these are occupied by people aged 60 or over, who manage the production units, maintaining and transforming the space. This shows resistance, since the struggle for land, which led them to the settlement, is being maintained by them, by insisting on living old age in the settlement. Finally, analyzing the experience of old age in the Colônia Conceição settlement was an instrument that presents, at the same time, the many results resulting from the installation of settlements in the municipality of Nioaque (and even in Brazil), which cannot be seen only by bias of success and / or economic failure in terms of production, leading to consider other elements, among them living with dignity. In this wake, they constitute places of rights, such as food production, with a view to the environment; the maintenance of cultural references nurtured by certain social groups; production according to the communities' own needs, even though they have a certain market bias; and, especially, the right to life and to live old age with deserved rest, as a reward for the toil undertaken in the trajectory of the many wanderings, until the arrival at the abode of life, in the Colônia Conceição settlement.

Keywords: Rural Settlement Colônia Conceição, Old age, Memory, Work, Address of life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1: Mapa do Assentamento Nioaque (Colônia Conceição).....	21
Figura 2: Mapa das Estradas principais e secundária.....	42
Figura 3: Mapa dos tipos de solos na Colônia Conceição.....	52
Figura 4: Mapa da localização dos recursos hídrico na Colônia.....	57

FOTOS

FOTOS 1 e 2: Casas e seus entornos	28
FOTOS 3 e 4: Os pomares nos quintais e a estrutura para a acolhida e descanso.....	31
FOTO 5: Rua principal da agrovila.....	38
FOTOS 6 e 7: As árvores compondo as pastagens.....	44
FOTOS 8 e 9: Assoreamento nos córregos do assentamento.....	61
FOTOS 10 e 11: Vida silvestre na Colônia Conceição, foto da anta e do pássaro.....	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Composição de moradores e lotes no assentamento	65
Quadro 2 - Composição das famílias de velhos na Agrovila da Colônia	83
Quadro 3 - Faixa etária dos velhos da agrovila Colônia Conceição.....	83
Quadro 4 - Pessoas acima de 60 anos no Brasil	89
Quadro 5 - Composição familiar nos lotes de produção de velhos	96
Quadro 6: Mulheres e homens na velhice vivendo em lotes na colônia.....	98
Quadro 7 - Faixa etária dos velhos na Colônia Conceição.....	100
Quadro 8 - Presença e ou ausência de meio de transporte na casa dos assentados velhos.....	101
Quadro 9 - Atividade Agrícola	103
Quadro 10 - Referente ao trabalho de campo e entorno das casas dos assentados velhos.....	104

LISTA DE SIGLAS

AACC - Associação da Agrovila da Colônia Conceição

BR – Batalhão Rodoviário

CEASA – Centrais Estaduais de Abastecimento

CPT – Comissão Pastoral da Terra

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MS – Mato Grosso do Sul

MSABCD - Associação Cultural Esportiva e de Produção Agrícola dos Assentamentos de Nioaque

PNRA - Plano Nacional de Reforma Agrária

PROCERA - Programa de Crédito Especial para a Reforma Agrária

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SIPRA – Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária

SISREG – Sistema Nacional de Regulação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	18
O ASSENTAMENTO COLÔNIA CONCEIÇÃO: O FAZER DOS ASSENTADOS NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR PARA O VIVER	18
1.1 As pessoas que fazem da Colônia Conceição o lugar da vida	23
1.2 As residências das famílias assentadas	27
1.3 O lugar da morada: o assentamento, o lote, a casa e a vizinhança como elos para a boa velhice	33
1.4 Espaços compartilhados: a estrutura educacional e de serviços	35
1.5 A produção de alimentos na Colônia Conceição	44
1.6 Os dilemas entre a atividade produtiva e o Meio Ambiente	56
CAPÍTULO II	64
O ASSENTAMENTO COMO LUGAR DA CHEGADA, DA MORADA E DA VELHICE	64
2.1 Composição dos moradores da Colônia Conceição	65
2.2 Lotes com moradores velhos	66
2.3 Lotes com o misto de jovens e velhos	70
2.4 Lotes com moradores com menos de 60 anos	74
2.5 Lotes com moradores herdeiros	76
2.6 Os lotes vazios de moradores	77
2.7 Lotes sem moradores e de posse de velhos	79
2.8 Os velhos nos lotes da agrovila	82
CAPÍTULO III	85
A VELHICE VIVIDA E CONTADA PELAS MEMÓRIAS DAS PESSOAS QUE FAZEM OS CAMINHOS DA COLÔNIA CONCEIÇÃO	85
3.1 A velhice e os caminhos da memória: dialogando com as teorias	86
3.2 O sentido da velhice nos relatos das pessoas velhas da Colônia Conceição	91
3.3 A composição da velhice no assentamento	95
3.4 O trabalho como elo entre a fase da velhice e o viver na Colônia Conceição	108
3.5 As mulheres assentadas e a etapa da velhice	113
3.6 Cuidados com a saúde para melhor viver a velhice	118
3.7 Sonhos para o futuro que já chegou	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

INTRODUÇÃO

A velhice é uma condição existencial da humanidade, que é assim denominada para definir a fase etária em que se encontram aquelas pessoas com a vida prolongada por seis ou mais de seis décadas. Estas constituem um grupo populacional conhecido na sociedade brasileira (e mesmo mundial), por diferentes denominações: terceira idade, melhor idade, idosos, velhos, dentre outras.

No entanto, existem parâmetros científicos e de legislação, usados para qualificar quando uma pessoa atingiu a velhice. De acordo com Abreu (2017, p. 26), “há um consenso que a fase da velhice se inicia por volta de 60 a 65 anos, com algumas variações, considerando o nível de desenvolvimento socioeconômico, o sexo, a cultura e outros fatores”. No Brasil, segundo o Estatuto do Idoso, sancionado pela Lei 10.741/2003, que visou a regular e a garantir os direitos das pessoas com 60 anos ou mais, em substituição à legislação anterior (o Plano Nacional do Idoso, sancionado em 1994), a velhice se inicia aos 60 anos. Mas será a velhice constituída de um marco temporal que se aplica de forma homogênea sobre os corpos? Para Coutrim (2006, p. 73), a velhice

[...] não pode ser interpretada pelas ciências sociais como categoria única, abstrata, desprovidas de pressupostos econômicos, sociais e históricos. Nas sociedades contemporâneas convivem lado a lado as diversas velhices: dos pobres, dos ricos, das camadas médias, dos inválidos, dos que mantem sua autonomia, do trabalho e a do lazer, a rural e a urbana, a excluída e a inserida nas lutas pelos direitos, a de homens e a das mulheres, dos asilados e dos chefes de domicílio, e assim por diante.

Investigar a velhice é o tema do presente trabalho, procurando entender como se processa a velhice na vida das pessoas que vivem em áreas de assentamento rural, mais especificamente no assentamento Colônia Conceição, localizado no município de Nioaque, em Mato Grosso do Sul. Nesse lugar, a maior parte dos assentados/as, que está nesse grupo de pessoas, vivendo a fase da velhice, ainda se encontram atuantes no fazer produtivo dos lotes.

É nesse contexto que reside a problemática da pesquisa, indagando como os assentados/as vivem a velhice, num lugar em que o cotidiano de trabalho exige esforço físico, embora estejam em uma etapa da vida em que suas forças diminuem. Indagamos,

assim, os motivos que fizeram com que os/as velhos/as permanecessem nos lotes, mesmo diante da saída dos filhos¹.

Estudos apontam para o surgimento de certo desânimo naqueles que ficam, quando da saída da juventude, contribuindo para a migração também dos adultos responsáveis pelos lotes, fato que não acontece em largos percentuais no assentamento desta pesquisa. Para entendermos esse contexto, analisamos trajetórias, desnudando dilemas e entendendo como as pessoas do assentamento se arranjam diante da velhice, compreendendo como estão se mantendo nos lotes e o que planejam para continuarem neles.

O assentamento Colônia Conceição foi implantado no município de Nioaque, no ano de 1985, numa área de 10.587 hectares, atendendo a 373 famílias. A implantação se deu num período em que se iniciava no Brasil o I Plano Nacional de Reforma Agrária, desenvolvido após longas discussões e demandas encaminhadas pelos movimentos sociais rurais. A criação da Colônia Conceição² ocorreu para colocar fim aos conflitos entre índios e posseiros, que, naquele momento, lá se encontravam em disputa territorial. Assim, efetivou-se a desapropriação da área e o assentamento de famílias. Atualmente em 128 lotes é possível encontrar pessoas com mais de 60 anos de idade; já em 85 lotes tem-se apenas a presença e o trabalho dessas pessoas. Daí o interesse em compreendermos como se deu o processo de chegada e de permanência das famílias naquele lugar, observando que lá vem ocorrendo um envelhecimento populacional.

Cabe apontar que o tempo de implantação do assentamento é de 34 anos e no percurso para a instalação das famílias houve a saída da juventude, visto que os filhos foram crescendo, constituindo suas próprias famílias e se organizando em outros lotes, ou buscando trabalho nas cidades, permanecendo, no assentamento, o casal, atualmente velhos.

É preciso destacar que faço parte desde a infância do assentamento em que realizamos a presente pesquisa, sendo filho de assentado. Meus pais ocupam um lote na Conceição, e eles estão com idade de 71 anos, o pai, e 68 anos, a mãe. No entanto, sou um filho que também saiu do assentamento, no momento em que conquistei meu

¹ Nos referenciais teóricos sobre assentamentos, encontramos diversos estudos investigando a saída da juventude, dentre eles o estudo de Elisa Guaraná, intitulado “entre ficar e sair”. Publicado pela FAPERJ, em 2013. No entanto, não encontramos significativo número de reflexões sobre a velhice, tema que acreditamos de importância para se compreender a totalidade dos assentamentos rurais de Mato Grosso do Sul.

² Referimo-nos à Colônia no feminino para fazer referência ao assentamento, denominado corriqueiramente de Colônia pelos assentados/as.

próprio lote, com a implantação do assentamento Areias, outro assentamento que compõe o conjunto de assentamentos do município de Nioaque. O Areias está localizado a 16 quilômetros da Colônia, distância que me oportuniza manter presença constante, quase diária, em minha antiga morada.

Dessa forma, minha própria trajetória me possibilitou vivenciar cotidianamente a situação que estamos a estudar, de como a velhice adentra ao assentamento, criando, no ceio da Colônia Conceição, uma multiplicidade de dilemas, os quais nos intrigam, mas também fascinam, causando uma espécie de encantamento. Deparamo-nos com pessoas velhas, mas ativas, cheias de planos, criando estratégias para permanência em área de assentamento, mesmo diante de limitações impostas pela faixa etária em que se encontram. Por isso, com a presente pesquisa, saí do universo da observação, que a posição de apenas assentado me colocava, com conversas informais. Seguimos para uma investigação mais aprofundada, tendo os referenciais acadêmicos como fio condutor e, assim, criamos caminhos para desvendar os meandros da velhice na Colônia Conceição. Esse foi um desafio em minha própria condição de assentado e de mestrando de Programa de Pós-Graduação. Essa dupla condição já a havia experimentado na realização da iniciação científica, durante o curso de graduação em Ciências Sociais, realizado também na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), entre os anos de 2008 e 2012, e do curso de Pós Graduação (nível de Especialização) em Residência Agrária, nos anos de 2013 a 2015, ambos possível pela parceria entre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) e a UFGD , bem como a realização do Trabalho de Conclusão de Curso.

Naquela oportunidade, debruçamo-nos sobre o assentamento Areias, analisando as novas atividades produtivas que lá estavam em curso, dentre elas a apicultura. Assim, buscamos compreender as mazelas dos processos produtivos que envolvem a estrutura econômica de assentamentos de reforma agrária, fato que ainda nos inquieta. No entanto, vislumbrava e era alertado pela orientadora, que também orienta a presente pesquisa, da Iniciação Científica e do estágio supervisionado em Ciências Sociais, realizado na escola do Assentamento Areias, para que lançássemos olhares sobre a dinâmica do viver cotidiano, dentre o qual, a velhice.

O retorno à Universidade, numa nova etapa de formação, como aluno de um Programa de Mestrado, me levou para o tema da velhice no assentamento. Cabe destacar que esse retorno me causou enorme satisfação, pela possibilidade de continuidade em minha formação acadêmica, mas também porque a concebi como uma

conquista que extrapola o âmbito pessoal, compreendendo-a como resultado da reforma agrária.

Na condição de assentados, tivemos acesso ao PRONERA, um programa de educação para pessoas da reforma agrária, que de outra maneira, poderíamos não ter chegado à Universidade, nem conseguido certificação, com a diplomação em um curso de graduação. Este nos abriu portas para essa nova fase, a pós-graduação. Por isso, considero como mais um resultado da reforma agrária brasileira, que, ao criar assentamentos, viabiliza múltiplas produções: de alimentos, de saberes, de parcerias e de mobilidade social para as pessoas neles inseridas.

Esses aspectos se manifestaram durante o processo de pesquisa, demonstrando o como o assentamento promove melhoria nas/para as pessoas. Exemplo disso está nos assentados/as que lá chegaram e atualmente velhos/as, que, para continuarem ativos/as nas suas parcelas, procuram manter cuidados com eles/as próprios/as, acessando o sistema de saúde com frequência, disponível no assentamento e oferecido pela Secretaria Municipal de Saúde. Aliado a isso, é comum encontrarmos em suas casas algum automóvel, resultado do fazer nos lotes, o que facilita os deslocamentos no interior e para fora do assentamento, encurtando o isolamento que o viver no campo produz.

É fato que nos 34 anos de implantação do assentamento houve recomposição familiar, com, por exemplo, a saída dos jovens, que resultou na reorganização de projetos, de forma que atualmente a atividade principal está no gado leiteiro e de corte, que supostamente não exige a mesma intensidade de esforços físicos que o cultivo agrícola requer, como gradear, plantar, limpar, adubar, colher e armazenar. A criação de gado tem menor número de etapas de dedicação e permite geração de renda mensal, mas exige também força física. Esta atividade, quando reunida a outros rendimentos, dentre eles a aposentadoria rural, compõe renda mensal que oportuniza um viver sossegado financeiramente, o qual associado à tranquilidade do lugar promove um envelhecimento e uma vida com conforto.

Para a compreensão do viver a velhice na Colônia Conceição, algumas categorias foram fundamentais, dentre elas está entender a dimensão do assentamento com base nos estudos de Heredia (1979), pautada no sentido da morada da vida. Além disso, inferimos que o modo como cada família se relaciona na Colônia Conceição, transformando o espaço, formando a morada da vida pode ser o elo que mantém as pessoas velhas nos lotes do assentamento.

É com esse sentido da morada da vida que analisamos a permanência dos velhos na Colônia Conceição, o qual compreende um conjunto de elementos que se entrelaçam, manifesto nos seguintes elos: no pertencimento à terra, nas relações de interação entre as pessoas, no envolvimento com o fazer do processo de plantio e tratos culturais e, sobretudo, nas dimensões da vida no lugar. A morada da vida é um aporte que, segundo Heredia (1979, p.115), “[...] define o pequeno produtor como tal é o trabalho efetuado na terra e, em consequência, a perda da mesma implicaria no seu desaparecimento como categoria social”.

Outra categoria do estudo é a da velhice, entendida como uma fase a qual as pessoas em algum momento irão vivenciar, sendo um fenômeno natural biológico, que tem na perda das capacidades físicas o ponto central. “O envelhecimento é considerado como um processo natural de redução progressiva dos indivíduos”, como indicado por Reis (2016, p. 24).

O estudo de Bosi (1994) se constitui em outro aporte teórico para a pesquisa, recomendando as fontes orais para compreender a vivência dos velhos/as. Para a autora (BOSI, 1994, p. 82), “[...] o mundo social possui uma riqueza e diversidade que não conhecemos e pode chegar-nos pela memória dos velhos”. E, ainda, segundo Bosi (1994, p. 90), “[...] a memória é a faculdade épica por excelência”.

Diante disso, a memória é outra categoria que utilizamos, visto que as memórias das pessoas velhas são fontes primordiais na nossa pesquisa, pois nos possibilita conhecer a vivência social no assentamento, na função que expõe Bosi (1994, p. 89): “A função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente”.

A velhice contrasta com a evasão dos jovens e o lugar do assentado passa a ser um misto de saudades, de um tempo em que se podia trabalhar de sol a sol, organizar o lote, as criações, a casa e o seu entorno. Esse cenário melancólico, que também compõe o conjunto da velhice, mostrou-se no trabalho de pesquisa, nos relatos das pessoas com as quais dialogamos e que nos remetem a Bosi (1994, p.426), quando diz que “[...] tal como as plantas, que na estação da seca se imobilizam e brotam nas primeiras chuvas, certas lembranças se renovam e em certos períodos dão uma quantidade inesperada de folhas novas”.

Ao dialogar com a velhice na Colônia, também estamos procurando correlacioná-la com o lugar onde vivem, ou seja, um assentamento de Reforma Agrária, sobretudo, no que se enseja o protagonismo dos movimentos sociais do campo, que

constroem demandas e as expõem para o Estado, evidenciando a necessidade de mudanças na estrutura agrária, e como resultado há a criação do assentamento. Portanto, pretendemos, com o trabalho, entender a conjuntura social no assentamento, na tentativa de mostrarmos como os velhos/as estão se arranjando diante da evasão dos assentados mais jovens. Com isso, verificamos em que medida eles conseguem viver nesse cenário, no qual a velhice tem se mostrado como uma referência de resistência no Assentamento. Nesse sentido, a luta pela terra, que os levou até a Colônia Conceição, está sendo por eles mantida, insistindo em viver na morada da vida.

Viver a velhice em área de assentamento rural, lugar centrado em trabalhos que exigem força, vigor físico, com fluxo de saída de moradores jovens, torna o assentamento um lugar no mínimo intrigante, no ponto de vista de se entender a permanência dos/as velhos/as. Mergulhar nessa seara nos intrigou, pois as relações nas unidades de produção são permeadas de situações que interferem diretamente nas escolhas de cada família, impactando na qualidade de vida dos assentados. Decidir ficar ou ir embora é uma decisão atrelada a uma série de questões que investigamos, como, por exemplo: O que é a velhice para as pessoas da Colônia Conceição? Como é viver a velhice no assentamento? Como realizam as tarefas dos lotes sem terem vigor da juventude? Com quem contam para lidar com o gado, sabendo que poderão sofrer ações inesperadas dos animais? Sabedores de que a velhice é um caminho contínuo, como vislumbram a permanência na Colônia? Os/as velhos/as elaboram novos projetos para seus lotes? O que lhes falta? Pensam em deixar o assentamento? Qual a relação que mantém com os filhos, parentes e vizinhança?

Foram essas questões que nos motivaram a compreender as decisões de futuro desses velhos/as, especialmente, porque o futuro, para o grupo com o qual dialogamos, já chegou. Futuro como elemento do presente, sendo vivido. Em suma, na pesquisa de campo nos atentamos para todas as especificidades, para não corrermos o risco de elencarmos apenas fragmentos da vida cotidiana dos assentados. Por isso, por meio de fontes orais, questionamos o mundo vivido dos velhos/as, e instrumentalizados pelas fontes, evitamos as suposições, entrando nas raízes dos dilemas por eles/as vivenciados.

Cabe destacar, como dizemos anteriormente, que a Colônia Conceição foi criada no ano da implantação do I Plano Nacional de Reforma Agrária (I PNRA), instituído no Brasil em 1985, sendo um dos primeiros assentamentos criados em Mato Grosso do Sul. Lá foram assentadas 373 famílias. Atualmente, parte das pessoas que lá chegaram está na fase etária entre 60 e 99 anos. É fato que entre aqueles que chegaram existe um

percentual que já foi acometido por alguma doença e/ou pela velhice. Entretanto, outros ainda lá estão e gozam de seus esforços nas atividades de desbaste das matas e incorporação de pastagens. Vivem da criação de gado de corte, complementando a renda com suas aposentadorias.

Contudo, as tarefas do dia a dia mostram-se mais penosas, devido à idade e, por isso, muitos deles contratam trabalhadores mais jovens para roçarem os pastos, até mesmo com a lida do gado precisam de ajuda, já que os animais de corte são ágeis e apresentam riscos de acidentes, especialmente, para os velhos, com destreza diminuída. Porém, observamos que muitos desses senhores e senhoras têm relativa facilidade para lidar com seus rebanhos, embora em plena velhice. Eles, no entanto, estão conseguindo tocar seus lotes, contando com ajuda externa em períodos sazonais.

Um dos meios que facilita o viver a fase da velhice na Colônia Conceição é estar na comunidade, onde se tecem um elo de sociabilidades e de manutenção. Mesmo que na Colônia existam conflitos nas relações entre a vizinhança, lá figura também a dimensão apontada por Bauman (2003), de um lugar “cálido”, um lugar confortável e acolhedor, ou como diz Bauman (2003, p. 7), em sua versão idealizada de comunidade, “É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado”.

São esses referenciais teóricos que nos auxiliaram no processo de pesquisa e análise dos dados, aliado a outras obras de autores que se dedicaram às questões rurais, sobretudo, aqueles que se dedicaram a estudar a velhice. Além dos referenciais teóricos, realizamos pesquisa de campo com os moradores do assentamento, buscando em suas histórias de vida compreendermos o que fizeram para a construção e transformação do Assentamento nesses 34 anos de efetivação.

Para nos auxiliar na compreensão da vivência dos assentados, recorreremos ao que diz Albert (2005, p. 166), quando descreve que “[...] a história oral pode ser útil no entendimento da história do cotidiano”. Com as fontes orais, primeiramente, entendemos o contexto local e, num segundo momento da pesquisa, realizamos as entrevistas. As fontes orais, como destaca Albert (2005), “[...] são uma riqueza evidentemente ligada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e de modos de vida de diferentes grupos sociais”. Segundo Albert (2005, p. 155), “[...] fonte oral consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”.

Para o recorte das entrevistas e de quem entrevistar, tomamos como ponto inicial o número de lotes sob a coordenação das pessoas velhas, o que totaliza 128 lotes. Como o assentamento está dividido em cinco linhas principais e possui extensa área, parte dela distante da rodovia principal, o que cria facilidades para deslocamento, decidimos entrevistar de duas a cinco pessoas por linha, de acordo com a quantidade de velhos/as em cada uma delas. Além dos assentados/as, entrevistamos cinco agentes de saúde, ligados à Secretaria Municipal de Saúde, e que fazem visitas nas residências, nos lotes das pessoas velhas e, também, realizam cadastros dessas pessoas para saberem como se encontram em termos de saúde física e das principais doenças que os acometem.

Realizamos 17 entrevistas³ com pessoas localizadas nas cinco linhas principais da Colônia Conceição, lugares diferentes nos limites do assentamento, pois dada a sua extensão territorial, a velhice pode ou não apresentar elementos distintos, referentes às distâncias que os separam para acessar a rodovia mais próxima. Visto que a constituição da população do assentamento é composta de pessoas oriundas de diferentes lugares e etnias, dentre eles indígenas, procuramos trabalhar com velhos/as que contemplassem a todas elas. Buscamos entrevistar velhos/as de ambos os sexos, para entendermos como se apresenta a velhice para homens e para mulheres, delimitando a faixa etária entre 60 e 85 anos. Entre esses moradores, alguns deles, de alguma forma, contam com parentes jovens em casa, mas isso não significa que estão ou ficarão assistidos por esses parentes, visto que os jovens estão em trânsito, na busca por condições mais favoráveis e, por isso mesmo, vão e vêm.

Buscamos, ainda, informações na escola do assentamento Conceição e, também, na escola do assentamento Padroeira do Brasil. Com isso, dialogamos com a direção e principalmente com as secretárias das escolas dos assentamentos, localizados próximos a Colônia Conceição, visando a levantar dados do número de alunos matriculados e de onde são oriundos, compreendendo o percentual de crianças e jovens que ainda vivem nos lotes do referido assentamento, fazendo uma comparação com o número de velhos, vislumbrando possíveis mudanças.

Desse modo, as entrevistas constituíram-se como elementos essenciais para desnudar a realidade vivida, nos proporcionando olharmos com outras lentes o lugar que percorri ao longo de minha vida e ao invés de naturalizar relações, as questiono,

³ Optamos nesse trabalho em não identificar os nomes das pessoas entrevistadas, uma vez que durante os trabalhos de campo, ou seja, no momento das entrevistas observamos a necessidade de preservar a identidade dos sujeitos que contribuiriam para o enriquecimento do trabalho em pauta.

observando costumes, hábitos da cultura local, qualidade de vida, bem como entendendo as vivências no assentamento, os anseios, as conquistas e os arranjos nos dias atuais.

Além das fontes orais com pessoas assentadas e com agentes de saúde e professores nas escolas, buscamos também por informações sobre a criação do assentamento no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Prefeitura Municipal de Nioaque. No INCRA, procuramos por dados sobre a implantação da Colônia, reconstruindo o processo que deu origem à formação do lugar e a forma como o assentamento foi organizado em termos de recorte de lotes e de infraestrutura. No IBGE, acessamos dados estatísticos que nos permitiram compreender o assentamento na dimensão do município. Na Prefeitura de Nioaque, mantivemos contato com pessoas da Secretaria de Saúde, fundamental para entendermos o número de velhos/as residentes na Colônia, bem como identificarmos as políticas de assistência à saúde que o poder municipal está disponibilizando. Na Secretaria de Educação, procuramos identificar a quantidade de crianças e jovens em idade escolar, acessando a taxa de natalidade do assentamento e verificando o envelhecimento da população local.

Para a organização do texto, apresentamos os resultados em três capítulos. O primeiro, intitulado “O assentamento Colônia Conceição: o fazer dos assentados na construção do lugar para o viver”, apresentamos as pessoas com as quais dialogamos, buscando compreender como elaboram suas vidas, como organizam os espaços de seus lotes, os meios para promoção de suas rendas, aliados aos arranjos possíveis que lançam mão em face aos desafios para permanecerem no lugar, contando com a coragem e a teimosia em viverem a velhice na labuta do assentamento.

No segundo capítulo, com o título “O assentamento como lugar da chegada, da morada e da velhice”, analisamos o lugar da pesquisa, considerando a estrutura do assentamento no que se refere à composição de seus lotes e de quem os administram, bem como das questões ambientais e de produção de alimentos. Analisamos, ainda, as mudanças que ocorreram nesses 34 anos de história do assentamento, compreendendo se ocorreu a comercialização dos lotes e de como isso implicou em mudança na sociabilidade do lugar, bem como nos elementos que motivam a permanência dos antigos moradores, os quais atualmente se encontram vivendo a etapa da velhice.

Por último, no terceiro capítulo, intitulado “A velhice vivida e contada pelas memórias das pessoas que fazem os caminhos da Colônia Conceição”, apresentamos os

relatos das pessoas velhas do assentamento Colônia, tentando compreender o que pensam da velhice e como organizam seus cotidianos nos lotes. Consideramos o trabalho que executam, os projetos que acalentam, a assistência que recebem no atendimento à saúde, as sociabilidades que nutrem com a vizinhança, buscando, ainda, entender se esses são elos significativos a ponto de os mantê-los lá, com atenção especial para as relações de parentesco, auxiliares para a permanência (ou não) nos lotes de assentamento do assentamento Colônia Conceição.

Enfim, ressaltamos o fato de que este trabalho de pesquisa, analisando o viver a velhice no assentamento Colônia Conceição, constitui-se num instrumento que apresenta, ao mesmo tempo, os muitos resultados decorrentes da instalação de assentamentos no município de Nioaque (e mesmo no Brasil), que não podem ser vistos apenas pelo viés do sucesso e/ou insucesso econômico. Os novos lugares oriundos dos projetos de reforma agrária possuem múltiplos movimentos no que se refere à produção de alimentos, mas, em especial, ao viver com dignidade, sendo, portanto, lugares de conquista de direitos: direito de produzirem e usufruírem da produção de alimentos, com olhar sobre o meio ambiente; da manutenção de referenciais culturais nutridos por determinados grupos sociais; do modo como encaminham a produção conforme suas próprias necessidades (mesmo que mantenham certo viés de mercado), num questionamento da lógica do capital; e, especialmente, do direito à vida e do viver a velhice com sossego merecido, como recompensa pela labuta empreendida na trajetória das muitas andanças, até a chegada à morada da vida, no assentamento Colônia Conceição.

CAPÍTULO I

O ASSENTAMENTO COLÔNIA CONCEIÇÃO: O FAZER DOS ASSENTADOS NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR PARA O VIVER

Neste capítulo, apresentamos o lugar da pesquisa, por meio de dados sobre a implantação do Assentamento Colônia Conceição, no que se refere à infraestrutura que as famílias criaram após serem assentadas e as estratégias que encontraram para permanecerem no lugar. Para isso, iniciamos apresentando as pessoas que fazem o lugar e com as quais dialogamos no decorrer da pesquisa de campo, a fim de compreendermos o movimento de suas vidas no assentamento, desde os espaços de promoção da renda das famílias, até os arranjos possíveis que lançam mão em face aos desafios para viverem no lugar.

O Projeto de Assentamento Colônia Conceição, instalado no município de Nioaque, está localizado às margens da BR 419, trecho que liga os municípios de Nioaque e Anastácio, numa distância de trinta quilômetros de Nioaque e sessenta de Anastácio. Cabe destacar que no município de Nioaque foram criados outros oito assentamentos, sendo eles:

Assentamento Padroeira do Brasil, com uma área de 2.500,0000ha, dividido em 243 lotes, fundado no ano de 1984. Colônia Nova, com uma área de 1.314,1489ha, dividida em 88 lotes, criado no ano dia 03/12/1987. Assentamento Andalucia, com uma área de 4.946,1088ha, dividido em 166 lotes, criado no dia 24/09/1996. Assentamento Santa Guilhermina, com uma área de 7.994,7290ha, dividido em 224 lotes, criado no dia 12/22/1997. Assentamento Palmeiras, com uma área de 4.172,7154ha, dividido em 113 lotes, criado no dia 23/03/1998. Assentamento Boa Esperança, com uma área de 3.945,5065km², dividido em 126 lotes, criado no dia 23/12/1998. Assentamento Uirapuru, com uma área de 7.067,8847ha, dividido em 290 lotes, criado no dia 23/12/1998. Assentamento Areias, com uma área de 1.600ha, dividido em 81 lotes, criado no dia 13/10/2008. (INCRA, 2015).

Segundo dados do INCRA, expostos na obra de Menegat e Faisting (2011, p. 34), “[...] em Mato Grosso do Sul havia um total de 182 assentamentos instalados, sendo 174 criados pelo Governo Federal por meio do INCRA e oito pelo Governo Estadual”. Em Nioaque, como descrito acima, existem atualmente nove assentamentos, desses, oito foram implantados pelo Governo Federal e um pelo Governo Estadual.

É importante destacar que Nioaque é um município criado no ano de 1848 e ocupa uma área de 3.923,790 km², localizada na entrada do Pantanal sul-matogrossense. Tem sua economia voltada à criação de gado de corte, dispondo de um rebanho de 365.540 cabeças, segundo IBGE (2010). Conta com uma população de 14.391 habitantes, dos quais 7.057 residem na área urbana e 7.334 na área rural.

Notamos que a população do município de Nioaque, no que tange à questão urbano/rural, divide-se em termos de percentagem, de forma que a metade da população do município reside no campo. Isso é resultado da implantação desses assentamentos, que tiveram início na segunda metade da década de 1980, do século XX, motivados, conforme Menegat e Faisting (2011, p. 33), pela “[...] organização dos movimentos sociais, especialmente na década de 1980, movidos pela sinalização para a reforma agrária no Brasil, efetivaram encaminhamentos objetivando a consolidação do projeto de reforma agrária brasileira”. A criação dos assentamentos nesse município trouxe a formação de pequenas propriedades, num lugar de latifúndios.

Para os assentados que se instalaram na Colônia Conceição, o que os levou a Nioaque, vindo de seus lugares de origens, foi a falta de condições necessárias para neles se perpetuarem e, por isso, procuraram na migração para o sul de Mato Grosso a solução dessa situação. Foi nesse contexto, de dúvidas e incertezas, que aproximadamente 2 mil famílias se instalaram em terras indígenas no município de Porto Murtinho, durante os anos de 1972 a 1985, próximos ao distrito de Campão, atual município de Bodoquena, Mato Grosso do Sul. Porém, a paz dos posseiros nesse território foi abalada por conta dos conflitos pela posse e permanência na terra efetivados entre posseiros e indígenas. Os confrontos mais acirrados deram-se na primeira metade da década de 1980. Com apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), os posseiros foram transferidos para a Colônia Conceição, no município sul-matogrossense de Nioaque.

A criação do assentamento Colônia Conceição, que dentre os assentamentos de Nioaque é o campo da presente pesquisa, segundo o INCRA-MS, ocorreu no dia 25 de junho de 1985, sob a resolução de N° 060, tendo o número de SIPRA MS 0010000 (INCRA-MS). O ano de 1985 foi o mesmo ano em que se efetivava o I Plano Nacional de Reforma Agrária, que culminaria com a desapropriação de inúmeras áreas no Brasil inteiro, visando à formação de assentamentos rurais, que atenderiam a famílias sem terras.

Para a desapropriação da área da antiga fazenda, efetivada pelo o INCRA, participaram também representantes informais dos posseiros e foi mediada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), através de seus agentes e, sobretudo, religiosos, dentre eles padres e freiras. Religiosos que já se comunicavam com os camponeses, por meio dos encontros religiosos. Após uma série de encontros e reuniões entre os posseiros e os representantes do governo, os demandantes de terras se deslocaram para a área e participaram dos sorteios dos lotes. Foram realizados diversos sorteios, ou seja, quando o lote recebido mediante sorteio não era do agrado de quem recebia, era possível um segundo sorteio, com números de lotes que ainda não haviam sido sorteados e ocupados. Assim, os sorteios foram realizados em etapas, sendo os lotes preenchidos aos poucos, até completar o total de lotes disponíveis.

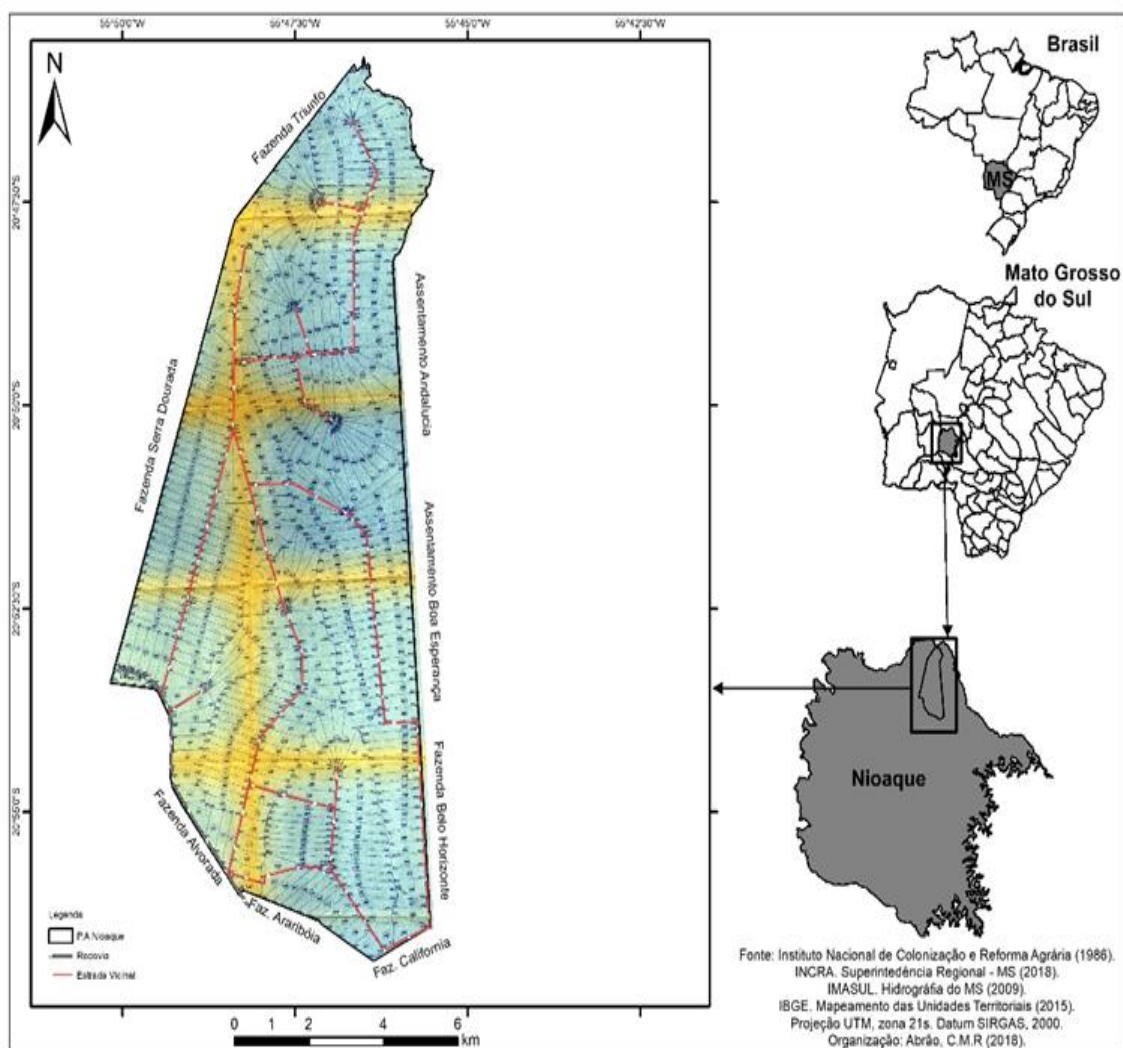
Após essa etapa, construíram-se pequenos barracos de lona dentro de cada lote, para receberem as famílias que viriam em seguida. Por isso, os assentados dizem que nunca acamparam, sendo transferidos de uma terra para outra, ou seja, da Terra dos Índios, localizada nos municípios de Bodoquena e Porto Murtinho, para o município de Nioaque, no assentamento Colônia Conceição.

A fazenda desapropriada para a criação do assentamento estava registrada com o nome de Conceição, denominação mantida pelas famílias. No entanto, nos documentos emitidos pelo INCRA, nos títulos dos lotes dos assentados, consta outra denominação, a de Projeto de Assentamento Nioaque. No entanto, na prática diária, os assentados denominam o lugar como Colônia Conceição, e por isso, optamos, neste trabalho, por considerar o nome simbólico do Assentamento, não o indicado pelo INCRA, em virtude de se constituir na forma como as famílias o nominaram, sendo Projeto de Assentamento Colônia Conceição. Com isso, respeitamos as trajetórias e o pertencimento como forma de vivenciar mais de perto a realidade e o processo de vivência dos assentados, além de reconhecer práticas cotidianas criadas na experiência do vivido, bem como para sermos entendidos no que se refere ao campo da pesquisa, visto que a nomeação oficial dificulta a localização do espaço em estudo.

Cabe destacar que acreditamos ser a manutenção do nome da antiga fazenda, acrescentando a ele apenas as denominações de colônia e de assentamento, uma forma de facilitar a sua localização em termos geográficos, ou seja, está relacionada à ideia de assegurar a identificação do lugar, haja vista que a população local conhecia o lugar sob a denominação de Conceição.

A área do assentamento Colônia Conceição é de 10.587,4535 (ha), dividida em 373 lotes e o tamanho desses varia entre 25 e 51 ha. Mas há uma predominância de lotes com tamanho entre 25 e 30 ha. Vejamos a disposição da área do assentamento no mapa original do INCRA-MS, no qual identificamos 373 lotes, aos quais são acrescentados a área da agrovila, identificada como centro rural, onde é possível encontrar pequenos estabelecimentos comerciais.

Figura 1: Mapa do Assentamento Nioaque (Colônia Conceição)



Fonte: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (1986). Organizado pelo autor e por Abrão, C. M. R.

São inegáveis as mudanças processadas com a divisão da antiga fazenda, quando considerada a criação do assentamento, especialmente, aquelas direcionadas à estrutura da fazenda, porque de um latifúndio, que pertencia a uma única pessoa, foram formados

373 pequenos lotes, neles assentando o mesmo número de famílias. No entanto, se somarmos o número de pessoas para além do representante jurídico, considerando o número de membros que cada família possuía no momento da chegada ao assentamento, chegaremos a mais de 1000 pessoas na antiga área. Anteriormente esse número era contabilizado em quantidade de cabeças de animais e essa por si só já é uma grande mudança.

As famílias, ao serem assentadas, passaram a imprimir múltiplas dinâmicas internas especialmente no que se refere à produção de alimentos diversos, bem como a mudanças externas, no contexto urbano do município, onde comercializam alguns produtos e adquirem o que necessitam. O destaque maior nas relações de comércio da Colônia está na criação e comercialização de bovinos, pois o gado figura como a atividade principal no assentamento seja pelo volume de animais dentro dos lotes, seja pela comercialização dentro e fora do assentamento. Esse aspecto remete-se ao modelo da fazenda desapropriada, pois mantinha o rebanho em áreas de pastagens, pois possui solos com características inadequadas para o desenvolvimento do cultivo de produtos agrícolas variados, direcionando, assim, as famílias para a manutenção da atividade que melhor respondesse a produção, a criação de gado.

Salienta-se que a criação de gado nos pequenos lotes difere do modelo anterior (da fazenda), embora seja a mesma atividade, o manejo foi reorganizado, porque os assentados passaram a combinar o gado de corte com o gado leiteiro e, também, associaram áreas de plantio de alimentos, como feijão, mandioca, frutíferas, dentre outras, que, mesmo ocupando área reduzida, se comparado à atividade com a criação de gado, formam uma nova configuração em termos de produção no assentamento. É a recombinação do velho na nova dinâmica, nem sempre um modelo desejado pelas famílias, mas o possível na dinâmica local, tanto em termos de potencial do solo, como de condições locais. Nessa contradição, costumam a vida pelas teias do possível.

Quanto à composição total da área da Colônia Conceição, essa é dividida em cinco linhas principais, ou seja, estradas que passam em frente aos lotes dos assentados. Essas linhas figuram como demarcação e subdivisões do assentamento, de forma que a quantidade de lotes em cada linha varia, dependendo da extensão da linha. As linhas possuem as seguintes denominações e distribuições de lotes: Linha da Jaguatirica, com 117 lotes; Linha do Taquarussu, com 102 lotes; Linha do Mané, com 72 lotes; Linha Dona Ilza, com 64 lotes, e a Linha Sede, com 18 lotes.

Na organização coletiva do assentamento, existem duas associações. A Associação da Agrovila da Colônia Conceição (AACC), com 80 sócios⁴ e a Associação Cultural Esportiva e de Produção Agrícola dos Assentamentos de Nioaque (MSABCD), com 21 sócios⁵. Há, ainda, escola, posto de saúde, igrejas e, também, uma agrovila, como apresentaremos ao longo deste capítulo. Conta, também, com linha de transporte coletivo para a cidade de Nioaque, sendo esta realizada uma vez no dia e em três dias da semana: segundas, quartas e sextas-feiras. Para o deslocamento, tanto interno como externo, a maioria das famílias possuem automóvel próprio, o que facilita irem e virem para visitas ou para proverem suas necessidades, bem como acessar serviços em geral.

1.1 As pessoas que fazem da Colônia Conceição o lugar da vida

No assentamento Colônia Conceição, foram assentadas 373 famílias. Com o passar dos anos, alguns lotes foram comercializados para terceiros, ou seja, alguns moradores por motivos diversos não conseguiram se adaptar e ou sobreviver em uma área coberta por mata densa e/ou com baixa fertilidade. Conseqüentemente, deixaram o lugar e com isso novos moradores adentraram a área. Há, ainda, lotes que foram vendidos e adquiridos pelos vizinhos, que uniram áreas, aumentando seus domínios para a produção. Atualmente é possível encontrar diversos assentados que possuem áreas ampliadas em virtude da compra de novas áreas das pessoas que foram saindo do assentamento e, assim, conseguiram melhores condições para viabilizar a atividade agropecuária.

Essa ideia de formar áreas ampliadas na dinâmica da organização de assentamento rural parece contraditória, se considerados os referenciais assegurados no Plano Nacional de Reforma Agrária, que dispõe sobre o modelo de assentamento organizado com pequenos lotes destinados à produção de alimentos, primeiro para a reprodução/sobrevivência familiar, depois para a venda do excedente.

No entanto, se analisada a ampliação sob as condições locais do assentamento Colônia Conceição, é possível encontrar outros elementos que até validam a nova

⁴ Associação da Agrovila da Colônia Conceição (AACC), possui um número significativo de sócios devido ao sistema organizacional da Agrovila atrelado ao engajamento dos demais moradores (do assentamento) na busca por políticas públicas que atenda às demandas da agrovila.

⁵ A Associação Cultural Esportiva e de Produção Agrícola dos Assentamentos de Nioaque (MSABCD), não contam com muitos sócios, uma vez que após 34 anos de existência do assentamento os donos de lotes não se sentem mais representados por associações. Fato ocasionado pela nova dinâmica econômica local que tem favorecido a baixa adesão dos assentados sobre quaisquer que seja o sistema de organização social coletivo.

reorganização, os quais na dinâmica da prática vivida foi sendo formada. Ou seja, na atividade com a criação de gado, a ampliação resolve o problema produzido pelo INCRA, quando da desapropriação para formação do assentamento, sabedor que era das fragilidades em relação à fertilidade do solo. Por esse motivo, deveria ter planejado lotes com tamanho maior, tendo como referencial na criação de animais de gado. Essa é uma atividade viável na produção dos pequenos e em qualquer lugar do Brasil, sobretudo, quando vem combinada com a produção de leite. No caso da Colônia Conceição, dada as condições do lugar, se mostrou a mais recomendada.

O INCRA não deveria ter se guiado pela meta de assentar maior quantidade de pessoas para resolver sua exclusão social, porque isso posteriormente gerou expulsão social, como indicado por Menegat (2009). A pesquisa da autora no Taquaral, assentamento no município de Corumbá, concluiu que o INCRA, ao assentar pessoas descapitalizadas em terras inapropriadas para o cultivo de produtos agrícolas, as quais não detinham poder econômico para melhoria do potencial do solo, acabou por não efetivar a inclusão social e produtiva no Taquaral. Apenas assentar não resolve, apenas visa a cumprir protocolo de que o Estado fez a parte dele: assentou famílias. Não considerar os critérios adequados para assentamento lançou-as à sua própria sorte. Por isso, a expulsão da qual nos fala a autora, com migração das famílias que não encontraram estratégias para viabilizarem a permanência nos lotes, resultando na reconfiguração da área por aquelas que dispõem de melhores condições para permanecer.

Em relação à composição das famílias da Colônia Conceição, essas vieram de várias partes do Brasil, sendo possível encontrar pessoas provenientes dos estados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais, sobretudo, dos estados do nordeste do Brasil. Essas deixaram seus estados de origem para tentarem sobreviver em solo sul-mato-grossense, para onde trouxeram e/ou constituíram famílias. Nos primeiros anos, as famílias eram compostas por um número maior de membros e nos lotes havia um sistema que se assemelha àquele relatado por Heredia, quando diz que “[...] o pai era quem organizava as atividades a serem feitas no roçado, enquanto a mãe era encarregada da organização das tarefas que se relacionavam com a casa” (HEREDIA, 1979, p. 11).

Cabe ressaltar que, no período da fundação do assentamento Colônia Conceição, as mulheres e as crianças faziam parte da força de trabalho familiar, desempenhando papéis no fazer do amansar a terra para produzir alimentos. Com o passar dos anos, os filhos foram crescendo, constituindo novas famílias e saindo do assentamento, seja para

trabalharem nas cidades ou para assumirem seus próprios lotes. Os pais ficaram e, ainda, lá estão na labuta diária dos trabalhos com o lote, fazendo com que o assentamento atualmente tenha na gestão dos lotes, em sua maioria, a dinâmica de pessoas mais velhas, como veremos ao longo deste trabalho.

A realidade da Colônia Conceição nos leva a relacioná-la a outros assentamentos, onde ocorre uma conjuntura social de mobilidade, decorrente dos processos de industrialização e urbanização, como descreve Scalon (1999). Esses processos impulsionam os jovens a se deslocarem para os centros urbanos principalmente pela carência de políticas públicas de incentivo à permanência, como aponta os estudos de Castro (2016). Com isso, há uma redução da mão de obra familiar nas unidades de produção do assentamento, bem como a sucessão na gestão dos lotes.

Na Colônia Conceição, atualmente o número de membros familiares reduziu drasticamente, e dificilmente se verificam famílias com dois filhos ou mais dentro do lote, salvo aqueles lotes onde os donos estão abaixo dos 59 anos. O misto de jovens e crianças, embora persista, é notadamente em menor número em relação aos primeiros anos de assentamento, momento em que as famílias eram compostas por jovens casados, com muitos filhos e /ou em plena expansão de suas famílias, sendo comum o nascimento de muitas crianças. No momento atual, vem ocorrendo o processo de envelhecimento da população, aliado ao vazio demográfico resultado da comercialização de lotes. Esses elementos povoam a mente dos assentados que frequentemente apontam a ausência de jovens e de crianças como causa desse vazio, como apresentaremos no capítulo II. Nesse sentido, percebemos um misto de saudosismo e melancolia, frente ao momento atual, especialmente, porque a criançada e a juventude reduziram em quantidade.

Os lotes do assentamento contam com uma maioria de moradores velhos/as, que insistem em se manterem lá e, também, manterem o lugar, não só como guardadores, que ali residem para demarcar a posse, mas como pessoas ativas produtivamente. Assim, imprimem dinâmica na produção, vivendo do que tiram dos lotes, mesmo contando com o recurso que recebem do Governo Federal por meio do benefício da aposentadoria⁶. A combinação - aposentadoria e rendimento do trabalho no lote - traz condições favoráveis financeiramente, produzindo certa tranquilidade no viver a velhice

⁶ A aposentadoria rural é um benefício concedido à população que reside no campo. O homem tem direito ao benefício após os 60 anos de idade, e as mulheres aos 55 anos de idade, após comprovarem que moram na área rural há pelo menos 15 anos.

na Colônia, porque acumulam o que retiram com a comercialização de produtos com o valor que recebem da aposentadoria. Assim, essa combinação oportuniza certa tranquilidade, associada à calma do lugar, além de criar condições para velhice confortável.

Cabe destacar as dificuldades em mensurar a quantidade de pessoas que efetivamente moram no assentamento, pois existe uma multipluralidade no sistema ocupacional dos lotes da Colônia Conceição. O fato de cada assentado possuir sob seu domínio a titularidade⁷ jurídica, a documentação legal de cada lote, oferece-lhe autonomia perante o INCRA para comercializarem lotes quando desejarem. Deterem a titularidade fez com que os assentados que por motivos diversos não conseguiram lá se manterem, vendessem seus lotes. Diante desse fato, existem assentados que residem na Colônia desde 1985, quando da criação do assentamento, mas há também outros que chegaram posteriormente, que foram adquirindo lotes por meio da compra. Desse modo, há uma pulverização do que se poderia definir como sistema ocupacional da área da Colônia Conceição, havendo um misto entre antigos assentados, que chegaram no momento da instalação do assentamento, e aqueles que, ao longo dos 34 anos da história do lugar, foram comprando lotes e se organizando em sua dinâmica, elemento que dificulta mensurar quantos ficaram e quantos partiram.

Nesse vai e vem de pessoas, é possível encontrar lotes vazios, sendo apenas explorados economicamente com a criação de gado. Isso ocorre especialmente com aqueles que foram sendo comprados por um único assentado, que reuniu áreas de diversos lotes, e efetivou a infraestrutura habitacional em apenas um deles. Há outros lotes usados como sítios de lazer, quando o dono transita por ele apenas em finais de semana e feriados. Em outros, moradores adotam certa sazonalidade, hora moram na Colônia, hora vão embora para alguma cidade.

Diante dessa complexidade, podemos dizer que dificilmente pode se mensurar o número exato de habitantes. Contudo, diante do vai e vem de pessoas e de sua mobilidade dentro da Colônia, observamos que, embora seja complexo entender quem e quantos são esses sujeitos sociais, alguns indicadores locais, dentre eles as escolas e o posto de atendimento à saúde, servem e apontam elementos da presença, tanto de

⁷ Parte dos assentados detém a titularidade da terra, mas encontram-se no assentamento lotes regularizados a partir de 2012 que ainda não possui a titularidade da terra. Mas de todo modo, o simples fato da garantia e ou possibilidade de titularizar a terra, provoca uma certa sensação de segurança para quem pretende adquirir lotes dentro da colônia. Portanto, explica-se essa multiplicidade de donos de lotes, como fruto do novo sistema ocupacional de terras da reforma agrária possibilitado pela titularidade.

crianças e de jovens no assentamento e, sobretudo, no que se refere ao envelhecimento da população, visto que acessam e transitam por esses locais.

Durante os trabalhos de campo, mantivemos contato com os agentes de saúde, que atuam dentro da Colônia e por meio de suas rotinas de trabalho realizam visitas nas casas de cada lote e nas diversas linhas. Com eles, conseguimos o número exato de velhos que moram no referido assentamento. Embora os números sejam quantitativos, eles apontam para a idade e sexo, principalmente, para o quantitativo geral de pessoas acima dos 60 anos de idade, que moram e são atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), salvo algumas pessoas que estão residindo na Colônia temporariamente.

Com os dados que recebemos dos agentes de saúde, reunimos a quantidade de pessoas atendidas por cada agente de saúde local e chegamos ao número de 200 pessoas que já estão velhas. Essas pessoas são atendidas pelo Programa de Hipertensão do município, o qual é realizado no posto de saúde, na área da Colônia Conceição. Assim, no capítulo II, vamos nos debruçar diante desses dados para entendermos quem são os velhos e como estão se articulando dentro dos lotes. Nesse momento do estudo traremos um olhar sobre a composição dessas famílias, o número de mulheres, de homens, de cônjuges, e analisaremos se há um misto de jovens e velhos naqueles lotes ocupados por eles, bem como quantos lotes estão sendo conduzidos produtivamente pelo grupo de pessoas velhas. Assim, compreenderemos como é viver a velhice na Colônia Conceição.

1.2 As residências das famílias assentadas

Em relação às residências das pessoas assentadas, durante os levantamentos dos dados da pesquisa de campo, notamos que todas as edificações contam com energia elétrica. Nas margens das estradas, encontra-se instalada a rede de distribuição, composta de energias trifásica e bifásica. A trifásica é pouco usada pelos moradores, que a utilizam apenas para tocar algum equipamento elétrico que demande tamanha quantidade de energia.

Quanto ao estado de conservação das residências, observamos a seguinte situação: em 78 lotes, as casas estão em ótimo estado de conservação, ou seja, são grandes, bem espaçosas. Algumas foram construídas recentemente, a menos de cinco anos; outras, embora antigas, passaram por reformas, como pintura e ampliação, realidade destacada nas fotos abaixo.

FOTOS 1 e 2: Casas e seus entornos



Fonte: Registro feito pelo autor durante pesquisa de campo, fotografado dia 13/05/2019.

Ao observarmos as fotos acima, entendemos que a casa para o assentado realmente configura-se como “a morada da vida”, descrita por Heredia (1979), lugar onde a família se abriga, se alimenta, repousa. A primeira imagem se destaca pelo refino do acabamento, aliado à área de descanso e comemorações, evidenciados na varanda e churrasqueira. A segunda remete-se a um espaço mais simples, porém carregado do cuidado com as plantas, a ampliação da edificação e, sobretudo, com o contato estreito dos moradores com o ambiente. O terreiro de chão batido, presença de elo com a roça, trata-se de uma característica mantida que teima em perdurar, mesmo em tempos de mudanças da edificação.

Em ambas as casas, a porta de acesso se encontra na frente. “A sala é o ambiente que comunica o interior com o exterior e por isso é o lugar menos privado da casa. Por outro lado, dentro da casa, a sala é também o espaço do pai de família; nela, ou os vizinhos e parentes para conversar” (HEREDIA, 1979, p. 90). Já a cozinha, assemelha-se ao que descreve Heredia (1979, p. 90).

A cozinha, situada no extremo oposto da habitação, é o lugar específico da mãe de família. É onde se preparam os alimentos e, em consequência, a mulher permanece ali a maior parte do dia. Ao contrário do que acontece com a sala, as pessoas estranhas não têm acesso à cozinha, pois só entram na casa pela cozinha as mulheres vizinhas e parentes.

O entorno das casas fazem eco às descrições de Heredia (1979, p. 38), quando afirma que o “[...] setor exterior imediato a essa porta de acesso ajuda a definir a frente

da casa, já que nela se encontram concentrada a maioria das arvores frutíferas que cercam a moradia”.

O número de residências em estado de conservação regular está presente em 205 lotes, mas existem projetos para melhoria, como o caso do colono do lote 89, que pretende realizar reformas, as quais são descritas assim:

Já estamos velhos essa casa aqui está boa, pretendo apenas erguer essa varanda, ela está muito baixa. Quero também cobrir o poço, proteger, fazer uma varanda em cima dele. Da até para alguém dormir lá, sabe é aqui tem muita gente, a família está crescendo igual à família do seu Joaquim (Assentado na Colônia, linha do Mané, 63 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2018).

Quando o assentado afirma: “aqui tem muita gente”, ele está se referendo à quantidade de filhos e netos que frequentam a sua casa. Contudo, isso ocorre apenas em finais de semanas e feriados, pois estes parentes moram em outros municípios, porém visitam os pais com regularidade. Quem permanece no assentamento é a pessoa velha, mas cheia de projetos futuros, de melhoria na morada da vida.

Nas residências, são identificadas reformas periódicas, com raras ampliações, mas a contento, de acordo com as vivências dos assentados. Nesse levantamento, encontramos 86 habitações, as quais estão malconservadas. A grande maioria dessas edificações estão em lotes comprados para o único fim – criação de gado. Neles não existem moradores residindo. Nesse cenário, também encontramos residências com estado de conservação ruim, ocupadas por famílias que não possuem condições financeiras favoráveis para realizar manutenção e isso reflete no cuidado com a edificação.

Existem, ainda, lotes que contam com mais de uma moradia. A casa principal é ampla e bem conservada, já a segunda casa é destinada a receber agregados e aparenta aspecto mais simples e o tamanho é menor.

No que se refere ao entorno das casas, num primeiro olhar, notamos a presença de pomares na maioria dos lotes, encontrados em 262 lotes, ou seja, 70,24% dos lotes são rodeados por frutíferas, com destaque para a manga e os cítricos em geral. Entretanto, somente os pomares mais adensados e amplos estão de acordo ao que diz Primavesi (2016). “Em pomares e cafezais é importante manter o solo, nas entrelinhas, sempre coberto por vegetação ou restos vegetais” (PRIMAVESI, 2016, p. 168). Somado a ações ligadas, “a diversificação da vida do solo ocorre pelo uso de espécies diferentes

de plantas, bem como pelo seu uso de variedades diferentes da mesma espécie, em que uma é capaz de explorar o espaço radicular da outra, sem conflitos” (PRIMAVESI, 2016, p. 86).

É compreensível a ausência de vegetação ou resto de tratos culturais nos pomares próximos às casas da Colônia, contrariando o que indica Primavesi (2016), visto que lá os pomares foram implantados pensando em sombra para a família. Assim, a limpeza permanente do solo é vista como cuidado necessário para ter um espaço acolhedor, onde a família possa desfrutar, livre de obstáculos e de animais indesejáveis, tais como serpentes, escorpiões entre outros.

O arranjo dos pomares nos lotes sugere a garantia de uma junção entre fonte de alimento e sombras para as residências, o que ameniza as altas temperaturas do lugar. Além disso, os pomares servem de proteção contra as intempéries climáticas especialmente contra a força dos ventos, bem presentes na região em determinadas épocas do ano. Vejamos como o assentado do lote 89 relata sobre as plantas que compõem o entorno da casa.

Nós gostamos de ter um lugar gostoso, cheio de sombra, mais a gente se preocupa é com o vento, aqui venta muito. Eu ainda estou plantando umas ali no meio dos pés de manga. Também adoro flores, folhagens, eu gosto de ter minhas plantas aqui. (Assentado na colônia, linha do Mané, 63 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2018).

Ademais, outros assentados entrevistados destacaram que a introdução de plantas no entorno das residências deve-se também a fatores, como sombra para minimizar o calor, proteção para controlar a força dos ventos e alimentação, pois as árvores frutíferas são utilizadas na alimentação. Assim, observamos em cada planta cultivada uma ou mais funções na composição do arranjo do entorno das casas, como aponta Harwood (1986) que as plantas nos quintais, além de serem fontes de alimento, fornecem sombras, protege a casa contra ventos fortes ainda agrega valor estético ao arranjo paisagístico convertido em um espaço acolhedor e agradável para a família.

Compondo o cenário das plantas é comum encontrar mesas, cadeiras e bancos, distribuídos embaixo das árvores mais frondosas principalmente das mangueiras, lugar onde fazem o churrasco nos finais de semana e em datas comemorativas, tornando o quintal uma extensão da própria casa, como indicado por Heredia (1979, p. 38):

Há um cuidado especial em manter esse terreiro limpo, varrendo-o com maior frequência que ao resto porque este é o espaço “público” da casa. É

nesse terreiro da frente da casa que os homens da família se reúnem quando regressam das tarefas agrícolas, e nas épocas de calor, descansam à sombra das árvores durante os intervalos do trabalho diário. O terreiro na frente também serve de local de reunião com os vizinhos quando estes vêm a casa para conversar.

O quintal é também o lugar onde os membros da família tomam o tereré (bebida típica de Mato Grosso do Sul à base de erva-mate), assim como tem a função de espaço para receber visitas, sejam aquelas que chegam da vizinhança, ou mesmo as pessoas de fora do assentamento que, ao chegarem às casas, direcionam-se primeiro para a sombra das árvores, ao invés de adentrarem o interior das casas. Nesse formato, as sombras das árvores, onde são encontrados bancos de madeira, assumem sentido de sala de estar e sofá.

A sala de estar, conforme Heredia (1979), é o cômodo mais importante de uma casa, porque é por ela que as pessoas de fora são acolhidas. No caso do assentamento, essa acolhida normalmente acontece pelo pomar por onde os visitantes vão chegando e se acomodando nos bancos de madeira rústica, sob a sombra das árvores, sendo comum permanecerem apenas nesse espaço durante as visitas, sem adentrarem a casa. Lá conversam, bebem café, comem algum alimento que é oferecido, reúnem-se para troca de ideias. Por isso, é comum encontrar mesas debaixo das árvores e, assim, sob a sombra do pomar os/assentados/as da Colônia trabalham, descansam, confraternizam e se alimentam. As imagens a seguir retratam a organização do lugar.

FOTOS 3 e 4: Os pomares nos quintais e a estrutura para a acolhida e descanso.



Fonte: Registro feito pelo autor, durante pesquisa de campo, fotografado dia 13/05/2019.

Os pequenos espaços entre as plantas formam uma barreira contra os ventos. Por isso, quando necessitam retirar um pé de frutífera, os/assentados/as da Colônia têm a preocupação de introduzir outra, seja no mesmo espaço ou em um lugar próximo, recompondo o paisagismo frutífero do lote. A preocupação com esses espaços, para Pinheiro (2005), está direcionada à representação da identidade cultural dos sujeitos do campo. Eles enxergam na produção efetuada no lugar que ocupam elementos que dão sentido para o viver no campo.

O fato de parte significativa dos assentados se encontrarem na velhice faz essa prática ainda mais presente no fazer diário, visto que possuem muitos anos com trabalhos na terra, dependendo da produção e do alimento que produzem. Nessa lógica, as árvores frutíferas evidenciam o enraizamento das pessoas no lugar, porque para que ocorra a frutificação, após o plantio das mudas e/ou sementes, são necessários muitos anos, esperando até que as plantas cresçam e frutifiquem.

Nesse sentido, formar um pomar evidencia intenção de permanência no lugar. Por isso, o orgulho que sentem em dizerem que foram eles que plantaram as sementes e/ou as mudas e agora colhem os frutos. Isso tem sentido de cuidado, de dedicação ao lugar, de recompensa pelo trabalho e, especialmente, de coragem e luta em construir a vida, mesmo diante das dificuldades. Ao receberem os visitantes na sala em formato de quintal/pomar, estão valorizando esses elementos, fortalecendo a ideia da morada da vida na Colônia Conceição.

Nas conversas debaixo das árvores, alguns aspectos curiosos aparecem, como aqueles que se remetem aos motivos da formação do pomar, agora frondoso, nas histórias contadas aos visitantes sobre a origem da formação do pomar, quando enfatizam os percursos das sementes, muitas presenteadas/trazidas por conhecidos ou parentes, as quais hoje se constituíram em árvores. Com isso, imprimem outros sentidos às plantas, para além de se constituírem em variedades e/ou espécies. Estas possuem histórias e trajetórias de procedência, visto que ali chegaram por laços do compartilhar social.

Em relação ao abastecimento de água e à distribuição da rede de água na Colônia, podemos considerá-la satisfatória dada à geografia local, visto que a área está serpenteada por vários córregos que em certa medida margeiam uma porcentagem significativa dos lotes. O lençol freático é alcançado nas perfurações de poços de boca⁸,

⁸ Poço de boca significa a perfuração no solo realizado manualmente, geralmente atinge o primeiro lençol freático. A profundidade varia de um ponto a outro do assentamento, dependendo da profundidade

chegando até a água por volta dos 10 metros. Porém, essa profundidade varia de um lote para outro, ou mesmo na área de cada lote, dependendo da topografia do terreno. Em um único lote, pode-se encontrar água a 1 metro de profundidade, especialmente, próximo dos córregos. Mas na parte conhecida como cabeceira dos lotes, a profundidade da perfuração dos poços, para alcançar a água, pode chegar a 45 metros.

Diante desse cenário, podemos afirmar que a água disponível dentro dos lotes é irregular e por essa razão pode inviabilizar a atividade agrícola e até mesmo a vida da família no lugar pela falta de água na residência e/ou em certas partes do lote.

Tendo em vista as especificidades, em quase toda a Colônia existem poços artesanais para sanar parte do problema de abastecimento de água. Atribuímos parte do problema às constantes problemáticas com esses poços, tais como: bombas queimadas, rede de distribuição rompida, quedas de energia elétrica, entre outros. Todavia, não se viu no quesito água um fator limitador ou queixa substancial dos assentados. Porém, não se pode afirmar que contam com o recurso de forma a contento em todos os lotes, visto que existe uma série de fatores que influenciam direto ou indiretamente na disponibilidade da água.

1.3 O lugar da morada: o assentamento, o lote, a casa e a vizinhança como elos para a boa velhice

O lugar da morada, ou seja, a casa do assentado se completa com o lote, com o assentamento e com os vizinhos, pois os espaços se fundem entre o lugar do descanso, o lugar do lazer e o espaço de trabalho. O ambiente da família é também aquele para receber parentes, amigos, vizinhança. Também compõe o conjunto os animais domésticos, que se complementam com os animais de grande porte, apontados nesta pesquisa pela criação de gado, sobretudo, de corte.

Além dos lotes, toda a rede de vizinhança parece estar conectada com os assentados. Eles sempre descrevem a importância da amizade dos vizinhos, retratando-os como “amigos”. Desse modo, a Colônia funciona como um elo entre as pessoas, seja pela proximidade dos lotes, seja pela história de vida e superação desses assentados. Para o assentado de 65 anos, nosso informante, as possibilidades que se apresentam em viver no campo são os fatores primordiais para continuar vivendo na Colônia, dentre

eles está o aspecto que versa sobre a sua mobilidade, ou seja, condições de ir e vir sem muito esforço. Ele retrata essa mobilidade através dos meios de transporte. O assentado relata:

Lugar melhor do que esse aqui que a gente está vivendo! Toda cidade é perto, você sai daqui, em meia hora, uma hora você está na cidade. Pra que você quer ir morar na cidade? Você tem que viver aqui, arrumar uma caminhonete e viver aqui, eu penso assim. Não precisa ir para cidade, lá você tem que comprar um limão, aqui você não precisa compra, tem que comprar uma banana, aqui você não precisa comprar, uma batata tem que comprar. Nós aqui têm tudo que ajuda um ovo você não precisa comprar um frango você não precisa comprar. (Assentado na colônia, linha da Jaguatirica, 65 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Aliado da mobilidade, o assentado salienta a facilidade de transpor espaços, visto que em 30 minutos consegue se deslocar do campo até a cidade, o que está entre as vantagens de se viver na Colônia. Outra vantagem, segundo o assentado, está no “ter de tudo”: ovos, frangos, frutas e outros alimentos que dependem apenas da dedicação deles em cultivá-los, num espaço disponível, diferente da cidade, onde teria de comprar esses alimentos. Durante as entrevistas, os assentados velhos manifestaram satisfação e alegria em morarem no Assentamento Colônia Conceição, num pertencimento e alegria que se fundem com tudo que já realizaram na transformação e manutenção dos seus lotes.

Eu vivo bem, nossa não tenho o que falar daqui eu ando por aí, eu já tenho falado pra minha esposa. Se eu tivesse ficado lá em Minas Gerais, na época que eu estava lá ou vindo aqui para o Mato Grosso. Porque eu sou mais Mato-grossense do que mineiro, então gostei mais daqui que é um lugar que eu já morei mais. Já está com 34 anos que nós estamos aqui, então eu acho bom porque, amizade, graças a Deus eu tenho muita amizade, já cheguei na velhice, tenho minhas filhas, já tenho netos, bisnetos. Eu fico muito contente de viver aqui a pesar de que a gente não aguenta mais trabalhar como quando eu cheguei aqui. Mas dá pra gente ir virando bem. A gente já tá veio para que trabalhar muito mais. (Assentado na colônia, linha do Mané, 71 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

A morada, para eles, é o espaço onde, embora tenha tantas adversidades, superam e mais ainda prosperaram. Hoje podem olhar para trás e dizerem que venceram uma condição de marginalidade e estão gozando de uma condição de privilégio, especialmente, pela fase de plena velhice. Entretanto, é essa velhice que de alguma maneira contribui para a melhoria das condições econômicas, visto que contam com a aposentadoria. “A aposentadoria para mim é tudo, eu compro, dou para os filhos, se alguém precisa e colaboro. Eu comprei um terreno em Caarapó, comprei esse carro,

pagando por mês. Esse dinheiro é uma benção de Deus” (Assentada na colônia, linha do Mané, 73 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Para a assentada, o dinheiro da aposentadoria é mais importante que o dinheiro do gado. Ela vende gado para pagar a limpeza do pasto, conhecida como *roçada de pasto*, momento que deve dispor de maior quantidade de recursos. Destaca que fez tratamentos de saúde que exigiram elevado recurso, utilizando da aposentadoria, somados com a venda de gado. Por fim, destaca: “Eu não tenho plano de ir embora, tudo que tenho aqui eu nunca vou tirar daqui... quando eu morrer eles (filhos) vêm ficar aqui durante o final de semana”.

Os velhos/as desaceleram e estão dando mais atenção às coisas simples da vida, como as amizades. Contudo, visando a se precaverem para continuarem tendo uma vida com certa qualidade, atentam-se para a saúde. É nesse aspecto que a vizinhança se mostra fundamental, porque em caso de necessidade conseguem, num primeiro momento, serem atendidos pelos mais próximos, os vizinhos, e na sequência pelos filhos, que mesmo já não se encontrando nos lotes, estão nas cidades próximas à Colônia. Por isso, o agradecimento que parecem apontar para o lugar que lhes propiciou meios para formar filhos e atualmente lá viverem.

Eu ainda faço alguma coisa, trabalho um pouquinho fazendo uma cerca, mas eu sinto muito feliz, porque a gente alcançou essa idade 71 anos, então eu sou feliz, porque até aqui, eu nunca tive inimigo, sempre tive amigos, todo lugar que a gente vai às pessoas manifestam bondade com a gente, então eu sinto muita alegria, muito prazer, não tenho desprazer com filha, neta até aqui graças a Deus. Eu tinha vontade de minhas filhas ser tudo formadas, mas pra duas eu não consegui, mas tem duas formadas. Eu sinto bem se a gente está até aqui, eu não tenho desprazer, eu tenho é prazer, como se diz, eu tenho amizade. É um prazer, está vendo o movimento da minha família, dos amigos, eu trabalho, mesmo que a força é pouca, mas da pra fazer muita coisa inda. (Assentado na colônia, linha do Mané, 71 Anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Mesmo diante da velhice, o assentado descreve que ainda é possível continuar realizando algumas tarefas. Ele demonstra satisfação por ser uma pessoa amistosa, bem recebida em todos os lugares da Colônia, sendo sua maior alegria a família, um elo retratado por ele na figura de suas filhas.

1.4 Espaços compartilhados: a estrutura educacional e de serviços

Na Colônia, existe uma escola municipal que atende do primeiro ao nono ano do ensino fundamental, denominada Noé Nogueira Polo, a qual possui uma extensão no

assentamento Boa Esperança. No entanto, essa extensão atende apenas aos alunos dos anos iniciais da educação básica, ou seja, às crianças do primeiro ao quinto ano que residem naquele assentamento. Há indicadores de que essa extensão logo será fechada devido ao pequeno número de alunos. Já a escola Polo, além de atender aos educandos da própria Colônia também atende às crianças dos assentamentos Boa Esperança e Andalucia.

A escola funciona em dois períodos, matutino e vespertino, e seu prédio conta com seis salas de aulas, biblioteca, secretaria, sala de professor e de coordenador, sala de tecnologia, cantina, cozinha, refeitórios e sanitários. Para atender aos 223 alunos, possuem 35 funcionários, destes 14 administrativos e 21 professores, desse número a maioria reside na Colônia Conceição e nos assentamentos vizinhos. Dentre os professores, 12 deles residem na Colônia Conceição, quatro no Assentamento Boa Esperança, dois na Colônia Padroeira do Brasil, outros dois no Assentamento Andalucia e um no Assentamento Areias.

Os educandos, após concluírem o ensino fundamental, são transferidos para a Escola Estadual Padroeira do Brasil, localizada no assentamento de mesmo nome, a qual se encontra a 10 km de distância do primeiro acesso da Colônia Conceição, ou seja, se considerar apenas a entrada da Colônia, a escola Estadual Padroeira do Brasil está relativamente próxima. Porém, devido à área total da Colônia, muitos alunos percorrem mais de 30 km para acessarem a escola estadual.

Os alunos dos Assentamentos Boa Esperança e Andalucia percorrem distâncias ainda maiores, podendo chegar a 50, 60 km da Escola Padroeira. Já os alunos do Assentamento Areias percorrem por volta de 25 km para estudarem, visto que a escola desse assentamento foi fechada, em decorrência do pequeno número de alunos das séries iniciais e finais do ensino fundamental. Assim, os alunos que ainda lá residem são transportados para a Padroeira do Brasil.

No levantamento de dados na Escola Estadual Padroeira do Brasil, em 2019, estavam regularmente matriculados 23 alunos no 1º ano, 19 no segundo e 17 no terceiro ano, totalizando 59 alunos no ensino médio. Dentre estes, 24 são moradores da Colônia Conceição. Observamos que o número de alunos no ensino médio aponta para o envelhecimento populacional, incidindo diretamente na quantidade de pessoas em idade escolar, se considerarmos que a Colônia possui 373 lotes, mas de alguma maneira vem caindo sistematicamente o número de alunos matriculados nas escolas.

Ainda em relação à infraestrutura do assentamento, no interior da Colônia existe uma agrovila que foi planejada pelo INCRA durante a implantação do assentamento. O objetivo das agrovilas seria concentrar a população de assentados em um núcleo urbano. Desse modo, o Estado poderia construir escolas, posto de saúde e, ainda, distribuir água e energia dentro dessa agrovila, meta para a redução de custos. Porém, segundo os assentados, após cinco anos de efetivação do projeto de assentamento, essa agrovila foi loteada entre os assentados, mas, diante das grandes distâncias entre o núcleo urbano da agrovila e a maioria dos lotes, nenhum assentado construiu nela.

Esse fato nos leva a dialogar com Menegat (2008, p. 231) ao apresentar o campo de sua pesquisa, o assentamento Taquaral, quando diz que “[...] observamos, então, que o abandono do projeto das agrovilas ocorreu em virtude de ele não ser o projeto vislumbrado pela maioria das famílias e sim o projeto do Estado”. O fato de separar moradia do trabalho descola o assentado do seu lote e a lida diária com o campo e os animais. Então, os assentados viram o fracasso do projeto da agrovila, o qual não vingou. Ainda, segundo Menegat (2008, p. 231),

As agrovilas efetuariam a separação entre público-privado, que é típica do meio urbano, onde o trabalho assalariado, fora de casa, leva separação entre as duas jornadas. No meio rural, essa separação é artificial, pois o espaço e o modo de vida tendem a ser construídos de forma a conjugar o trabalho produtivo e o reprodutivo.

Acredita-se que a agrovila foi pensada para aglomerar os assentados, criar espaço que se assemelhasse ao urbano, contudo os assentados eram pessoas que viveram sempre em ambiente rural. Romper com esse modo de vida, deslocar-se de um núcleo urbano para seus lotes de trabalho seria algo impensável, sobretudo, pelo pertencimento com a terra e as relações produtivas em seus lotes. Além disso, para os assentados estar na terra, ou seja, estar em seus lotes, seria a maneira mais eficiente de assegurar a sua posse. Segundo Menegat (2008, p. 231):

[...] nas agrovilas, impostas pelo Estado, um rompimento com seu projeto de vida e é nesse rompimento que está a raiz da recusa, uma vez que elas procuraram estabelecer em um único lugar uma espécie de junção entre tempo de trabalho e tempo de vida, sendo o tempo e o espaço da produção e da reprodução contínuos.

Contudo, com o passar dos anos, alguns assentados, que tinham lotes próximos à referida área, decidiram residir nela. Somaram-se a eles os primeiros donos de vendas, pequenos comerciantes e, posteriormente, outras famílias foram se instalando no

povoado. Estas últimas ocuparam os terrenos que se encontravam vazios, formando uma pequena vila de moradores envolvidos com o comércio local. Nessa área, também residem pessoas velhas e por esse motivo optamos por discorrer sobre a agrovila, tendo em vista dois cenários: a existência de um modelo de concentração populacional que não se efetiva da mesma forma e proporção em assentamentos de reforma agrária. Segundo, por identificar de maneira acentuada a presença de velhos se instalando, fixando morada no núcleo urbano da referida Colônia. Atualmente, segundo o senhor “Ernesto”, Presidente da Associação de Moradores, a Agrovila está disposta da seguinte maneira: seis ruas, que dão acesso a mais de uma centena de casas, destas muitas se encontram vazias, umas estão em bom ou ótimo estado, mas a maioria é constituída de pequenas construções ainda inacabadas. A imagem 5 ilustra a disposição das casas na Agrovila.

FOTO 5: Rua principal da agrovila



Fonte: Registro feito pelo autor, durante pesquisa de campo, fotografado dia 13/05/2019.

A população que ocupa a área da Agrovila é constituída por aposentados, seguida dos filhos de assentados que constituíram suas próprias famílias e saíram dos lotes dos pais. Há, ainda, pessoas que não possuem lotes no assentamento e encontraram na Agrovila um lugar para se organizarem. O cotidiano da Agrovila é permeado por um ambiente de relativa calma, o que é explicado pelo fato de identificar de tempos em tempos algumas perturbações sociais causadas por bebedeiras e conflitos diversos. Desse modo, embora seja um lugar calmo, não é isento de conflitos. Contudo, as

pessoas que lá residem precisam de uma fonte de renda para sustentarem suas famílias e a saída encontrada por essas pessoas versa sobre o trabalho em empreitas e diárias, seja em fazendas do entorno, seja no próprio assentamento realizando serviços para os assentados, quando estes necessitam de mão de obra para tocar os serviços nos lotes.

Apesar de a Agrovila parecer um lugar precário em termos de infraestrutura, identificamos nos depoimentos dos moradores a existência de acesso ao básico, como atendimento pela rede de distribuição de água, advinda de poço artesiano e coleta de lixo pela prefeitura, que ocorre de quinze em quinze dias. Há, ainda, alguns estabelecimentos de negócio, tais como: mercado, mercearia, bares, agropecuária, oficina de moto, loja de materiais de construção, que abastecem a população da Agrovila, dos lotes da Colônia e, também, dos assentamentos do entorno, visto que comumente se encontram pessoas dos Assentamentos Andalucia e Boa Esperança buscando adquirir o que necessitam no comércio da agrovila da Colônia Conceição. Entretanto, esses estabelecimentos comerciais são pequenos e movimentam pouco volume de mercadorias. Além disso, como os comerciantes adquirem os produtos no comércio urbano da cidade de Nioaque, revendem as mercadorias nos estabelecimentos da agrovila por preços altos, fazendo com que a maioria dos habitantes realize, sempre que possível, as compras dos produtos que necessitam diretamente no comércio das cidades mais próximas, dentre elas Nioaque.

Observamos, ainda, com a pesquisa de campo, a religiosidade fazendo-se presente na Colônia Conceição, onde identificamos 14 igrejas, sendo cinco da Igreja Católica e nove evangélicas (de várias denominações). Na Agrovila, são quatro prédios religiosos, dos quais um é uma igreja católica e três são igrejas evangélicas.

O assentamento conta também com atendimento de saúde, que acontece na unidade de saúde pública, uma edificação localizada na sede da Colônia e que está organizada em nove salas, sendo: consultório médico, consultório de enfermagem, sala de vacina, sala de procedimentos, sala de recepção, consultório de dentista, sala de acolhimento e triagem, sala de reunião, almoxarifado, cozinha e sanitários masculinos e femininos. “O posto de saúde atende a 773 famílias de 768 domicílios, destas 353 pessoas são hipertensas e 102 são diabéticas, totalizando o número de 2004 pessoas no raio de atendimento dessa unidade básica de saúde” (Prefeitura Municipal de Nioaque, Secretaria de Saúde, 2017).

Para atender à demanda da Colônia e assentamentos vizinhos, 12 agentes de saúde acompanham o dia a dia dos moradores. Destes, cinco atuam somente dentro da

Colônia Conceição. Somado aos agentes de saúde comunitários, existe uma equipe de nove funcionários na unidade de saúde, dentre eles: médico, dentista, enfermeira, técnico em enfermagem, além de outros funcionários encarregados do auxílio aos profissionais e manutenção do posto de saúde.

Dessa equipe de funcionários da saúde, os cinco agentes que atendem à população da Colônia Conceição, mais dois funcionários, uma atendente e uma auxiliar de dentistas trabalham e moram na Colônia. Vale salientarmos que todos os agentes de saúde obrigatoriamente têm de residir dentro da Colônia ou no Assentamento onde prestam serviço. Entendemos, diante dessa realidade, que essa unidade de saúde vem ao encontro ao que descreve o II Plano, quando define:

Como parte da estratégia de desenvolvimento e consolidação dos assentamentos como espaços de trabalho e qualidade de vida, o Plano prevê ações visando garantir o acesso por parte dos homens e das mulheres beneficiárias à saúde pública, assistência social e previdência social. Por meio de uma ação integrada com outros ministérios será implementado um programa de disseminação de direitos sociais básicos e de documentação que possibilitarão que seja incorporada à renda familiar uma renda de cidadania que contribuirá com o estabelecimento de uma existência digna (PNRA, 2004, p. 33).

A existência da unidade básica de saúde na Colônia Conceição traz a assistência próxima ao assentado, que não precisa se deslocar para a cidade para realizar consultas de rotina, indispensáveis devido ao envelhecimento da população local. O atendimento ao público ocorre dentro da unidade nos dias de segunda, quarta e quinta-feira, em que cada dia o atendimento diário é de 12 pacientes com agendamento, mais duas emergências, totalizando 14 consultas/dia e 42 atendimentos nos três dias da semana.

Nas terças e sextas-feiras, outras duas modalidades de atendimentos são postas em prática. As terças-feiras estão reservadas para o atendimento aos hipertensos, sendo esse atendimento itinerante, pois o médico e sua equipe se deslocam para o interior do assentamento a fim de realizar atendimento mais próximo das moradias dos demandantes dessas consultas. Identificamos seis lugares de atendimento, próximos aos lotes dos moradores, destes: quatro lugares de atendimentos em pontos específicos nos Assentamentos localizados no entorno da Colônia Conceição; dois pontos na Colônia Conceição, sendo um no Centro Comunitário da Dona Aurea e outro na linha Taquarussu. Curiosamente esse último ocorre na residência de uma assentada em decorrência da falta de um lugar público próximo. Por último, a sexta-feira é destinada ao atendimento em domicílio. Nesse dia, o médico percorre as casas das pessoas mais

velhas dos assentamentos, sendo possível verificar como os pacientes vivem em suas moradias, bem como as condições de locomoção, alimentação e outros aspectos importantes para os velhos que possuem alguma debilidade. Sobre o atendimento à saúde pública na Colônia Conceição, o senhor do lote 89 descreve da seguinte maneira:

A gente vai ali no posto da sede, tem que passar por lá. Eles encaminham para fazer exames. Eu mesmo estive doente e o médico do posto mandou ir fazer exames, depois tem que voltar no posto pro médico ver. Ali no centro comunitário a gente vai medir a pressão uma vez por mês. (Assentado na colônia, linha do Mané, 63 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2018)

Na sala reservada para tratamentos odontológicos, o atendimento ocorre nos cinco dias da semana, sendo seis pessoas atendidas por dia. Destes, cinco pacientes são agendados com antecedência e um reservado para emergência. De acordo com a pesquisa de campo, o atendimento odontológico realiza restaurações, extrações simples, raspagens, suturas e outros serviços, exceto os tratamentos de canal do dente e de introdução de próteses.

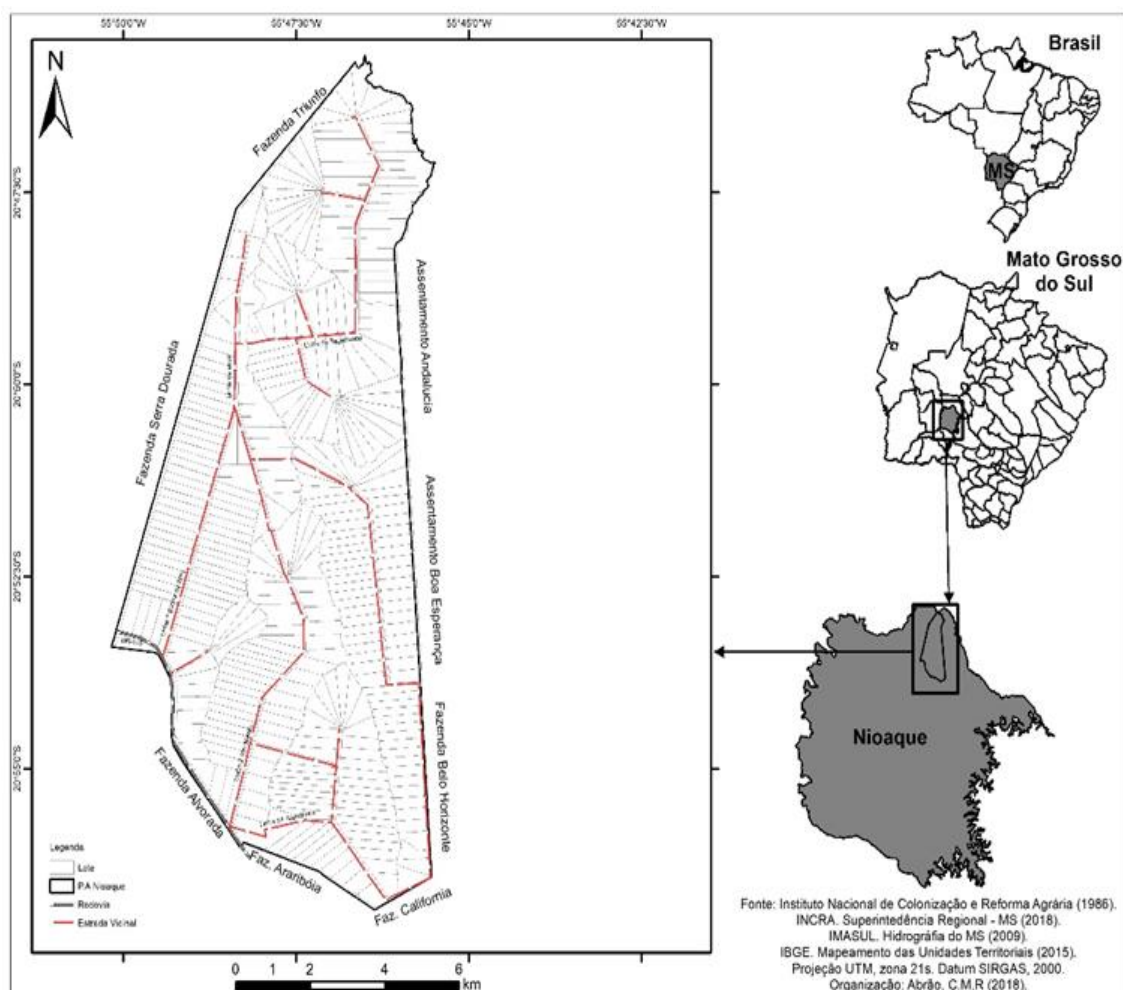
Em relação à malha viária da Colônia, para possibilitar o acesso a todos os lotes foi construída uma rede de estradas que interliga as estradas principais com as secundárias e assim diminui distâncias de um ponto ao outro da Colônia, bem como facilita o acesso a BR 419, com menor tempo e distância. No entanto, as estradas secundárias se encontram em péssimo estado de conservação, visto que apenas as estradas principais passam por manutenções periódicas.

Para a identificação das estradas que cortam a Colônia, é utilizada a denominação de Linhas e essas possibilitam ligação com a BR, a fim de que todos os assentados possam acessar as estradas principais e a BR 419. Identificamos cinco linhas principais e sete estradas secundárias, algumas construídas pelos moradores. Por essa razão, não aparecem no mapa da Colônia, mas são importantes caminhos que interligam as vias principais do assentamento.

É curioso percebermos como os moradores nomeiam as estradas e os acessos no assentamento, por exemplo, a linha um (1) é conhecida como linha da Ilza, pelo fato de nela residir uma senhora com esse nome, a qual reside às margens da BR, logo onde essa estrada de terra adentra a Colônia. Do mesmo modo a linha dois (2) é chamada de linha do Mané, fazendo referência ao outro morador mais antigo e conhecido no local. Essa estrada também dá acesso a BR 419. Existem, ainda, a estrada do Ló e a linha do Zé Ambrósio, as quais também recebem nomes dos moradores que residem nesses

acessos, sendo pessoas antigas no local e por isso tomados como referências para demarcarem determinado local no total da área do assentamento. Por fim, outras duas estradas têm nomes de identificação de aspectos da Colônia, relacionados a marcadores da natureza do local, como a linha do Taquarussu e a linha da Jaguatirica. A Figura 2 refere-se ao mapa do assentamento.

Figura 2: Mapa das Estradas principais e secundária.



Fonte: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (1986). Organizado pelo autor e Abrão, C. M. R.

A nomenclatura das estradas evidencia o quanto os moradores são sujeitos no processo de pertencimento do local, sobretudo, as pessoas mais antigas ou de expressão no cotidiano da Colônia, pela dinamização das vontades mesmo que seja simbólico, mas se acentua como algo definido e perpetuado ao longo do tempo. Dessa forma, as estradas assim como o nome do assentamento seguem nomeações que são institucionais, como aquela atribuída pelo INCRA, mas são renomeadas pela prática cotidiana do fazer das pessoas na Colônia.

Cabe destacar que outras instituições e empresas públicas e privadas, que têm suas atividades na Colônia, movimentam-se de acordo com as dinâmicas internas, acatando o que a comunidade encaminha, logo acredita-se que seria difícil localizar algum ponto na Colônia sem considerar a dinâmica dos assentados, que em sua prática e sociabilidade cotidiana, renomeiam lugares de acordo com suas experiências e afinidades.

As estradas se encontram em bom estado de conservação, o que se efetiva por meio do uso de máquinas, como patrulas e adição de cascalho nos trechos com buracos, sendo nos mais críticos, sobretudo, nas vias de acesso à escola e ao posto de saúde. A linha da Jaguatirica, embora esteja em condições de uso, quase não se nota a presença de cascalho e em alguns trechos a areia prejudica a passagem dos veículos principalmente as motos.

A manutenção e a conservação das estradas foram pensadas no Primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária, quando assegurava que com relação às “[...] vias de transporte, será dada prioridade à construção, melhoramento e conservação de estradas vicinais e sua integração com a malha rodoviária, visando a maior flexibilidade e menores custos no acesso às áreas de exploração e no escoamento da produção” (PNRA, 1985, p. 13).

Apesar de no momento da pesquisa de campo as estradas se encontrassem em bom estado de conservação, a condição de trafegabilidade dessas estradas oscila entre ótimas, boas, ruins ou péssimas. As condições dependem do regime de chuvas anuais, pois o arraste de sedimentos e a falta de controle de erosões mudam as condições das estradas após chuvas intensas. Portanto, afirmar que as estradas estão em bom estado é uma condição temporária, pois necessitam de reparos de tempos em tempos, para continuarem a contento.

Devido à presença de Córregos na Colônia, foram construídas seis pontes, além de quantidade significativa de bueiros. Os bueiros são construídos com manilhas e até o momento não precisaram de manutenções, mas as pontes, por serem construídas com madeira, acabam por se deteriorarem em poucos anos. Observamos que dentre as seis pontes apenas duas estão precisando de reparos e as demais estão em bom estado e duas destas foram totalmente refeitas há alguns meses.

1.5 A produção de alimentos na Colônia Conceição

Nos lotes do assentamento, na extensão de toda a área rural, encontra-se a junção de várias atividades agropecuárias, sendo a atividade principal, como dissemos anteriormente, a criação de gado, com destaque para o gado de corte e, em menor escala, para o gado leiteiro. Essas duas atividades estão presentes em 99,2% dos lotes da Colônia, configurando-se como base da economia local. Quanto ao leite, a produção não é tão expressiva, mas é a atividade econômica de algumas famílias.

Nesse cenário direcionado à criação de gado, quando se adentramos a Colônia Conceição, verificamos um assentamento singular em diversos aspectos, pois praticamente toda a paisagem é coberta por pastagens, tendo as cercas como marcos que delimitam os limites dos lotes. Neles, um grande número de bovinos é visto nos piquetes de pastos e, assim, facilmente é percebido o quanto os rebanhos são considerados a maior fonte de renda proveniente da Colônia.

Facilitando o olhar do transeunte está à topografia da localidade que permite visualizar longas distâncias ofuscadas, por vezes, pelas muitas árvores espalhadas nos lotes, formando, na visão horizontal, a falsa sensação de cobertura vegetal arbórea considerável, o que não se sustenta, se verificado mais de perto, ou seja, adentrando a unidade produtora. O fato é que a variedade das árvores possui ramificação ampla, formando, em cada uma delas, espécie de grandes saias, ocupando largos círculos, dando a falsa impressão de densa quantidade de árvores, como apresentamos nas imagens que seguem.

FOTOS 6 e 7: As árvores compoendo as pastagens



Fonte: Registro feito pelo autor durante pesquisa de campo, fotografado dia 13/05/2019.

Como mencionamos no subitem anterior, há, também, no assentamento, córregos, os quais servem de fonte de água para os animais, bem como de marcos divisórios localizados nos fundos de cada lote. Nesse modelo, o gado de corte predomina na Colônia, compondo a paisagem do lugar. Assim, quem transita pelas estradas de acesso aos lotes pode ver de longe o branco dos animais pastando, contrastando entre o verde do pasto e o das árvores, evidenciando o quão expressiva é a atividade agropecuária. Esse dado foi obtido por meio do trabalho de campo, momento em que os entrevistados foram unânimes em apontarem a criação de gado como atividade principal, não apenas na Colônia, mas em todos os assentamentos vizinhos.

Como o tamanho dos lotes tem média de 26 hectares, quando um assentado consegue adquirir mais de um lote dentro do assentamento, não se configura como monopólio de terras, apenas consegue ampliar sua área e, assim, gerar melhores condições para viabilizar a atividade que lá predomina que é a da criação de gado. Essa atividade necessita de áreas mais extensas, especialmente, quando o número de cabeças de animais é elevado.

O gado de corte exige maior área para pastagens, bem como de área para plantio dos pastos destinados à silagem, alimento que garante a manutenção do rebanho no período de seca, quando ocorrem reduções significativas das chuvas. Assim, ter mais de um lote é uma estratégia de sobrevivência para a atividade produtiva que vem sendo desenvolvida pelos assentados, garantindo os elementos necessários para seu melhor desenvolvimento.

Além do gado, parte da população, devido à faixa etária em que se encontra, acima de 60 anos, acessa a aposentadoria rural, fazendo jus ao direito concebido pelo Governo Federal. No entanto, é interessante percebermos que, embora a maioria tenha na aposentadoria uma fonte de renda mensal, o gado figura como elemento central na vida dos moradores, como aponta o assentado do lote 89:

A gente conta com a venda do gado para fazer muita coisa no lote, cercas, comprar alguma coisa para melhorar a casa. Sempre tem uns bezerros para vender, a gente sempre está cuidando do pasto e do gado da gente, ele é uma fonte de renda pra todo mundo aqui na Colônia. (Assentado na colônia, linha do Mané, 63 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2018).

A aquisição desses rebanhos foi iniciada com o fomento advindo da política de crédito do Governo Federal, através do extinto Programa de Crédito Especial para a Reforma Agrária (PROCERA), desenvolvido durante a última década do século XX,

sendo substituído pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), na primeira década do século XXI. De acordo com o exposto no II Plano Nacional de Reforma Agrária, as políticas de crédito sinalizam: “O desempenho econômico da agricultura familiar, em que pese todas as dificuldades, mostra que se trata de um setor que produz, emprega e que responde rapidamente às políticas públicas de fomento e garantia da produção” (PNRA, 2004, p. 14).

A Colônia é a prova do quanto a reforma agrária é um potencial gerador de promoção de vida digna e suficientemente viável economicamente. O crédito para compra de animais e a formação e reforma de pastos e cercas fomentam a produção local, de tal maneira que o Banco do Brasil fornece linhas de crédito específicas para o assentado. Para a liberação de financiamentos, atenta para a quantidade de gado que cada família possui, bem como o volume de comercialização anual. Em outras palavras, o gado se tornou moeda, uma vez que avaliza o assentado.

Cabe destacar que a criação e comercialização do gado se tornou segurança econômica consolidada, não apenas na Colônia, mas em todo o município de Nioaque. Essa situação demonstra a necessidade de uma rede de ações públicas que devem se somar ao crédito, na fomentação da atividade geradora de renda, garantindo o que recomenda o II Plano Nacional de Reforma Agrária.

O PNRA orienta-se para a promoção da viabilidade econômica, da segurança alimentar e nutricional, da sustentabilidade ambiental para garantir o acesso aos direitos e a promoção da igualdade – objetivos integrados a uma perspectiva de desenvolvimento territorial sustentável. Isso requer colocar à disposição das famílias assentadas e das demais beneficiárias do Plano os meios indispensáveis à exploração econômica da terra e para que obtenham renda suficiente para viver com dignidade, tais como: crédito; assistência técnica; apoio à comercialização e à agregação de valor; construção de infraestrutura produtiva, econômica e social, como água, saneamento básico, energia, via de escoamento da produção; além de outras políticas públicas que garantam a universalização do acesso a direitos fundamentais. (PNRA, 2004, p. 15).

Embora o governo não tenha cumprido todos os requisitos expostos no II Plano, parte significativa foi implementada na Colônia, o que resultou no crescimento econômico gradativo dos assentados. Não cultivam todos os alimentos de que necessitam, porque as características do lugar, em relação à qualidade do solo e das condições climáticas, levaram os assentados para a criação de gado e por meio dela providenciam o que não produzem. Entendemos essa lógica como estratégia de permanência e viabilidade da reforma agrária.

Quanto aos lotes que estão envolvidos à atividade voltada para a criação de gado leiteiro, observamos poucos deles com rebanhos desse porte. Segundo os moradores, os preços não são atrativos para justificar a produção de leite, ademais a baixa aptidão dos animais, que são adquiridos pelos assentados, bem como o clima da região, com altas temperaturas, inviabilizam a introdução de animais com características leiteiras. Mesmo diante dessas especificidades, os moradores destacaram a venda de leite como uma das saídas para poderem obter mais uma fonte de renda, que até alguns anos ocupava maior destaque, figurando nos dias de hoje como complemento de renda.

Os assentados alcançaram melhores condições econômicas, o que lhes permite fazerem outras escolhas e com isso parte deles optou por abandonar a atividade leiteira e investir no gado de corte. Porém, em meio a essa nova atividade, da criação de animais de corte, é comum encontrarmos animais com aptidão leiteira como fonte de leite para atender às necessidades da família.

Ao atentar para o significado de melhora na qualidade de vida, identificamos assentados que abandonaram a atividade leiteira, após se aposentarem. Isso indica dois cenários possíveis: um seria a garantia de uma fonte de renda mensal através da aposentadoria; a segunda seria a falta de motivação para trabalharem com o gado leiteiro em plena velhice. No gado de corte, não se faz necessário manejos constantes, ou seja, cuidados diários. Eles são contidos em momentos de vacinação do rebanho, cura de umbigo dos recém-nascidos e tratamento de animal adulto. Os animais podem ficar dias e até semanas sem contenção, apenas sendo observados pelos donos, que avaliam quando e se é necessário reunir os animais para alguma intervenção em termos de sanidade. O cuidado maior está com a pastagem.

O fato é que se no início os assentados, hoje velhos, podiam contar com ajuda dos filhos, atualmente estes trilharam novos caminhos. Desse modo, o lote da família se encontra aos cuidados do ou dos velhos. Por isso, a opção pelo gado de corte, que requer menor cuidado, se comparado à atividade leiteira, situação apontada também pelo estudo de Paulino:

No plano conjuntural, esses pequenos produtores que permanecem no campo, somente resistem por terem conseguido adequar a unidade produtiva a uma atividade de menos riscos. Como é o caso da pecuária, o que implicou, por outro lado, na geração de mão de obra ociosa, bem como no comprometimento da diversidade de cultivos que outrora era seu grande triunfo. (PAULINO, 2001, p. 2).

Como já dissemos anteriormente o comércio de animais se assenta como a fonte de renda principal da comunidade, sendo diversas as modalidades de comercialização de bovinos dentro e fora da Colônia, ou seja, em determinado lote verifica-se a presença de bois de engorda; em outros, novilhas que estão sendo criadas para o abate. Como existe o predomínio da criação de gado de cria e recria, o comércio de matrizes, bezerras e, principalmente, de bezerros dinamiza a economia local.

Desta forma, o assentado, a qualquer época do ano, tem condições de dispor de recursos financeiros por meio da comercialização de parte do rebanho. Essa é uma estratégia apontada também por Neves (1981, p. 22) em seu estudo, ao descrever o pequeno rebanho como “[...] uma forma de acumulação, de crédito e poupança”. Em outras palavras, o assentado pode vender qualquer animal do lote, pois todos se constituem em fonte de receita na parcela.

Por essa razão, acreditamos que as atividades que estão sendo desenvolvidas na Colônia, bem como o comércio não podem ser entendidos como homogêneos, visto que segue uma dinâmica carregada de estratégias, forjadas na necessidade de cada família e na rede de comércio interno, o que permite a cada assentado, em conformidade com suas especificidades, vender e/ou comprar animais para atender às necessidades específicas, seja financeira ou por falta de pastos para os animais, ou ainda para desfazer de matrizes velhas. Quando o preço da arrouba se mostra atrativo, vendem os bois, novilhas e até as matrizes prenhas, porém é o comércio de bezerros de desmama que desponta com o maior volume de negociações do comércio de gado da Colônia.

Aliado a isso, como já apontamos, é uma atividade que não exige grande quantidade de pessoas envolvidas com o seu desenvolvimento, se comparada à atividade leiteira. No gado de corte, é necessário atentar para a formação dos pastos, a manutenção das cercas, a oferta de água aos animais, o controle em relação à contaminação por insetos, enfim, um olhar constante que pode ser desenvolvido por poucas pessoas. Como na comunidade parte significativa dos filhos foram saindo, permanecendo em sua maioria o casal, estes velhos se deparam com as dificuldades impostas pela atividade, mas diante da importância do comércio de gado para a família, adotam medidas, as quais permitam continuarem na atividade.

Cabe destacar que todo esse comércio ocorre até mesmo para equacionar a quantidade de animais possíveis de manter, em cada hectare, evitando a superlotação. Mesmo que nos lotes os pastos se encontram degradados, havendo a necessidade de melhoria, ainda assim os assentados conseguem criar mais de duas unidades animal por

hectare. Desse modo, com a intensidade da atividade agropecuária e a grande extensão de terras para o pastejo dos animais, o assentamento se destaca na criação, comercialização e consumo de bovinos.

O II Plano Nacional de Reforma Agrária faz eco ao que evidenciamos na Colônia quanto à comparação da agricultura patronal com a agricultura familiar, na capacidade de produzir renda por unidade de área, sendo largamente favorável à segunda, não só na média nacional (superior ao dobro da patronal), mas também em cada uma das regiões do País (PNRA, 2004, p. 13- 14).

Esse comércio fomenta a economia local, uma vez que é costumeiro encontrar na cidade os assentados registrando notas de comercialização de gado e ao mesmo tempo adquirindo suplementos e medicamentos nas lojas de agropecuária, bem como comprando bens duráveis que advém do fruto da comercialização dos animais.

Para tanto, tecer um olhar sobre a condição da pastagem, as fontes de água e a degradação do solo é tarefa fundamental para compreender a situação socioeconômica atual dos assentados.

Ponting (1995, p. 41) se refere à fertilidade do solo como um processo ativo resultante da interação da camada de plantas que cobrem a terra, do solo existente, da ação dos microrganismos responsáveis pela decomposição e os fatores climáticos como chuva e temperatura. Para entender melhor o que queremos dizer, vejamos: de acordo com as observações de campo, a pastagem se encontra muito aquém do ideal, devido ao tempo de sua formação, considerando que a maioria dos pastos foram plantados há mais de 25 anos, tempo entendido aqui como um fator que provoca a retirada de muitos nutrientes do solo. A saída para esses lotes estaria em “[...] proteger a superfície do solo contra insolação direta, aquecimento e impacto da chuva” (PRIMAVESI, 2016, p. 79).

Outro dado interessante refere-se à taxa de lotação por hectares, quando os pastos eram abundantes e normalmente eram colocadas três unidades animais por hectares. Atualmente o rebanho vem sendo reduzido, tanto pelo fator descrito anteriormente, quanto pela falta de correção do solo e de técnicas de contenção da água, agravantes que contribuem para o cenário de pastagens degradadas. O assentado do lote 273 inferiu sobre essa problemática da seguinte forma:

Eu já tive que reformar quase todo o lote, e para isso usei a grade para preparar a terra e depois joguei a semente. Eu não coloquei nenhum adubo, mas na frente eu vou tentar fazer umas curvas e comprar calcário e adubo. A terra vai ficando fraca e então a gente precisa melhorar ela. (Assentado na

colônia, linha da Jaguatirica, 65 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2018).

Sem as medidas elencadas pelo assentado do lote 273, referindo-se a adubos, calcário, sobretudo, curvas em nível, a taxa de lotação por lote não passa de duas unidades animais por lote. É “valido destacar que na maioria das vezes a perda da fertilidade do solo está atrelada mais a dificuldade econômica do que técnica, dado ao custo de manejo dos solos” (HEBETTE, 1994, p.166).

Os solos degradados sem a devida correção não permitem que o sistema radicular da pastagem se alastre a procura de nutrientes. Queremos dizer que é preciso fazer uso de técnicas de subsolagem, para quebrar a dureza do solo provocado por muitos anos de pisoteio dos animais.

É inegável que a bovinocultura contribui para a degradação do solo, uma vez que exige pastagens extensas (1 a 2 hectares/cabeça). A “[...] degradação do solo deve-se especialmente a exposição às radiações solares, tipos de capim e ao pisoteio do animal” (HEBETTE, 1994, p. 166). Entretanto, se somada a essa ação a gradagem, o nivelamento, a análise do solo e a adição de insumos, ocorrerá melhoras a fim de sanar a necessidade nutricional que a planta exige. Porém, nada disso traz resultados satisfatórios sem a implantação da técnica de contenção das águas que escorrem pelo solo. Ou seja, as curvas em nível e terraços são imprescindíveis para a sobrevivência da criação de gado em níveis desejáveis na Colônia, pois “[...] tais práticas são eficientes para o controle da erosão, evitando as perdas de nutrientes, fundamental na recarga do lençol freático, pois contribui para a infiltração de água no solo” (BERTOLINI,1996).

Verificamos em alguns lotes a construção de curvas em nível, mas são ações isoladas, por isso “[...] existem ocorrências maiores de enchentes e de secas, bem como eliminação da camada fértil do solo” (PRIMAVESI, 2016, p. 38). “Sem essas curvas e outras ações somatórias, para melhorar a qualidade nutricional e da pastagem, “quando a água não consegue infiltrar no solo, ela escorre provocando deflúvio escorrimento superficial”, conforme discorre Primavesi (2016, p. 38).

Durante as entrevistas, os moradores, ao serem indagados quanto à correção do solo, disseram que irão interferir para melhorar a qualidade da pastagem. Entretanto, usarão a grade de arrasto e em seguida irão semear novas sementes. Esses relatos indicam uma medida paliativa que irá melhorar minimamente a condição da pastagem, porém não resolverá a deficiência nutricional do solo. Curiosamente entendemos tal ação como uma estratégia para curto prazo, pois os assentados estão cientes da

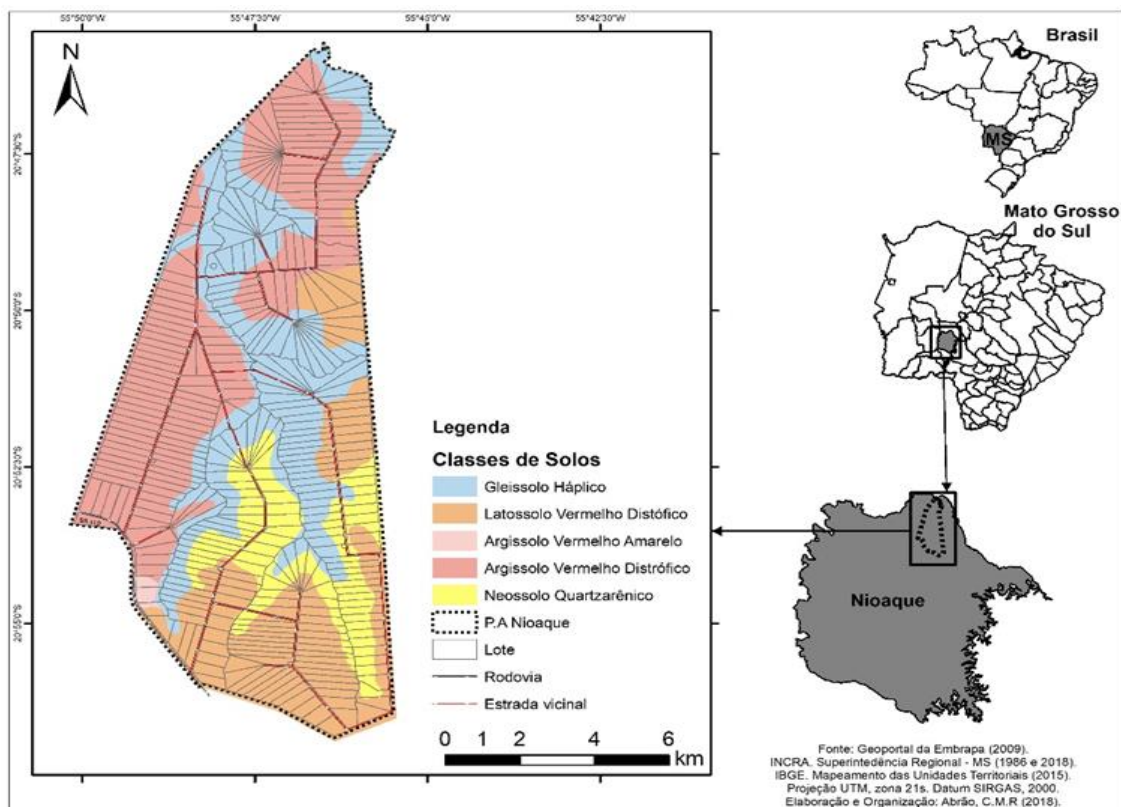
necessidade de realizarem a correção como um todo, mas não o fazem por algum motivo e em sua maioria trata-se do custo financeiro e mesmo da falta de conhecimento técnico sobre a seriedade de manutenção de solo, que todas as atividades agrícolas demandam, até mesmo a criação de gado.

Aliado a isso acreditamos que o fator idade dos assentados interfere, afinal os assentados investirão recursos para recuperação do solo, mas terão eles condições de continuarem por muitos anos com a labuta na atividade? Nesse sentido, a recomposição, com a diminuição na quantidade de membros das unidades de produção se configura nas incertezas quanto aos encaminhamentos com o planejamento futuro da produção nos lotes, suscitando dúvidas no que se refere ao investimento em projetos futuros.

A condição do solo é considerada pelos assentados um dos fatores principais na diminuição do rebanho nos lotes. Outro fator apontado tange aos períodos de estiagens, comuns no inverno, que em determinados anos se prolongam por vários meses, geralmente, no período em que as chuvas reduzem significativamente, iniciando em abril e se prolongando até setembro, momento em que ocorre redução das chuvas e baixas temperaturas. Isso interfere significativamente sobre a atividade agropecuária.

Cabe salientar que a qualidade do solo não é uniforme em toda a Colônia, havendo a presença em partes da área, de trechos com solos conhecidos popularmente, como arenosas, e em outros trechos argilosos. Há, ainda, aqueles com solos de qualidades mistas, outros pedregosos. Assim, conforme cada área, com diferentes tipos de solos, a pastagem também se apresenta de forma diferente. Por essa razão, cabe ao assentado introduzir o manejo mais adequado para cada tipo de solo e estação do ano. Isso não se configura em um modelo elaborado de manejo, o qual seja amplamente discutido entre os assentados. Cada um, ao seu modo, em interlocução com vizinhos ou não, escolhe o momento de manejar o solo. Isso não significa que estão introduzindo uma técnica eficaz, apenas estão lidando com a situação da melhor forma que podem para o momento. A Figura 3 apresenta a composição dos diferentes solos na Colônia:

Figura 3: Mapa dos tipos de solos na Colônia Conceição



Fonte: Geoportal Embrapa (2009). Organizado pelo autor e Abrão, C. M. R.

De acordo com o mapa acima, observamos que os diferentes tipos de solos presentes na Colônia mostram que uns assentados possuem terras com solos de boa estrutura física, enquanto outros possuem lotes com solos menos estruturados, havendo uma variação de solo agricultável, até impróprio para a agricultura. Contudo, a quantidade de solos impróprios é relativamente pouca em comparação àqueles que possuem razoavelmente condições para a cultura das gramíneas e braquiárias.

Diante das dificuldades com o manejo dos solos, quando as quantidades de pastos não são suficientes para o rebanho, ou seja, o capim não é suficiente para alimentar os animais, os assentados, além do manejo do gado dentro dos lotes, lançam mão do arrendamento de pastagens dos sítios vizinhos, dentro e fora da Colônia. Cabe destacar que no entorno da Colônia estão instalados outros quatro assentamentos e em determinadas ocasiões, quando da carência da falta de pasto na área da Colônia, ocorre a procura por pastos para alugar nos assentamentos circunvizinhos.

Essa estratégia permite que o lote da Colônia fique vazio ou com menor número de animais durante alguns meses do ano, favorecendo, assim, a própria recuperação das pastagens, devido à redução de cabeças que nos pastos se alimentam. Nessa dinâmica, a

venda de animais acaba sendo necessária. Trata-se de uma medida para diminuir o rebanho quando não é possível contar com pastos suficientes. Para aqueles que investem na ampliação do rebanho, a alternativa utilizada em curto prazo repousa sobre o arrendamento de pastos.

Os assentados, que antes poderiam criar no máximo cinquenta animais no lote, passam a criar muitos outros, mas em terrenos alheios, fazendo uso da estratégia do arrendamento. Obtendo sucesso com essa medida, aumentam a renda da família, podendo resultar num meio para acumular lucros e com isso adquirir uma nova terra, viabilizando maior área para os animais.

As famílias da Colônia, que estão no modelo de arrendamento e conseguindo chegar à aquisição de outros lotes, representam número considerável dos assentados do lugar, mantendo quantidade significativa de animais, desfrutando de vida financeira boa, de acordo com os padrões das áreas de assentamento. São vistos (pelos demais assentados) como modelo a ser seguido, pois mediante o resultado satisfatório, tanto os pais quanto os filhos continuam na Colônia, vivendo dessa atividade.

Entretanto, nem todas as famílias detentoras de lotes na Colônia podem ainda contar com seus filhos vivendo nos lotes do assentamento, visto que, na dinâmica do mundo atual, os gostos e desejos que movem os sujeitos também incidem sobre os jovens assentados, que veem na cidade um novo horizonte. Quando a juventude sai do assentamento, e os pais permanecem, esses precisam contratar mão de obra de outras famílias do assentamento e mesmo de fora dele para viabilizarem a sequência na atividade, principalmente se os pais tiverem idade avançada, o que representa parte significativa das famílias do assentamento.

No entanto, a contratação de mão de obra também movimentava a vida daquelas famílias que não conseguem sucesso com a produção, e por isso é compreendida como alternativa que possibilita, de alguma forma, criarem mais uma fonte de receita na Colônia e no entorno, sendo um meio para aqueles que não conseguiram ainda estruturar o ciclo de produção em suas unidades produtivas, valendo-se da prestação de serviço. Esse é um trabalho acessório, como denomina Paulino e Almeida (2010), ao apontarem as estratégias de sobrevivência nos assentamentos. Nesse exemplo, o dinheiro ganho com trabalho fora do lote passa a ser convertido na manutenção da parcela e/ou das necessidades pessoais da família.

Na Colônia, do mesmo modo que existem assentados com vários lotes sob seu domínio, existem outros com pouco ou nenhum rebanho, daí alugam pastos por

contratos extensos, com duração de anos ou meses. Essa modalidade de aluguel é comum entre os assentados, entendida como uma estratégia frente à necessidade de ambas as partes.

Ainda sobre as pastagens, nos últimos dois anos, ou seja, 2016 e 2017, ocorreram na região períodos de relativa estiagem e a procura por pastos se intensificou, causando uma superinflação no preço do aluguel dos pastos. A saída encontrada pelas famílias para manterem os rebanhos foi a compra de grandes volumes de milho triturado e, também, em grão, adquiridos nas fazendas da região. Para isso, o assentado que tinha um meio de locomoção para ir buscar o produto adquirido nas fazendas assim o fez, e os demais tiveram de fazer parceria com a Prefeitura, para adquirirem a ração necessária. Outros que possuíam condições financeiras para fretar caminhões conseguiram o produto em espaço menor de tempo. Com isso, aconteceu um fato inusitado na região: assentados passaram a comprar a produção de fazendeiro e em quantidade elevada e não o oposto, o que demonstra que assentamento de reforma agrária produz, comercializa e adquire produção, movimentando todos os elos dessa cadeia e com diferentes sujeitos.

De acordo com os dados da pesquisa de campo, as pastagens dentro dos lotes da Colônia são variadas, com destaque para diversas variedades, tais como braquiária Marandú, MG4, MG5, Brachiarinha, além da Mombaça e Humindícula. Cada variedade de capim é alocada para atender a uma necessidade específica, dentre elas, qualidade do solo e umidade, pois cada espécie de capim se desenvolve melhor em certos tipos de solos. Não seria possível cultivar as braquiárias em terrenos úmidos, por exemplo. Diante disso, a saída encontrada pelos assentados para aproveitar ao máximo os terrenos que ficam alagados por quase todo o ano, principalmente, durante os meses de outubro a maio, quando acontece o período das chuvas, foi a introdução da Humindícula, na baixada, susceptíveis a alagamentos.

No tocante às braquiárias, estas foram introduzidas nos terrenos que não encharcam ao longo de cada ano, compondo a maior parte dos pastos, porém as variedades se diferenciam em cada lote, considerando a qualidade do solo e o interesse do morador. Nos solos de melhor fertilidade, usa-se brizantha marandu, brizantão, mg4, e em menor quantidade mg5, pois essa última requer fertilidade superior a que se encontra na Colônia.

Outra variedade de pastagens, bem aceita pelos moradores, versa sobre a pastagem conhecida popularmente por braquiárinha, ou seja, a braquiária brizantha decumbens. Essa variedade é cultivada nos solos arenosos considerados de baixa

fertilidade, e em períodos de chuva esse capim responde muito bem, de modo que seu crescimento supera as demais cultivares. Por essa razão, é comum encontrar a decumbens mesmo em solos mais férteis, introduzidos como uma fonte de alimento para o gado, em resposta aos períodos de estiagens.

Nos 373 lotes, identificamos apenas 77 com cultivos que vão para além das pastagens. Nesse sentido, ocorre uma contradição, visto que um dos pilares que justificam a reforma agrária está na produção de alimentos que permitam soberania alimentar e isso na Colônia Conceição não ocorre. Partes significativas dos produtos consumidos na unidade rural são buscadas na cidade, o que se deve à baixa fertilidade do solo na região. Os assentados eram agricultores quando chegaram ao assentamento, mas, diante da baixa produtividade dos solos, bem como dos preços dos produtos também baixos, somado às oscilações e intemperes climáticas na região, viram na criação de gado uma fonte de renda mais segura.

Mesmo diante das dificuldades em produzir na Colônia, 20,75% dos lotes cultivam outras plantas, além do capim destinado às pastagens para as criações do gado, combinando outros produtos, sendo os mais comuns a banana e a mandioca em maior número. No caso da banana, encontramos, no decorrer do trabalho de campo, áreas consideráveis de plantio, sugerindo a existência de plantios comerciais. Na observação mais aproximada, ou seja, em diálogo com os moradores essa suspeita se confirmou e, segundo os assentados, as bananas são comercializadas na Central Estadual de Abastecimento (CEASA) de Campo Grande, nos mercados de Dourados e em menor escala nas cidades vizinhas de Nioaque e dentro dos assentamentos do município. Sobre a rede de comércio mais próximo da Colônia, vejamos o que relata o morador do lote 273.

Tenho um bananal no fundo do meu lote, eu vendo nos mercados em Nioaque, Guia Lopes e Bonito. Geralmente coloco quinze caixas de banana no reboque do carro e saio para vender. Meus filhos falam: “por que fazer isso, o senhor não precisa”, mas a gente trabalha para se sentir vivo. É muito bom ter uma ocupação, sair de casa eu gosto de me ocupar. (Assentado na colônia, linha do Taquarussu, 65 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2018).

Verificamos, durante o relato do assentado, uma manifestação de vontade de manter-se ativo, mesmo estando aposentado e enfrentando dificuldades físicas, pois sofre de uma deficiência física no braço. A rede de comércio que ele estabeleceu permite a sua interação com as pessoas, tendo em vista que ele vê na comercialização

dos alimentos produzidos no lote a oportunidade de vivenciar o campo, contrastando com a dinâmica urbana. O viver para esse assentado repousa na sociabilidade, na movimentação e na comercialização.

Quanto à mandioca, outro produto cultivado, mas em menor escala, não verificamos comércio substancial, visto que ocupa pequenas proporções de terra em cada lote, sendo considerado como produto cultivado para atender ao consumo familiar. No entanto, quando há boa colheita, pode ocorrer a comercialização do excedente, como constatamos ao entrevistar o senhor do lote 89, que nos relatou sobre o cultivo da mandioca. Esse assentado lida com a venda e o beneficiamento do produto, além de pontuar outros cultivos que o alegra:

Aqui a gente tem muita coisa plantada, a mandioca eu tenho de várias idades para nunca faltar. Faço uma farinha para comer e vendo aqui mesmo para os vizinhos. Tenho cana para o gado, mamão. Quando alguém vem aqui, eu vendo, não se pode dar, porque as pessoas não plantam. Eu não dou conta de dá as coisas para todo mundo. Se eu planto por que os outros não plantam também? Então eu vendo. (Assentado na colônia, linha do Mané, 63 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2018)

Fazendo eco ao que nos diz o assentado do lote 89, identificamos a presença, mesmo que em menor percentual, do cultivo de cana-de-açúcar, cultivado como reserva de alimento para uso com o gado, durante o período da seca, momento do ano que ocorre entre os meses de junho a setembro, nos quais a pastagem fica escassa.

As lavouras de feijão, embora em plena época de colheita nesses dias de pesquisa de campo (no mês de junho de 2019), encontramos pouquíssimas plantações. Entendemos que a dinâmica dos moradores da Colônia Conceição está mudando por alguma razão, fator que iremos nos debruçar com maior profundidade no próximo capítulo.

1.6 Os dilemas entre a atividade produtiva e o Meio Ambiente

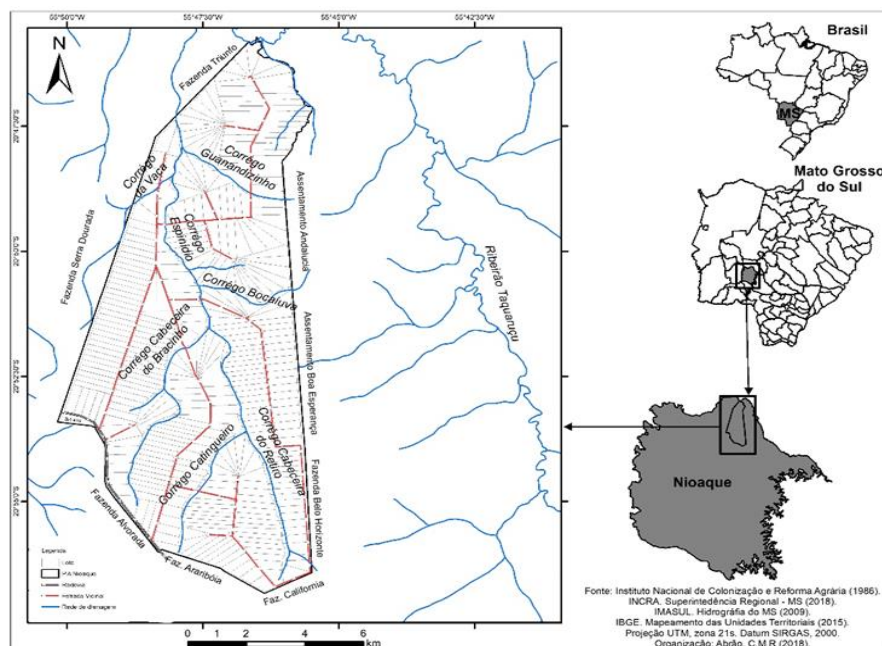
No que se refere à questão ambiental, na Colônia Conceição, observamos ser insegura e indefinida, em virtude das normas que existiam no período da formação do assentamento, há 34 anos, momento em que as reservas legais e permanentes não eram coletivas, mas compunham a área individual de cada lote e eram de responsabilidade de cada assentado preservar. Na exploração dos recursos, “[...] cada modificação de um único fator do ecossistema acarreta a modificação também de todos outros fatores. Na natureza tudo é interligado, num equilíbrio dinâmico” (PRIMAVESI, 2016, p. 65). O

que verificamos atualmente é a ausência de reservas legais em mais de 70% dos lotes. No que tange às reservas permanentes, ou seja, à conservação da vegetação nativa em terrenos de morros e beiras de córregos, em muitos casos foi preservada, como descreve o assentado do lote (89),

Eu tenho umas reservas no fundo do lote, tenho um córrego no meu lote então deixei o mato em volta. No final do lote passa um córrego maior deixei uma tira de mato estreitinha, mais já ajuda. Não pode tirar tudo, se não destrói. Tem que cuidar um pouco. (Assentado na colônia, linha do Mané, 63 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2018).

O fato é que ao longo da organização do assentamento, para torná-lo um lugar de produção, foi necessária a retirada das matas para o cultivo dos solos. Isso trouxe muitos prejuízos para o meio ambiente, sobretudo, pela eliminação da vegetação nativa nas margens dos córregos. Com o passar dos anos, ocorreram mudanças no processo de produção e em alguns pontos dos lotes, como, por exemplo, os moradores cessaram as atividades agropecuárias e, por isso, a vegetação está se desenvolvendo sem a interferência humana. Isso ocorre de maneira mais evidente nas margens dos córregos. Entretanto, em parte dos lotes (percentual pequeno), as matas ciliares se encontram em estado intocado, ocorrendo preservação desde o princípio do assentamento. Vejamos nos mapas, a seguir, a disposição dos lotes e como os recursos hídricos fluem dentro da Colônia.

Figura 4: Mapa da localização dos recursos hídrico na Colônia



Fonte: Instituto de Colonização e Reforma Agrária (1986). Organizado pelo autor e Abrão, C. M. R.

Este mapa mostra o quão a Colônia foi assentada em uma área serpenteada por recursos hídricos. Desse modo, o lençol freático se encontra em níveis próximos ao solo na maioria dos lotes. Contudo, os colonos não adotaram manejos adequados para proteger esses recursos. O fato é que na ânsia de estruturar o processo de produção, as leis ambientais implementadas pelo Estado não foram respeitadas em sua totalidade pelas famílias assentadas, como a forma de manejo da terra, além de terem eliminado parte da vegetação às margens dos córregos. Para isso, fizeram uso da forma de coivara, ou seja, derrubaram as matas e as queimaram. O sistema de manejo do solo lá empregado entra em contradição ao que diz o Primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), quando define:

Dentro do amplo espectro em que se pode abordar a questão ambiental, sua conotação com as ações de Reforma Agrária e complementarmente, com a Colonização, deverão ser contempladas duas vertentes: a primeira, que se relaciona com a conservação dos recursos naturais localizados na área de influência dos projetos; a segunda, de caráter preventivo e educativo, de forma a impedir danos ambientais causados pela ação do homem. (PNRA, 1985, p.13).

O que observamos, diante da definição do Plano, no tocante ao meio ambiente, seria uma tentativa de educar os assentados para não degradarem o meio ambiente. Esse aspecto foi narrado pelos entrevistados, que recordaram as falas dos agentes do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), referindo-se ao quanto seria danoso para o futuro do assentamento a derrubada indiscriminada das matas, principalmente, nas margens dos córregos. Entretanto, essa ação não surtiu efeitos, pois grande parte das margens dos córregos foi usada com a agricultura. Ainda de acordo o Primeiro Plano:

Para a conservação dos recursos naturais, será observado, sempre que possível, por ocasião da elaboração dos projetos de assentamento, o zoneamento ambiental, entendido como sendo a associação entre o ordenamento do espaço físico de uma dada região e as diretrizes a serem implantadas em cada área proposta no ordenamento, de forma a se respeitar sua vocação e a conservação dos recursos naturais, visando à manutenção ou melhoria da qualidade de vida (art. 9º, da Lei. nº 6.939, de 31 de agosto de 1981, que estabelece a Política Nacional do Meio Ambiente). (PNRA, 1985, p.13).

No entanto, curiosamente, verificamos que a utilização da área com plantios ocasionou a degradação do entorno dos córregos. Isso se deve ao fato de os assentados, ao chegarem ao assentamento, observarem que o ambiente era inóspito, ou seja, percebeu-se que o solo do lote possuía maior incidência de terras férteis com potencial

produtivo nas margens dos córregos. Nessas margens se encontravam as terras escuras e úmidas, propícias para o cultivo do arroz e do feijão, produtos que nos primeiros anos do assentamento eram lá cultivados. Desse modo, para a utilização da área e de seu manejo, os assentados não contaram com orientações técnicas de forma constante, no dia a dia do fazer das plantações, apenas ouviram o alerta dos técnicos do INCRA no momento da entrega dos lotes, para que atentassem aos cuidados com a terra, sem que houvesse a continuidade nas orientações.

Para o manejo com o solo do novo lugar, os assentados tiveram de contar com seus próprios conhecimentos, fazendo experiências na lida com as novas terras, observando a coloração do solo, a vegetação predominante na área, o teor de umidade. A partir dessas observações empíricas, introduziam as culturas de feijão, arroz, milho, mandioca entre outros produtos, sempre atentos à produtividade. Quando os resultados não eram satisfatórios, procuram solos mais propícios ou cessaram com a atividade. Isso era observado contando com seus saberes, acumulados pelas experiências vividas em outras regiões do Estado ou do Brasil, onde as características do solo são diferentes daquelas que encontraram na Colônia. Dessa forma, os danos foram inevitáveis sobre a área do assentamento, especialmente, no que se refere ao desmate de praticamente toda a floresta que lá existia.

Atualmente os desmates ainda estão presentes em áreas de capoeiras e limpeza de pastagens. No tocante à extração de madeira, essa ainda é entendida como um recurso a ser explorado quando é necessário reformar algumas cercas, logo são os postes são retirados do próprio lote, diminuindo o custo na manutenção da cerca que teriam de aplicar para a aquisição de postes no comércio local.

A extração de madeira para a confecção de postes atualmente ocorre em menor intensidade devido a dois fatores: primeiro, pela escassez da madeira após 34 anos de assentamento; segundo, pela intensificação da fiscalização ambiental, que tem impedido a derrubada de árvores. Podemos entender que a fiscalização atua como instrumento de coibição, propiciando retornos para o meio ambiente, garantindo meio para ir além do que apenas a educação, tal como indicado no Primeiro Plano de Reforma Agrária.

As ações preventivas se situarão, primordialmente, no campo da educação ambiental, tendo em vista divulgar e levar informações essenciais à população beneficiária, objetivando capacitá-la para a participação efetiva na utilização racional dos recursos naturais, inclusive conscientizando-a do papel importante que exerce quanto ao desenvolvimento de ações necessárias à conservação desses recursos (PNRA, 1985, p.13).

Não queremos aqui negar a necessidade da educação ambiental como instrumento de conscientização social, apenas objetivamos sinalizar que essa por si só não causa os efeitos desejados na população da Colônia Conceição, no que se refere aos danos que causam sobre os fragmentos de matas e /ou resíduos de vegetação, quando praticam a derrubada de árvores. Nesse sentido, a notificação ambiental suscita temor em ser multado e ter de arcar com uma soma financeira que não está disposto a pagar.

A extração de madeira ocorre, no presente, segundo os assentados, para uso próprio; como dizemos, devido ao envelhecimento das cercas dos lotes, os postes encontram-se podres e as cercas estão caindo havendo, assim, a necessidade de reposição de postes novos, retirados dos lotes, como relata o colono do lote 89:

Todas as minhas cercas aqui eu fiz com madeira do lote mesmo, as outras que estou fazendo agora também. Eu tenho muita madeira para aproveitar, inclusive esse mangueiro foi feito a madeira da tirada aqui. (Assentado na colônia, linha do Mané, 63 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2018).

Cabe aqui destacar a iniciativa de muitos assentados que contam com maiores recursos financeiros em comprar postes de eucaliptos e com isso não precisam derrubar as poucas árvores que ainda restam dentro de seus lotes. Importa salientar, também, que nas áreas de pastagens são mantidas inúmeras árvores no meio do pasto e em fragmentos de matas, retirando apenas as espécies de madeiras mais resistente. Assim, a maioria das árvores restantes, de outras espécies, são mantidas, especialmente, aquelas sem potencial para comércio.

Outro fator que prejudica a questão ambiental são os bebedouros de água dos animais no leito dos córregos, visto que a maioria dos lotes é separada por uma estrada na cabeceira e o córrego nos fundos. Os assentados sempre fizeram uso da água dos córregos para dar de beber para os animais, sendo essa uma prática natural entre os moradores. Seguindo o exemplo da madeira, esse recurso é visto como mais um bem passível de uso, tendo em vista que foram unânimes ao destacar o córrego como bebedouro do gado, mesmo tendo acesso a poços de águas perfurados no sistema artesiano e/ou aqueles de boca, manuseado com auxílio de bomba elétrica.

Os córregos representam uma fonte de água oferecida pela natureza e por isso é gratuita e permanente. Contudo, ao ser utilizada como fonte para os animais, traz consigo o assoreamento das bordas dos córregos, estando, hoje, esses cursos de água em pleno processo de assoreamento. Aliado a essa prática, as matas ciliares encontram-se

em estados frágeis, sobretudo, pela falta de curvas em nível nos lotes, agravado pelo caminho que os animais fazem para chegarem até o córrego, aumentando ainda mais o assoreamento, como demonstram as imagens a seguir.

FOTOS 8 e 9: Assoreamento nos córregos do assentamento



Fonte: Registro feito pelo autor, durante pesquisa de campo, fotografado dia 13/05/2019

Não se pode afirmar de momento o quanto as pessoas estão cientes que a falta de manejos adequados, o investimento em reforma de pastagens e a contenção das águas seriam uma saída necessária e urgente para a garantia dos recursos hídricos para as gerações futuras. Curiosamente, verificamos um processo inverso: em muitos lugares que antes eram secos hoje se encontram com o lençol freático na superfície do solo. Os assentados evidenciaram esse fator destacando que sempre aprenderam o seguinte “[...] se derrubassem as matas a água iria sumir, mas isso não ocorreu”. Fica essa dúvida a povoar a mente do povo da Colônia. E, assim, continuam sem os cuidados devidos até o momento que as fontes se exaurirão totalmente.

No que se referem à biodiversidade em espécies de animais silvestres, passados 34 anos da instalação do assentamento, alguns fragmentos de matas e as margens dos córregos servem de abrigo para os animais que vivem ou passam pela Colônia. Acreditamos que, após a redução drástica na ocasião da entrada dos assentados na Colônia, atualmente, ocorra aumento no número de animais silvestres e de espécies encontrados constantemente circulando pelos lotes. As poucas matas servem como abrigo para as mais variadas espécies, dentre elas cutia, paca, capivara, anta e uma infinidade de pássaros. As próximas imagens revelam a presença de alguns animais:

FOTOS 10 e 11: Vida silvestre na Colônia Conceição, foto da anta e do pássaro



Fonte: Registro feito pelo autor, durante pesquisa de campo, fotografado dia 17/08/2019.

Importa salientar a conscientização dos moradores em não abater e afugentar os animais, sendo as espécies silvestres hoje vistas como contemplação, ou seja, a volta de um ambiente desconstruído e como tempo se arranja em meio a um espaço transformado em pastagens, conforme relata o assentado do lote 89:

Eu não ando vendo bichos, mas sei que tem. Nos açudes tem um monte de rastros de capivara e anta. Eles gostam de ir no fundo do lote, muita água pra eles, bastante sombras. Eu não mato pra comer, aqui tem muita fartura, tem porco, galinha e vaca para comer. É bom ter os bichos do mato por aí, eles andavam sumidos. (Assentado na colônia, linha do Mané, 63 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2018).

A melhora da condição de vida dos assentados também contribui para a conservação das espécies silvestres da região, que está localizada na entrada do Pantanal de Mato Grosso do Sul, onde a vida silvestre é exuberante, protegida pelos assentados, pois não precisam lançar mão da caça predatória para obterem fonte de proteína. A proteína animal que eles consomem provê do abate do gado criado nos lotes, bem como de suínos e galinhas que criam no entorno das casas.

É costumeiro o abate de gado em datas festivas, como aniversários, e em qualquer momento quando não se tem mais carne no *frízzer*. Desse modo, os animais silvestres que, anteriormente, eram vistos como potenciais fontes de alimentação, hoje habitam a Colônia com quase nenhum incômodo por parte dos humanos, salvo quando interferem na produção de algum lote, mas, como a maioria dos assentados apenas cultiva pastos, os eventuais animais não causam impacto que altere o cenário. Nesse

sentido, a justificativa no aumento do número de espécies de animais, que voltaram a aparecer pelo assentamento, deve-se ao fim da prática da caça, e da reprodução dos animais, que ocorre livremente.

O fator idade dos moradores é elemento fundante na interação entre as pessoas e a vida silvestre. Após muitos anos transformando e destruindo o ecossistema, eles hoje, nesse momento da vida, olham com mais carinho e atenção para a vida e a morte que os cercam, seja ela humana, seja ela animal. Portanto, a limitação física dos velhos não é responsável pela diminuição do abate de animais silvestres, mas a melhoria econômica, somada ao carinho e apreço pela fauna em plena velhice.

Toda essa realidade observada na Colônia vem sofrendo transformações próprias desse momento histórico. Para entender melhor, iremos nos debruçar, no próximo capítulo, sobre a composição das famílias assentadas, analisando dinâmicas e arranjos familiares, principalmente, na maneira como estão dando significados às suas vidas diante da recomposição familiar, que marca e reestrutura o modo de vida. Apontamos diferenças e/ou similaridades entre famílias velhas que contam com a presença de algum parente e outras que moram sozinhas.

Discorrer sobre os arranjos familiares possibilita entender como os assentamentos mais antigos de Mato Grosso do Sul estão de alguma forma se transmutando em espaços de novas relações sociais e econômicas.

CAPÍTULO II

O ASSENTAMENTO COMO LUGAR DA CHEGADA, DA MORADA E DA VELHICE

Neste capítulo, analisamos a composição das famílias da Colônia Conceição, observando o contexto dos lotes, compreendendo quem neles reside e trabalha e, ainda, atentando-nos às pessoas velhas, se estão acompanhadas por parentes mais jovens ou vivendo sozinhas ou em casais. A intenção é compreendermos quantos lotes foram deixados sob a gestão dos velhos nessa última década e como eles estão encaminhando a vida e o trabalho nesses espaços.

Para isso, apontaremos como o assentamento vem se reconfigurando diante das novas dinâmicas sociais, provocadas pelo envelhecimento populacional, com a saída das pessoas mais jovens, sobretudo pela livre comercialização de terras no assentamento, que leva para fora antigos moradores e promove a chegada de novos, ou mesmo na não chegada, visto que parte das terras comercializadas são somadas a outras, sob o domínio de poucos donos, que formam áreas ampliadas. Isso produz lotes para criação de gado, sem a presença de pessoas nas antigas residências. Nosso interesse é compreender como as pessoas estão envelhecendo na Colônia, sobretudo como lidam com as relações de trabalho e de pertencimento ao lugar.

Adentramos, assim, a Colônia para observar quem são essas pessoas que ainda residem no local, quais as especificidades capazes de motivá-las a continuarem no campo, mesmo em tempos de êxodo constante das populações rurais jovens. Para tal, realizamos levantamento nos lotes e também acessamos números coletados nas instituições públicas, como: secretarias de saúde e educação, aliado ao levantamento a campo, que nos norteou com aproximações e descompassos possíveis durante o percurso de identificação das pessoas do lugar.

Para o levantamento de dados, contamos com a sociabilidade entre os moradores, até mesmo porque, como dissemos na apresentação, somos filho da Colônia Conceição e nela ainda temos elos, fato que abriu portas para que fossemos recebido, facilitando a intrincada rede de solidariedade que forja uma relação social bastante peculiar, do filho da Dona Edite, um assentado querendo saber sobre “vida de gente

velha”, o que facilitou nossos diálogos, em saber como os velhos conseguem se manterem e manter a Colônia, mesmo com a progressiva debilidade para o trabalho. E se, para isso, eles contam com a atenção, mesmo que sazonal, dos mais jovens.

2.1 Composição dos moradores da Colônia Conceição

Para facilitar a identificação em relação à composição dos lotes no assentamento, no que se refere a quem reside e é gestor dos mesmos, iniciamos com a apresentação de um quadro geral, contendo todos os dados sobre esses aspectos, intentando melhor visualizar os diferentes grupos que compõe o assentamento Colônia Conceição. A partir do quadro, discorreremos com as análises sobre cada dado.

Quadro 1 - Composição de moradores e lotes no assentamento

Composição de lotes/moradores	Posse dos lotes	Número de Lotes
Lotes com moradores	Lotes de assentados com 60 anos ou mais	128
	Lotes de assentados com 60 anos ou mais e vivendo sozinhos (o casal ou viúvas/os)	↓ 85
	Lotes de assentados com 60 anos ou mais e vivem com parentes	↓ 43
	Lotes de assentados com menos de 60 anos	102
	Lotes de assentados herdeiros	↓ 19
Lotes sem moradores	Lotes comercializados pelos antigos assentados, sem moradores	143
	Lotes ainda de posse de velhos, sem moradores	↓ 19
Total de lotes com pessoas neles residindo		230
Total de lotes sem moradores		143
Total Geral de lotes na Colônia Conceição		373

Fonte: Dados reunidos pelo autor da pesquisa.

Conforme o Quadro 1, nos 373 lotes do assentamento Colônia Conceição, em 230 deles encontramos pessoas neles residindo. Dentre os 230 lotes habitados, em 128 deles, encontramos pessoas de 60 anos ou mais e destes; em 85 lotes, temos a presença somente de velhos; e em outros 43 lotes, de velhos em parceria com parentes mais jovens. Outros 102 lotes são ocupados por pessoas com menos de 59 anos de idade,

sendo 19 destes de herdeiros, os quais são compradores e/ou pessoas que residem na Colônia desde o início do assentamento.

Além dos lotes com moradores, existem outros 143 lotes vazios de pessoas. e destes 19 deles ainda são de posse de velhos que já não residem nos lotes. Nos 143 lotes vazios de pessoas, ocorre criação de gado, que como apontamos no Capítulo I, parte foram comprados por assentados que ampliaram sua área inicial, outra parte pertencem àqueles que, por algum motivo, deixaram o assentamento e direcionaram o lote ao arrendamento dos pastos. São diversos os motivos de neles não haver pessoas residindo, dentre eles: morte do titular e os herdeiros residem fora do assentamento; saída dos titulares devido à velhice e os herdeiros não assumirem; lotes comprados por pessoas do assentamento, que acumulam terras para ampliar seus rebanhos de gado.

É curioso observar que na soma total dos lotes do assentamento Colônia Conceição, mais da metade dos moradores dos lotes possuem 60 anos ou mais, o que totaliza 128 deles. Desse total, em 85 deles os velhos moram sozinhos, sem contarem com a ajuda dos filhos por perto. Por isso, o estar só ou sós se configura um desafio para a continuidade na atual organização da área. A seguir, analisaremos detalhadamente esses números, observando como os velhos organizam os seus cotidianos no assentamento.

2.2 Lotes com moradores velhos

Dentro do universo dos 128 lotes com pessoas de 60 anos ou mais, em 85 destes, existe o grupo constituído de apenas velhos residindo dentro dos lotes mesmo diante de todas as decisões de saída da Colônia para viverem em outros lugares. Embora haja uma população de velhos morando sozinha, em algum momento do dia ou da semana, eles interagem com outras pessoas, seja da sua mesma faixa etária ou não, as quais são da vizinhança. Para isso, a dinâmica do lugar, a proximidade com outros lotes, as relações sociais, comerciais e de trabalho aproximam as pessoas e criam possibilidades para sociabilidades. Isso nos faz pensar no sentido de se tornar velho.

Refletir sobre o envelhecimento e a amplitude do significado de ser idoso na sociedade atual nos obriga ao exercício da interdisciplinaridade e da interprofissionalidade, a fim de compreendermos as várias formas de ser e tornar-se velho (FALCÃO; LOPEZ, 2010, p. 248).

Olhar com atenção para essa população envelhecida requer esforço intelectual capaz de acionar mecanismos que possibilitem uma maior visibilidade desses velhos em face aos desafios presentes e futuros que os cercam, pois na ausência de uma rede de solidariedade com a vizinhança e parentes, recai sobre o Estado olhar para essas pessoas e propor medidas que vá ao encontro da garantia dos direitos fundamentais dos velhos, sobretudo, em relação à sociabilidade. Para tanto, é necessário acionar mecanismos e viabilizar “[...] formas alternativas de participação, ocupação e convívio do velho com as demais gerações” (BRASIL, 2003, p. 8). Contudo, tratando-se da velhice na Colônia Conceição, o fato de morarem sozinhos não significa viver em estado de abandono, visto que de algum modo eles se aproximam da coletividade, socializam-se com os outros e nessas interações externam suas necessidades e combinam uma série de questões necessárias para a sua permanência no lote, como narra uma assentada:

Eu saio, tenho meus vizinhos, aqui minha família é os vizinhos. Tenho a comadre Dinalva, a Maria, vou ali na Fátima. Elas vêm aqui, sempre tem gente por aqui também. Tem horas que a gente é bem sozinho, mas tem horas que não é. Tem horas que tenho a companhia das pessoas. Como se diz “mas antes um vizinho próximo que um parente longe”. Os parentes estão longe, os vizinhos aqui estão perto de mim, eles são como se fosse meus parentes que estão aqui perto de mim. (Assentada na colônia, linha do Mané, 60 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Observamos que, para esse grupo de pessoas assentadas de mais idade, embora morem sem os parentes próximos, é possível terem na vizinhança um aporte que, pelo menos, amenize a sensação de solidão sentida por aqueles que moram sós em seus lotes. Contudo, os vizinhos não preenchem todas as lacunas provocadas pela solidão em parte dos dias, mas essas pessoas estão de algum modo se conformando e/ou adotando estratégias para amenizarem essas sensações, seja com as comadres, seja com a vizinhança, a qual assume a função que cabia aos parentes. A importância na vida dos velhos está nas pessoas mais próximas, aquelas com as quais possam compartilhar conversas e contar com seus apoios. Nesse sentido, a solidão é momentânea.

A presença de parentes próximos também contribui de outras maneiras, especialmente, quando estes se deslocam para a Colônia periodicamente para visitarem os pais e os avós. Durante essas visitas, dialogam sobre a vida no lote e ajudam na realização de algumas atividades necessárias dentro do lote. Desse modo, são uma força de trabalho que agregam e muito no cotidiano desses velhos, tanto economicamente, como emocionalmente.

Entre o número de velhos que vivem sozinhos em seus lotes, dois terços deles são constituídos do casal de velhos. Já em um terço dos velhos, há apenas um membro que formava o casal, pois um deles já faleceu. Desse modo, a ideia de sozinho no lote pode ser visto de duas maneiras, enquanto uns têm a companhia do cônjuge, outros estão literalmente sozinhos.

Portanto, o sentido da palavra empregada por nós mostra dois cenários diferentes. Contudo, assemelham-se à medida que a velhice é condição fundamental na lida diária com os afazeres no lote. Ambos precisam contratar mão de obra externa, ou contam com o apoio de parentes. No entanto, as tarefas menos pesadas são realizadas por esses velhos, como indica o estudo de Tavares dos Santos (1978, p. 33): “Os homens e mulheres velhos realizam tarefas leves, geralmente ligado a atividades de subsistência, contribuindo assim, e na medida de suas forças, para o trabalho familiar”.

Diferentemente da reflexão do autor, na Colônia Conceição, o trabalho realizado pelos velhos não se configura numa contribuição para a família, pois eles são a família que restou. Por isso, eles, em muitos casos, deparam-se com atividades que vão além das suas forças físicas, o que suscita dilemas como se devem realizar mesmo com dificuldade ou relegar a tarefa para alguém mais jovem que possa desempenhá-la, mesmo que para isso necessitem contratar serviços.

No tocante à sensação de solidão, naturalmente aqueles velhos que já não contam com companheiros, pelo falecimento de um deles, convivem com essa realidade de diferentes maneiras, visto que precisam conviver com a sensação de solidão, sendo vivida diariamente. Portanto, para essas pessoas, o círculo de vizinhança se torna imprescindível, pois é nesse círculo onde é possível diminuir parte da sensação de solidão.

Os vizinhos aqui ajuda, toda vida eu gosto de ter gente aqui em casa. Eu falo o gente, na minha casa eu não vivo isolada do mundo não. Eu não saio de casa para passear, mas na minha casa vem muita gente. Não é aquela casa porque eu estou velha ninguém vai, aqui vem tanta gente. Eu adoro conversar, eu adoro as pessoas na minha casa, vichi! Eu me sinto bem aqui, não me sinto nem abandonada, nem sozinha. (Assentada na colônia, linha do Mané, 60 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Na interação social com os vizinhos, os diálogos promovem um bem-estar para ambos e dessa relação surge a troca de ideias, assim como a oportunidade de externarem suas vidas, criarem laços para a permanência do velho, numa troca que quando um

precisa do outro, não se mede esforços para se ajudarem. Assim, para Veras, Ramos e Kalache (1987, p. 228):

Uma importante modalidade de suporte social é obtida através dos sistemas informais de apoio que consistem nos parentes, vizinhos ou amigos. Essa estrutura social foi por muito tempo o referencial maior de apoio na comunidade, o qual, nos dias atuais, tende a diminuir.

Nos dias atuais, a comunicação com a vizinhança ou mesmo os noticiários televisivos, acessíveis na Colônia, associados ao entretenimento ajudam a população do campo a sentirem-se mais próximas umas das outras. Embora a telefonia nem sempre esteja à disposição, devido às oscilações na transmissão do sinal, que chega fraco dentro da Colônia, conseguem fazer ligações e manter um canal permanente com os moradores e com os parentes que não vivem no assentamento. Esse é um fato importante, sobretudo, para os velhos, pois podem dialogar com vizinhos, combinarem viagens, receberem notícias dos parentes.

Desse modo, não vivem o isolamento nem se faz necessário percorrerem distâncias para se comunicarem, criando meios favoráveis nesse mundo moderno, como aponta Baumam (1999, p. 21): “Dentre todos os fatores técnicos da mobilidade, um papel particularmente importante foi desempenhado pelo transporte da informação – o tipo de comunicação que não envolve o movimento de corpos físicos ou só o faz secundariamente e marginalmente”.

O telefone para os velhos é um canal de comunicação imprescindível, pois em momentos de necessidade, quando, por exemplo, tem algum animal doente, precisando de cuidados, o socorro chega, sem a necessidade de se deslocarem até a casa mais próxima para pedir ajuda. Isso também acontece com os cuidados com a própria saúde, que, em momentos de enfermidade, os assentados velhos conseguem rapidamente socorro. Atualmente, ter um telefone à mão se tornou algo de primeira necessidade para os velhos, seja para atender a questões de emergências que podem ocorrer, seja para viabilizar o contato, mesmo que por canais, com filhos e vizinhos diariamente, encurtando distâncias e produzindo certa sensação de segurança.

Quando um desses velhos se nega a comprar um telefone, de alguma forma é convencido pelos parentes e vizinhos a fazê-lo, pois não se pode ficar sem um canal de diálogo em plena velhice. Com a entrada do telefone, abrem-se as portas para outros meios de comunicação, além das ligações. Nesse sentido, surge a internet via rádio e satélite, e com isso as redes sociais proporcionam a ampliação da rede de diálogo, já que

viabiliza as interações em um nível mais amplo. Ou seja, além das ligações e mensagens de texto, também podem utilizar o sistema de vídeos, associando o diálogo à presença on-line, encurtando distâncias, mesmo que a ausência ainda seja elemento presente.

Aqui o telefone não funciona todo dia, então a gente usa a internet para tá passando uma mensagem, pra falar com os filhos, ligar pra eles pelo WHATSAPP. Então melhorou bem graças a Deus, depois que nós colocamos a internet, tem hora que ela ajuda muito a gente, porque com ela você tem o que fazer até. A gente usa internet para comunicar com os filhos e com os vizinhos também, às vezes eu tenho vontade de falar com alguém, mas a pessoa está lá na outra linha, então eu passo uma mensagem de WHATSAPP. (Assentada na colônia, linha da Ilza, 69 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Contudo, essa realidade está presente em poucos lares, pois apenas uma parcela da população da Colônia conta com a internet em suas casas. A comercialização de pacote de internet está se ampliando aos poucos, pois a cobertura via rádio, que já era utilizada pelos assentados, não cobre toda a Colônia. Os sinais via satélite ainda são considerados muito caros para os padrões de vida do assentamento. Por essas razões, acreditamos que levará alguns anos para se consolidar esse serviço. No entanto, frente à experimentação das redes sociais pelos velhos, seja em suas casas, seja nas casas de vizinhos, eles estão se familiarizado com as novidades tecnológicas e se acostumando e até desejando consumir mais esse serviço, fruto da sociedade moderna. Porém, na realidade que vivem, passa a ser um elemento fundamental, diminuindo o isolamento e servindo de auxiliar para momentos de necessidades.

2.3 Lotes com o misto de jovens e velhos

É possível encontrar na Colônia lotes habitados por outro grupo, aquele que reúne velhos e jovens em 43 lotes. Os velhos, ao decidirem permanecer nos lotes, recebem alguns parentes para compartilhar das residências e dos seus trabalhos. São filhos, sobrinhos ou netos que vivem o dia a dia com pessoas velhas. Estes, por sua vez, colaboram com as atividades dentro do lote e geralmente acompanham os velhos até a cidade em dias de compra ou nas idas aos hospitais. Ou seja, estão sempre por perto para auxiliar de alguma forma.

Identificamos 43 lotes com parentes que residem com velhos, e nesses, existem alguns casos em que os velhos não conseguiriam sobreviver sozinhos, por conta da condição de fragilidade de saúde, pela plena velhice. “A deterioração progressiva e

gradual do potencial funcional que coincide com envelhecimento resulta, portanto, da perda de coordenação de sistemas rítmicos interdependentes” (NERI, 1993, p. 34). Por isso, são amparados pelos parentes que fazem o papel de cuidadores, tendo em vista que a debilidade física dos velhos requer cuidados constantes.

Mas essa não é a regra, pois os velhos envelhecem de forma diferente, conforme o ritmo de vida e de possíveis doenças que os acometem. Em outras palavras, a quantidade de anos de vida de um velho nem sempre o debilita da mesma forma que outro. Para Bosi (1994, p. 79), “A velhice, que é fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há no transcorrer da vida, momento de crise de identificação”.

O processo de envelhecimento é vivenciado por cada indivíduo com grau e intensidade diferente, seja pela questão ideológica, cultural, social, seja pela condição ambiental, biológica e psicológica. Ainda de acordo com Bosi (1994, p. 79), o “[...] velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. O coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar”.

Nas considerações de Bosi (1994), aparece “o homem velho” sentindo todos os efeitos da idade sobre seus corpos. Mas as mulheres também sentem o peso da idade, e ainda mais precisam lidar com seus desconfortos físicos e tentar continuar ativas. Nos seus lares, ainda são cobradas como se estivessem em plena condição física para o trabalho. O cuidado que sempre fora legado a elas teima em continuar vivido, através dos olhares de familiares, vizinhos e estranhos que visitam suas casas.

Para as pessoas velhas, os sentimentos, a coordenação motora, os reflexos vão sendo reduzidos ao longo do envelhecimento, portanto podemos afirmar que uma pessoa velha vivência não somente a velhice, pois, no momento em que se encontra em plena velhice, não há uma parada no tempo, mas sim um novo tempo em que a velhice é um processo contínuo de envelhecimento.

Felizmente, apesar de em plena velhice, muitos velhos desse grupo contam com os parentes como companhia para conversar, ajudar nas tarefas, conduzir seus veículos quando não possuem a carteira de habilitação. No entanto, a maioria dos velhos do assentamento Colônia é autônoma em suas decisões e escolhas do dia a dia e, mesmo em plena velhice, trabalha na construção de cercas, no manejo do gado, vai à cidade regularmente e sem a ajuda de terceiros. Para esses assentados, a dinâmica de suas

vidas na Colônia permite viverem sem muitos sobressaltos e, assim, planejam novos arranjos dentro de seus lotes, gozando da condição de trabalho ainda vivido em si.

Outros velhos, por sua vez, diante das dificuldades próprias do campo, desejam ter alguém mais jovem por perto, o que traz uma sensação de segurança, mesmo que seja algo sutil e quase imperceptível. O sentido da companhia se mostra quando o velho precisa ser amparado. Em outros casos, as atividades costumeiras são vistas como normais, as quais os velhos fazem, mesmo tendo parte de sua capacidade física para o trabalho reduzida por conta da velhice. Sobre isso, descrevem Skinner e Vaughan (1985, p. 74-75):

Certamente não podemos nos manter fazendo tudo que fazíamos antes. Não importa quão bem tenhamos corrigido as imperfeições biológicas da idade, quantos aparelhos usemos, ou quão bem planejado e agradável seja nosso ambiente: estamos fardados a fracassar em algumas das coisas que anteriormente fazíamos bem.

Desse modo, a debilidade causada pela condição que a vida em plena velhice provoca faz com que as atividades sejam realizadas pelos parentes que convivem com os velhos. Contudo, nem sempre o parente sabe ou está disposto a realizar todas as atividades. Então, se faz necessário contratar os serviços de terceiros para tais tarefas. Em suma, ter alguém que ainda se encontra em idade produtiva está contribuindo com a permanência do velho na Colônia. Acreditamos que essa companhia traz a sensação de segurança perdida com o passar do tempo.

A permanência das pessoas em idade produtiva na companhia de alguns velhos na Colônia pode ser algo de momento, pois os acompanhantes podem deixar o lugar quando conseguirem ingressar ou reingressar no mercado de trabalho, e os velhos voltarão a ficar sós. Caso o velho esteja bem fisicamente, não sentirá tanto a ausência no momento da partida dos mais jovens. Mas aqueles que precisam de cuidados especiais terão de lançar mão de alguma maneira para continuarem residindo na Colônia. Caso contrário, terão de mudar radicalmente suas vidas, ou seja, terão de mudar para outro lugar, para onde possam contar com parentes para auxiliá-los. E isso geralmente aponta para alguma cidade, como relata a senhora de 80 anos:

Eu já fui morar na cidade com os filhos, porque meu marido está doente, ficamos três meses lá, não deu certo porque eu não gosto da cidade, então voltei para casa. Aqui eu cuido da casa, tenho minhas plantas, eu gosto daqui a gente mora bem pertinho do asfalto. (Assentada na colônia, linha da Ilza, 80 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

No caso dessa família específica, verificamos, através dos filhos cuidadores, que o esposo da senhora de 80 anos está com a doença de Alzheimer. Por isso, requer cuidados constantes e isso é realizado pelos filhos. Eles se revezam para cuidar dos pais, de modo que cada filho assume uma semana com os cuidados, realizados na casa dos velhos, no assentamento. Esta foi a saída encontrada para que os velhos pudessem continuar residindo no lote. Contudo, dentre os 11 filhos, apenas quatro deles se dispõem a essa ação para com os pais. No entanto, diante da idade e da doença dos pais, o zelo dos filhos é algo que está ocorrendo atualmente, mas não se sabe até quando conseguirão garantir a morada no lote, tudo dependerá do estado de evolução da doença.

No dia a dia dos trabalhos nos lotes, existe uma série de atividades, as quais os velhos não conseguem mais desempenharem e para isso contam com o trabalho dos jovens, parentes ou da contratação de serviço. Esses parentes, de certo modo, estão auxiliando esses velhos a adiarem a saída para cidade, devido às limitações que a condição da velhice impõe. A necessidade da presença de pessoas jovens foi descrita por Tavares dos Santos (1978, p. 47):

O jovem precisa permanecer porque é parte integrante da força de trabalho familiar e seu trabalho, principalmente o do jovem do sexo masculino, servirá para sustentar os pais quando ficarem velhos. Ficando na propriedade, o jovem garante a reprodução social do processo de trabalho camponês. Por outro lado, o processo de migração atinge sempre mais o campesinato.

Se esses jovens saírem do assentamento, as atividades de campo ficarão comprometidas, pois os serviços braçais são realizados pelas pessoas com certa capacidade física para o trabalho. Nesse sentido, quando os jovens saem do campo para as cidades, deixam uma lacuna a ser preenchida por aqueles que ficaram no lote.

Cabe salientar que há um acréscimo da população mais jovem na Colônia. Mas isso não se dá pelo aumento da taxa de natalidade, o que está ocorrendo é o envelhecimento da população. Nesse contexto, parte dos velhos está indo embora para a cidade e seus lotes estão sendo comprados por pessoas que ainda se encontram em idade produtiva, como veremos em item adiante.

Contudo, a presença de parentes retornando das cidades para morarem com os velhos também vem ocorrendo e pode estar ligada ao momento econômico do Brasil, com o aumento do desemprego e a crise econômica, ocasionando o regresso.

2.4 Lotes com moradores com menos de 60 anos

No assentamento Colônia Conceição, encontramos outro grupo de moradores do assentamento, aqueles com idade abaixo de 59 anos, grupo que ocupa 102 lotes, conforme o Quadro 1. Para esse grupo, a realidade é outra, com dilemas menos presentes. Estes assentados realizam as atividades dentro dos lotes com relativa facilidade, visto que ainda se encontram em condições físicas que os permitem lidar com as mais variadas tarefas próprias do campo.

Os assentados que compõem esse grupo conseguem desempenhar trabalhos de forma independente, como construção de cercas, roçadas de pastos, lida com o gado de corte e/ou leiteiro, estando de alguma forma empenhados com as atividades do campo. E, ainda, para complementar a renda, muitos saem dos seus lotes para ganhar a vida em outros espaços, sendo comum desenvolverem trabalho em fazendas ou em outros lotes da Colônia, onde realizam a construção de cercas, de edificações e, também, roçadas e outros. Esses aspectos se assemelham à pesquisa de Tavares dos Santos (1978, p. 38), quando diz que a “[...] transformação periódica do camponês em trabalhador assalariado é fonte de uma renda monetária que suplementa o rendimento obtido com a venda da uva”. Do mesmo modo, em dias atuais, essa saída da terra da família, para ganhar algum dinheiro em outros espaços produtivos, continua a ocorrer. Para Oliveira (1991, p. 57), esse é o trabalho acessório do camponês, é, pois,

[...] outro elemento componente da produção camponesa. Através do trabalho acessório o camponês pode se transformar periodicamente em trabalhador assalariado, recebendo salário por período de trabalho. Essa transformação periódica constitui-se em fonte de renda monetária que suplementa o rendimento com as culturas em suas propriedades.

Essa saída em alguns dias ou meses do ano, permite para o assentado acumular algum recurso a ser usado, os quais são revertidos, na maioria das vezes, nas provisões para a família. Além disso, existem as contas acumuladas no comércio e a necessidade de pagamento da energia elétrica. Por isso, somam à modalidade de assentado a do trabalho sazonal e/ou o emprego com carteira assinada. Essas categorias são agregadas ao trabalho com os lotes, vistas como meios para ampliarem renda, configurando-se numa renda monetária contínua, ou seja, receberão salários o ano todo.

Então, o trabalho de diárias em fazendas, na prestação de serviços, proporciona para o assentado a oportunidade de honrar com seus compromissos sem deixar os lotes.

Dependendo da atividade desempenhada e tempo de duração, o lucro com o trabalho pode propiciar rendimento significativo, aplicado na melhoria dos lotes, como reforma da residência, compra de moto ou carro e mesmo no investimento de reforma de pastos e cercas. Uma série de possibilidades é vislumbrada com o dinheiro adquirido fora do lote; somando a essa remuneração os frutos advindos do lote, com a venda de bezerros, do leite, ou de produtos cultivados.

Nesse sentido, o trabalho acessório figura como agregador de fonte de receita, que maximiza as possibilidades do assentado em viver com maiores oportunidades de prosperar no lugar onde vive. “O trabalho é percebido como necessidade. Ao mesmo tempo, há uma valorização das tarefas do processo de trabalho... o trabalho é percebido como prazer” (TAVARES DOS SANTOS, 1978, p. 142).

O trabalho braçal, embora penoso para os moradores desse grupo, configura-se em rendimento fundamental, adquirindo ganho com a venda de trabalho em outros lotes, realizando diárias para outros assentados, parte em lotes de pessoas velhas.

Cabe destacar que essa não é a dinâmica existente em todos os lotes da Colônia, visto que existem aqueles em que as pessoas lá não residem, como veremos adiante.

Portanto, o sair e o chegar à Colônia se acentuam ano a ano, especialmente, com o envelhecimento dos antigos moradores e a saída dos herdeiros, combinado com a titulação da terra.

Por outro lado, possuir a titularidade da terra traz consigo uma série de possibilidades, dentre elas a comercialização do próprio lote e pelo valor de mercado, visto que possuem a garantia jurídica da titulação. Com isso, multiplicam-se os novos moradores, entre eles alguns profissionais liberais, aposentados da iniciativa privada e pública, que encontram seu lugar de sossego na Colônia. Esses novos moradores investem nos lotes de maneira acentuada, seja na reconstrução de cercas, seja na reforma das residências e em pastagens.

No entanto, esse processo não está isento de contradições, visto que a chegada dos novos altera a dinâmica da comunidade do assentamento, ora produzindo espaços longos vazios, quando um único assentado adquire diversos lotes próximos, formando uma única área e com uma única residência em apenas um dos lotes, ora quando o novo morador tem na área adquirida um espaço de lazer e não de produção. Em ambas as situações, ocorrem ruptura nas relações entre a vizinhança, visto que as comadres, os compadres e os vizinhos migram ou vão ficando cada vez mais distantes, aumentando a sensação de isolamento e, também, de insegurança pelo aumento dos transeuntes, que

buscam desfrutar das áreas de lazer, fato que suscita nos antigos moradores curiosidade e desconfiança.

Desse modo, o novo grupo populacional que tem acessado os lotes na Colônia pode ser descrito como múltiplo, plural, oriundo de diversos lugares, com as mais variadas profissões. Esses são acrescidos aos antigos moradores, que, embora ainda em idade produtiva, são, em sua maioria, trabalhadores braçais acostumados com a lida no campo e residem na Colônia há muitos anos.

2.5 Lotes com moradores herdeiros

No conjunto do grupo de lotes com moradores na Colônia, encontramos um subgrupo, constituído de 19 lotes ocupados pelos herdeiros com menos de 59 anos de idade. Apesar de ser pequena a quantidade de moradores de lotes nessa situação, é interessante discorrer sobre os conflitos para continuarem com a posse dos lotes. Isso decorre do fato de que a sucessão do lote de reforma agrária, embora seja discutida e figure como bandeira de luta dos movimentos sociais do campo no Brasil, não seja analisada pelo governo, que não tomou nenhuma atitude a fim de adotar mecanismos para fomentar e garantir uma política de sucessão da terra.

Os moradores desses lotes são, na maioria das vezes, de famílias numerosas. Portanto, têm de negociar com os irmãos para continuarem residindo no lote e explorarem economicamente. Essa discussão quase nunca é pacífica em virtude dos interesses econômicos em jogo e os herdeiros, que ainda se encontram nos lotes, precisam negociar constantemente sua permanência, sob olhar dos demais herdeiros. Essa negociação nem sempre é possível de solução, em virtude de o valor do lote ultrapassar as condições econômicas de quem nele permanece, o qual dificilmente chegará a comprar a parte dos outros herdeiros.

A exploração do lote com o gado pode ou não gerar renda capaz de comprar a parte dos irmãos, contudo não é regra geral que a sucessão se consolide mediante a compra, sendo comuns ocorrerem perturbações familiares capazes de desalojar os herdeiros residentes. Por outro lado, se o herdeiro, que reside no lote conseguir comprar as partes dos demais, poderá tomar posse definitivamente da terra de seus pais. Com isso, o lugar de pertencimento familiar continuará na mão desse descendente, guardando a história familiar, reescrita agora por quem ficou.

Nos casos onde nenhum herdeiro se dispõe a morar no lote, após o falecimento dos pais, ficando o lugar vazio, abre-se uma porta para a especulação imobiliária, passando os herdeiros a serem assediados a venderem os lotes. Contudo, eles têm outras opções, podendo eles mesmos criarem gado, usando da terceirização do lote e dos animais. A outra forma possível, também existente no assentamento, está no arrendamento dos pastos para vizinhos, que atualmente são criadores de gado na Colônia e entorno. Assim, medir as possibilidades diante da falta dos pais não é uma escolha fácil, pois os gostos, vontades e motivações de vários filhos estão em jogo. Eles discutem, divergem, mas se não houver o consenso em explorar eles mesmos o lote, a última saída é a venda e partilha do dinheiro adquirido com a transação comercial. Até o momento, os 19 lotes de herdeiros ainda estão de alguma forma sob suas gestões e os rumos que cada lote tomará dependerá dos diálogos construídos entre os herdeiros.

2.6 Os lotes vazios de moradores

No assentamento Colônia, classificamos outro grupo de lotes, aqueles sem a presença de moradores neles residindo, mesmo havendo a edificação no lugar. São 143 lotes, conforme Quadro 1, que foram comercializados pelos assentados que saíram do assentamento e/ou de velhos que faleceram e os herdeiros mantêm (mas sem uso) e, também, os de velhos que deixaram os lotes para viverem em outros lugares, próximos a parentes, mas fora do assentamento.

Nesses lotes sem moradores, não se encontram animais domésticos, ou qualquer indício da presença diária de moradores. No entanto, a área da pastagem, ou seja, quase a totalidade dos lotes, é usada com a criação de gado de corte. São lugares para a criação de rebanho de gado, e a moradia, quando existe, é destinada a guardar alimento bovino, salvo em alguns casos em que o espaço da casa foi tornado um lugar de festas, para lazer nos dias de feriados e fins de semana. Contudo, como a maior parte desses lotes pertence a assentados, que já possuem outros lotes dentro da Colônia, vivendo em um deles, as residências das áreas adquiridas não recebem atenção no que se refere à manutenção/ampliação, evidenciando nenhum zelo com o entorno das casas.

A quantidade de lotes nessa situação aumenta anualmente, pois, diante da possibilidade econômica, qualquer pessoa que disponha de recursos pode comprar um ou mais lotes na Colônia. Nesse cenário, não há a necessidade de residir dentro do lote, haja vista que os documentos cartoriais os salvaguardam de qualquer contestação sobre

a posse e uso da terra. Assim, anos após anos, algumas famílias vão ampliando suas terras e intensificando o vazio demográfico.

Além disso, esses lotes, ou melhor, todos os lotes na Colônia, são vistos como fonte de capital, pois o sentido do pertencimento à terra dá lugar ao valor monetário desse lote, ou seja, as pessoas começam a ver cifras sobre suas terras. Em outras palavras, vislumbram o poder de compra que passariam a ter se vendessem seu pedaço de chão.

A apropriação capitalista da terra permite justamente que o trabalho que nela se dá, o trabalho agrícola, se torne subordinado ao capital. A terra assim apropriada opera como se fosse capital, ela se torna equivalente de capital e, para o capitalista, obedece a critérios que ele basicamente leva em conta em relação aos outros instrumentos possuídos pelo capital (MARTINS, 1983, p.162).

Essa apropriação capitalista provocou, no seio do assentamento, algumas contradições, haja vista que os lotes, antes ocupados pelos antigos moradores, em tempos de outrora, onde despontava o cuidado com as plantas, repleto de animais domésticos no terreiro, deu lugar ao vazio silencioso da presença humana. As casas quando existem passam uma sensação de vazio, tomado pelo saudosismo melancólico, pois toda história da transformação e vivência naquele lote se perde com o tempo, deixando apenas as marcas do passado, como revela uma assentada na Colônia:

Eu tenho muitos vizinhos que foi embora, outros já morrem. Quando tinha os vizinhos aqui próximos, eles vinham na casa da gente, quando também não tinha essas televisão né. Porque a televisão empata um pouco em a pessoa entende com a televisão e esquece um do outro. (Assentada na Colônia, linha do Taquarussu, 70 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

De acordo com a senhora de 68 anos, a falta de vizinhos próximos aumentou o isolamento entre os moradores do assentamento. Junto a esse fato, com a chegada da energia, os televisores passaram a cumprir o papel de interlocutores, ampliando o afastamento entre as pessoas. Portanto, no momento em que deveriam se apoiar nas redes de vizinhança, acentuam o isolamento. Fora isso, é notável que os novos donos imprimem uma nova lógica de reestruturação do lote. O trabalho manual, antes moroso, dá lugar a alguns implementos agrícolas, dando vazão às ambições produtivas do novo morador. Isso é reflexo do quanto o capitalismo interpenetra no campo e traz consigo seus aparatos capazes de promover a produção agropecuária em tempo reduzido.

Com essa interpenetração do capital, pouco a pouco, os vestígios das casas estão sendo apagados e, em muitos casos, até os pomares são eliminados, rastro último da organização do entorno da morada de antigos assentados. Contudo, as cercas que delimitam as divisas sinalizam o espaço de terra que pertenceu a alguém, mas que atualmente está incorporado ao propósito único de criar gado. O novo dono tem suas motivações, seus projetos de vida, recriando um novo espaço e com isso a população diminui ano a ano. O vazio de pessoas dá lugar apenas à criação de gado de corte.

Parte dessa reestruturação dos lotes se dá pela dinâmica de buscar empréstimos no banco. Isso ocorreu e ocorre no assentamento, ou seja, os moradores em maior ou menor intensidade procuram o banco para tal. Contudo, os donos de vários lotes buscam acessar os créditos com maior frequência. Daí seria legítimo dizer que o capital interpenetra com maior vivacidade nas mãos dos concentradores de renda e essa renda está capitalizada na terra.

As pessoas que estão adquirindo os lotes desses velhos, na maioria dos casos, já possuem outros lotes na Colônia, ou seja, estão acumulando terras no intuito de ampliar seu rebanho de gado, fato que gera um vazio demográfico, e ao invés de ampliar contingente populacional ocorre o contrário. Assim, as habitações, antes cheias de vida, atualmente se encontram com um vazio melancólico, pois não mais habita a vida humana, ficando a historicidade dos velhos que nelas residiam marcadas na organização do entorno das residências, manifestada nas plantas, no jardim de cada habitação, especialmente, nas flores muito cultivadas pelas pessoas de idade mais avançada e que evidenciam que ali vivia uma pessoa velha.

2.7 Lotes sem moradores e de posse de velhos

No grupo de 143 lotes em moradores, encontramos um subgrupo de 19 lotes, os quais pertencem a velhos que não residem neles, mas ainda detêm sua posse e, atualmente, é destinada à criação de gado, na condição de arrendamento. São lotes que ainda não foram comercializados, mas se encontram vazios da presença de moradores. No entanto, possui uma dinâmica diferente pelo cuidado com a residência que pode voltar a ser habitada pelo proprietário ou herdeiros, contando com pomares cuidados, a fim de preservar o legado, fruto do trabalho do idoso, ao longo da sua vida na Colônia.

O sentido do pertencimento se faz presente e os motiva a manterem preservadas as memórias dos trabalhos ali realizados, materializados nas construções, na

preservação de algumas árvores símbolo, bem como no cultivo de plantas, elementos que nos remete às observações de Bosi (2003, p. 23 - 24) quando diz que a memória: “Existe dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. Aparece com clareza nas biografias; tal como nas paisagens, há marcos no espaço onde os valores se adensam”. Ou seja, o trabalho de uma vida inteira na Colônia teima em ficar vivido, embora o assentado não esteja mais ali presente. O simples fato de continuar como detentor da posse da área serve como orientação para manter o lote tal como o assentado deixou.

As motivações que levam esses velhos a saírem são tantas, mas podemos numerar algumas: a condição de saúde do velho, o incentivo de filhos a morarem mais perto dos centros médicos, o desejo de descansarem de uma atividade de uma vida toda, o sonho de mudar de vida na fase da velhice, a saída da sensação de vazio na qual suas vidas estão após a saída dos filhos, entre outras. As motivações, as quais fazem os velhos saírem de lotes, são próprias da condição da humanidade. O ir e o vir sempre foram elementos presentes nas sociedades humanas, ou seja, existe uma série de motivos que leva as pessoas a buscarem outros lugares, algo que lhes falta onde estão, seja por escolha própria, seja pela escolha de terceiros. Se o nomadismo foi em tempos de outrora algo comum, naturalmente o resquício dele teima em fazer parte dos espaços de habitações humanas, sobretudo, na velhice, como apontam Skinner e Vaughan (1985, p. 81):

Usualmente a velhice significa mudanças quanto a onde e como vivemos. Talvez mudemos para uma casa menor; talvez para um país ou clima mais quente; para mais perto (ou mais longe) de nossos filhos; para perto de coisas de que gostamos especialmente, ou para um local menos dispendioso.

Na Colônia, não seria diferente. Se os fatores que movem as pessoas estão presentes, então estes por sua vez se movimentam. Mesmo se essa movimentação for vista aos olhos da sociedade como algo negativo, não se pode negar a legitimidade das escolhas das pessoas, em buscarem novos espaços para viverem.

Contudo, essa dinâmica de sair do seu lugar de moradia pode ser muito dolorosa, pois a memória de uma vida de trabalho se reparte em duas, quando o velho sai do lote para morar mais próximos dos filhos nas cidades. No entanto, mesmo com a saída dos velhos dos lotes e o fato de não os haverem comercializado, significa o desejo de preservar a parte materializada do trabalho e conquista de décadas. Desse modo, concordamos com Bosi (2003, p. 36) ao afirmar que

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo das consciências. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

As memórias impressas naqueles lotes deixados nem sempre são compreendidas pelos parentes, pois, em certa medida, é possível encontrar situações em que os parentes pressionam os velhos a se desfazerem dos lotes, antevendo também o interesse na herança, no valor que receberiam com a comercialização das unidades, especialmente pelo valor lá praticado, girando em torno de 400 mil reais (em 2018).

A tentação em transformar em dinheiro o lote que sempre fora sua casa, fonte de sustento da família, povoa a mente de alguns velhos, motivados pelo assédio dos filhos. Portanto, para esses velhos que já se encontram nas cidades, a chance de se desfazerem do lote são enormes, frente ao que descrevemos anteriormente. Contudo, encontramos aqueles que ainda estão resistindo, e se houver possibilidade (quicá haverá) parte desses velhos poderão ainda retornar à Colônia.

No que se refere no total dos lotes vazios que foram comercializados e que chegam ao número de 143, parte deles foram comercializados pelos velhos quando decidiram deixar o assentamento para viverem próximos aos filhos, fora da Colônia, em virtude da fragilidade causada pela velhice, ou quando de seus falecimentos e da conseqüente venda por parte dos herdeiros. Encontramos o número aproximado de 49 lotes, aos quais os moradores eram velhos. Acreditamos que decidiram pela comercialização pelo fato de perceberem que a idade havia chegado e os filhos não estavam por perto.

Os lotes desses velhos, antes mesmo da venda, passam a ser sondados pelos possíveis compradores, meses e até anos antes, visto que as dificuldades em permanecer no lote são externadas pelos velhos nos círculos de vizinhança. Quando eles manifestam sua decisão de ir embora, recebem várias propostas pelos lotes, a maioria, abaixo do preço desejado e quando encontram alguém que dê o valor que desejam ou próximo disso realizam a transação comercial.

Com isso, após décadas morando nos lotes, outras pessoas tomam posse. Esse novo morador, geralmente, coloca em execução uma série de atividades necessárias para criação de gado, pois os antigos donos em idade avançada não conseguiam dar o dinamismo necessário para continuarem e, assim, o lote, que tinha como função

principal a morada, passa a ser o lugar onde essa morada perde o sentido, torna-se um espaço onde a criação de gado domina o cenário.

Quando isso acontece, apesar de o lote passar a apresentar um dinamismo na sua organização como um todo, com novas cercas, pastos reformados, limpeza das margens das estradas, não se apaga a sensação de abandono que paira no ar, pois na memória dos vizinhos a ausência da vida humana continua vívida.

Contudo, os assentados que ficam na Colônia vão se acostumando com o novo arranjo populacional e organização dos lotes ano a ano e é certo que haverá a acumulação de lotes na mão de poucos, que mediante a quantidade de pessoas de idade avançada, bem como as dificuldades dos herdeiros em assumirem os lotes, a comercialização tende a se ampliar. A saída de mais velhos e de outros vai concentrar ainda mais a terra. A transformação de lotes em pequenas fazendas loteadas se desenha de forma contínua, e não existe corrente que possa romper essa lógica posta.

No entanto, é preciso destacar a importância que esses lotes tiveram no percurso da história do assentamento, como lugar, unidade da reprodução da família, tendo cumprido papel social, pois neles foi possível criar, alimentar, educar e emancipar os filhos. No final da jornada de uns, inicia-se ou continua-se a jornada de outros, portanto esse novo desenho é uma nova significação do espaço e lugar, com outras pessoas com desejos e motivações próprias.

2.8 Os velhos nos lotes da agrovila

Destacamos que estamos trazendo o número de velhos que residem na Agrovila em separado dos demais, pelo fato de viverem cotidianos diferentes dos velhos que ocupam os espaços dos lotes, com jornadas permeadas de um volume de trabalho maior que o na Agrovila. Na Agrovila, embora esteja dentro da colônia, a dinâmica de vida e a relação com o trabalho se assemelha a da cidade, sobretudo, pelo arranjo social de casas muito perto umas das outras, aliado à falta de espaços para desempenharem atividades produtivas rurais. Desse modo, é necessário olhar para esses velhos, fazendo o devido recorte de lugar.

Sobre os velhos da Agrovila, apontamos quantos são casados, viúvos, e, principalmente, a faixa etária, somado com a presença e/ou falta de pessoas mais jovens, para auxiliarem esses velhos. Vejamos, de acordo com os dados de campo, o que observarmos ao olharmos para a população velha da Agrovila.

Quadro 2 - Composição das famílias de velhos na Agrovila da Colônia

Velhos casados	Velhos viúvos, solteiros ou separados
10 = 5 casais	12

Fonte: Dados reunidos pelo autor da pesquisa.

Observamos que a presença de velhos na Agrovila mantém um equivalente entre o número que formam casais e aqueles que estão sozinhos. No que se refere a viúves, identificamos quatro mulheres e um homem. Em relação à faixa etária desses, segundo o levantamento junto ao agente de saúde responsável pelas visitas a esses velhos, eles estão com as seguintes idades:

Quadro 3 - Faixa etária dos velhos da agrovila Colônia Conceição

Faixa etária	Total
60 a 65	7
66 a 70	6
71 a 75	4
76 a 80	3
81 a 90	2
Acima 90	-

Fonte: Dados reunidos pelo autor da pesquisa.

De acordo com a quadro 3, 13 velhos se encontram com menos de 70 anos de idade, os demais estão entre 71 e 90 anos de idade. Para além dos dados referentes à idade desses velhos, cabe destacar que a maioria deles não possuem lotes na Colônia. Desse modo, imprimem uma nova dinâmica, tanto na forma de viver no campo, quanto na rotina de atividades que ainda desempenham.

A vida na Agrovila para as pessoas velhas, guardadas as devidas proporções, assemelha-se a da cidade, na forma de organização, no espaço sobre seu domínio e, principalmente, na proximidade entre as casas. Contudo, ao morar em uma vila rural, o contato com o campo pode ser vivido por esses velhos, pois estão cercados pela vida rural, sendo a Agrovila uma ilha dentro da Colônia.

Alguns desses velhos prestam serviços para os assentados, numa alternativa para ampliarem suas rendas, visto que necessitam adquirir alimentos; e quando a aposentadoria não é suficiente, se obrigam a venderem sua força de trabalho. Curiosamente esses velhos trabalhar para os assentados imprime uma dinâmica de

acolhimento e reciprocidade, pois em geral estão eles trabalhando para outros velhos. Então, há uma relação de troca, não apenas de mão de obra, mas de experiência, de confiança e, sobretudo, de como são capazes de realizar determinadas atividades em plena velhice.

Estes aspectos, das vivências das pessoas velhas na Colônia Conceição, são análises do terceiro capítulo, no qual buscamos compreender os relatos dos velhos sobre como “vivem a velhice na Colônia”, assim como suas dificuldades e dilemas, mas, principalmente, a alegria em estarem vivendo bem no campo, mesmo diante do processo de envelhecimento.

CAPÍTULO III

A VELHICE VIVIDA E CONTADA PELAS MEMÓRIAS DAS PESSOAS QUE FAZEM OS CAMINHOS DA COLÔNIA CONCEIÇÃO

Neste capítulo, analisamos relatos das pessoas velhas do assentamento Colônia Conceição, intentando compreender a velhice em suas múltiplas manifestações, atentando para o sentido que atribuem à velhice; como vivem essa fase da vida combinada com os trabalhos que executam nos lotes; como ocorre a manutenção da assistência com a saúde; como os velhos desenvolvem as sociabilidades com a vizinhança e as relações de parentesco como auxiliares para a permanência (ou não) nos lotes; como constroem seus projetos acalentados para o presente vivido, combinado com o futuro.

Nesse sentido, as muitas falas que apresentaremos nos levam a entender que a velhice para as pessoas da Colônia figura como um direito: direito à vida, direito ao modo como desejam viver e, especialmente, direito de viver por um longo tempo e em lotes de assentamento. Por isso, descrever os arranjos na vida dos assentados nos remete ao caminho da memória, que é, ao mesmo tempo, constituído de memória individual, mas também é fruto das interações sociais, presentes ao longo da vida desses velhos, como apontado por Bosi (2003, p. 18): “Há, portanto, uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, ideias e valores que dão identidade aquela classe”.

Dialogamos com as lembranças desses velhos, vendo o quão foram capazes de prosperarem dentro desse lugar que atualmente ocupam. Nesses diálogos, percebemos que a memória atua como um filtro para as lembranças sejam boas, sejam ruins, as quais se referem à vida de cada um e à vida de outros, povoando suas mentes, como aponta Bosi (2003, p. 15):

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político, etc.) e que existe a

transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura.

Em outras palavras, a memória tem seus próprios caminhos, mas em certa medida ela “se deixa” influenciar pelas construções sociais. E nessas interações, vai se moldando e/ou se resignificando durante o percurso da vida. Diante da complexidade da memória, possivelmente ao ser repassada para outros, “a memória oral também tem seus desvios, seus preconceitos, sua inautenticidade” (BOSI, 2003, p. 18).

3.1 A velhice e os caminhos da memória: dialogando com as teorias

Quando as pessoas chegam à velhice, uma série de questões vem à tona. Afinal no que incide essa tal velhice? Que conceito é esse usado para definir uma pessoa como sendo velha? Para Schneider e Irigaray (2008, p. 580), existem “[...] diferentes formas de definir e conceituar a velhice”. Uma delas versa sobre a idade cronológica, que atualmente vem sendo questionada, como apontam Rodrigues e Soares (2006, p. 4):

A idade cronológica é estabelecida independentemente da estrutura biológica e do grau de maturidade dos indivíduos, por exigências das leis que determinam direitos e deveres do cidadão e distribuem poder e privilégio. Devido ao caráter instrumental, as categorias de idade são construções culturais e sociais arbitrárias que atendem a interesses políticos de grupos sociais na luta pelo poder.

Desse modo, padroniza-se a fase da velhice com base na cronologia, ou seja, atentando apenas para o tempo de vida das pessoas, e nesse bojo, as particularidades sobre os vários envelhecimentos são colocadas à margem da concepção política sobre velhice. Para dar vazão à discussão sobre esse termo, tão complexo (para não dizer controverso), buscamos as classificações apontadas por Rodrigues e Soares (2006, p. 7):

É do imaginário das representações que saíram os termos e as expressões classificatórias como velho e velhote, idoso e terceira idade. Tais termos e expressões são responsáveis pela construção de uma identidade estigmatizada, que acaba por excluir do processo social os indivíduos que se encontram com sessenta anos ou mais.

Diante de tamanha variação de nomenclatura, os estudos científicos se aproximam do que seria socialmente cabível em determinada sociedade. Contudo, a sociedade é constituída de uma multiplicidade de grupos e de sujeitos sociais, que vivem lógicas diversas, as quais imprimem marcas do tempo também diversas sobre os corpos das pessoas. Daí a ideia da existência de múltiplas velhices e a necessidade de

busca de termos que melhor retratem essa etapa da vida. Apenas um aspecto parece único: a existência de estigmatização e categorização social das pessoas consideradas velhas. Por isso, a necessidade de se discutir as múltiplas velhices, tentando ressignificá-las socialmente, como apontado por Debert (1999, p. 72):

Abordar a velhice na experiência contemporânea é descrever um contexto em que as imagens, e os espaços abertos para uma velhice bem-sucedida não velam necessariamente a uma atitude mais tolerante com os velhos, mas sim, e antes de tudo, a um compromisso com um tipo determinado de envelhecimento positivo.

A velhice reside no simples ato de envelhecer, entendida como condição social inerente ao caminhar do tempo, que não para, sendo um percurso existencial, porque não pede passagem, seguindo o curso da vida e se apresentando cada vez mais, à medida que as pessoas conseguem prolongar suas vidas. Em cada sociedade, ela se processa de maneira diferente, em conformidade com as particularidades individuais dos grupos que constituem cada uma das sociedades, moldada pela maneira como esses determinados grupos vivem o momento histórico, social e político de seus lugares, incidido sobre as representações da velhice, como apontam Felipe e Souza (2014, p. 23):

Deve-se levar em consideração que as representações existentes em uma determinada sociedade sobre a velhice, o momento específico a partir do qual o indivíduo é considerado velho, a posição social desse velho e o tratamento direcionado para essa fração da população ganham diferentes significados que dependem dos variados contextos sociais, culturais e históricos.

Diante dessas variáveis para conceituar a velhice, entendemos que “[...] não é possível o estudo da velhice apenas com a utilização de informações biológicas, pois existem outros fatores que são essenciais para as pesquisas que buscam respostas mais complexas” (FELIPE; SOUZA, 2014, p. 25). Assim, se existem muitos termos para definir a velhice, essa é uma constatação de que o envelhecimento, e, sobretudo, a velhice, não se processam de forma homogênea, linear, mas se revelam de múltiplas formas, com suas inconstâncias, sobretudo, carregada de preconceito social, como destacado por Schneider e Irigaray (2008, p. 588-589):

A existência de múltiplas palavras para nomear a velhice revela o quanto o processo de envelhecimento é complexo, negado evita ou mesmo temido. Evidencia claramente a existência de preconceitos, tanto por parte da pessoa idosa quanto da sociedade. As pessoas idosas e a sociedade em geral precisam se reeducar quanto à superação de ideias preconceituosas, pois se

tornar velho é aceitar a velhice e ser orgulhoso dos muitos anos que conferem experiência, sabedoria e liberdade.

Aceitar o momento da velhice tanto para velhos, quanto para o todo da sociedade em geral poderia, ao menos, atenuar as conflitualidades possíveis entre gerações, haja vista que enxergar o outro em si humaniza a sociedade, além de promover conhecimentos e trocas de saberes úteis entre ambos, rompendo com estereótipos sociais, como apontam Rodrigues e Soares (2006, p. 5):

A construção do significado da velhice é permeada por crenças, mitos, preconceitos, estereótipos que, nessa sociedade expressão se por meio de representações depreciativas do fenômeno do envelhecimento e do sujeito que envelhece, definindo o seu lugar social.

Se a construção do significado da velhice, conforme os autores, é uma construção social depreciativa do ato de envelhecimento, aqueles que ainda não estão vivendo a fase da velhice cumprem o papel de reforçar essas contradições, as quais recaem sobre a população envelhecida. Então, ser velho é algo além das nossas suposições e concepções, pois o envelhecer se processa de múltiplas formas, e por isso concordamos com Schneider e Irigaray (2008, p. 589) quando dizem que o “[...] envelhecimento humano, cada vez mais, é entendido como um processo influenciado por diversos fatores, como gênero, classe social, cultura, padrões de saúde, individuais e coletivas da sociedade, entre outros”.

O envelhecimento precisa ser entendido em sua plenitude. Para tanto, faz-se necessário transmutar os estudos sobre essa condição e população, alçando nessa discussão todos os seguimentos sociais, seja nas escolas, nos segmentos do mercado, nas políticas públicas que atentem para o amparo à velhice, trazendo esse debate para pauta do dia, desde a infância até a idade adulta. É preciso levar a população a analisar que a etapa da velhice compõe o percurso da vida das pessoas e da dinâmica da sociedade. Com isso, criaríamos condições de superação do temor em relação a essa fase, bem como superaríamos a ideia de descarte, presente na estigmatização social da velhice e que decorre dos referenciais da lógica capitalista, os quais enxergam os velhos como seres não mais produtores de riquezas, além de demandarem investimentos do Estado em políticas de atendimento à saúde. Esse preconceito nega o percurso de atuação das pessoas velhas e produz a ideia de fardo social, resultando num imaginário que vislumbra a velhice como algo ruim, acentuando estereótipos sobre pessoas velhas,

bem como recusa discutir a presença da velhice como parte do percurso da vida das pessoas em todos os contextos sociais.

O fato é que a velhice está presente e nas últimas décadas tem se manifestado a passos largos, com aumento no número de pessoas de 60 anos ou mais no Brasil e no mundo, conforme apontam os dados do quadro abaixo em relação à realidade brasileira.

Quadro 4 - Pessoas acima de 60 anos no Brasil

Ano	População
1970	4.716,208
1980	7.216,017
1991	10.722,705
2000	14.536,029
2010	20.588.890

Fonte: Dados organizados pelo autor, com base no IBGE.

Diante dos dados do quadro 4, faz-se necessário tratar da velhice como uma etapa do curso natural da vida, visto que o número de pessoas nesses grupos, conforme pesquisa do IBGE, tem aumentado ano após ano. A sociedade pode e deve olhar para a sua população como elos que interligam gerações. Além disso, deve-se enxergar que a velhice depende da forma “[...] de conceber e viver o envelhecimento, depende do contexto histórico, dos valores e do lugar que o idoso ocupa na escala classificatória dessa sociedade. Que ao final serão os responsáveis pela construção social do envelhecer e da velhice” (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 5).

A velhice é um caminho a se chegar quando as pessoas vivem por mais de 60 anos. Desse modo, para entender como os velhos vivem na sociedade, o estudo das memórias auxilia no entendimento da realidade através das lembranças de tudo que viveram ao longo do tempo. São as pessoas velhas falando de suas velhices e, dessa forma, por meio de suas lembranças, “[...] se atualiza[m] na *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí, também, o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória” (BOSI, 1994, p. 49).

Através da memória dos velhos, é possível uma caminhada por gerações, por momentos históricos, por detalhes vividos, até a chegada da velhice, que figuram como testemunhos do tempo, como descreve Bosi (1994, p. 60):

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas, elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absolta nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade.

Por essa razão que devemos buscar na memória dos velhos entender o passado e mesmo as dimensões deste presente. A memória para o adulto ativo, segundo Bosi (1994, p. 60), expõe a lógica de que “Vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez”. Portanto, a memória dos velhos é uma fonte documental imprescindível para entendermos a sociedade. A sua clareza de fatos testemunhados serve como acervo do tempo, e nos permitem olhar para o hoje, entendendo como as mudanças ocorreram na sociedade ao longo dos tempos diferentemente da pessoa jovem. Sobre o sentido da memória para os velhos, Bosi (1994, p. 60) afirma:

Outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.

Contudo, a memória não se processa de forma homogênea, ela possui seus desvios, deixa-se transparecer entre o ser, o ambiente e a realidade. Nesse sentido, a memória está sempre se moldando, de acordo com o momento. Sobre isso, Pollak (1992, p. 204) aponta que a

[...] memória é, em parte, herdada, não se refere apenas vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.

O que nos motiva a trazer elementos da memória dos velhos para entender a velhice na Colônia Conceição recai sobre as duas memórias – a individual e a coletiva, passíveis de serem compartilhadas por esses velhos. O próprio Pollak (1992), nos

chama a atenção para a possibilidade de entender o passado como auxílio da memória individual e coletiva.

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos da pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos em que eu chamaria “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer (POLLAK, 1992, p. 201).

Por isso, ao atentar para a velhice na Colônia, estamos de acordo com Pollak (1992), pois não buscamos fragmentos de memória, mas olhamos para os velhos que se encontram vivendo a velhice e, assim, compreendendo o que é ser velho em assentamento de reforma agrária, num olhar sobre a sociabilidade desses sujeitos. Além disso, procuramos entender onde reside o pertencimento desses velhos, a coletividade a que pertencem e qual é o sentido de comunidade a qual compõem.

3.2 O sentido da velhice nos relatos das pessoas velhas da Colônia Conceição

Para entender, ao menos em parte o lugar de fala dos velhos, é necessário recorrer às memórias para o entendimento de como enxergam a velhice e estão vivendo em seus lotes e, sobretudo, como estão se articulando para permanecerem bem nesse lugar. Dos relatos dos fatos vividos pelos velhos da Colônia Conceição emergem a memória cronológica por eles descrita, apresentada na sequência do que viveram, e as memórias de como trilharam seus caminhos até o momento atual. São memórias carregadas de subjetividades, próprias das experiências de cada indivíduo, vividas em diferentes contextos sociais, como narrou o assentado de 71 nos de idade.

Eu tenho lembranças más, assim da pobreza, porque meus pais eram pobres, a gente passou uma vidinha muito feia, financeiramente ruim. Mas eu **tenho lembranças boas** de quando a gente era criança. **Que tinha os pais, tinha os avós, tinha os tios. Hoje eu tenho saudades disso** aí, nenhum deles eu tenho mais, só alguns tios e eu tenho lembranças boas de colegas. Eu vivi mais aqui no Mato Grosso, na região de Dourados, eu morei ali uns tempos, em Campo Grande. E tenho essas lembranças, dava prazer à gente se ajuntar, jogar futebol, a gente brincar, mesmo que eu não sou jogador, eu tenho essas lembranças assim, muito boa. **Você tinha saúde**, nunca tive em hospital, a única vez que fui, foi porque eu intoxiquei com veneno, fui tratar em São Paulo, mas graças a Deus eu tenho uma saúde boa. E tenho essas lembranças boas e agora eu sinto assim meio triste porque esse povo que existia não tem mais, fica a tristeza de pensar, cadê meus pais, cadê meus tios, cadê meus avós? Então é tristeza. (Assentado na colônia, Linha do Mané, 71 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

A velhice, na fala do assentado, compõe a somatória do viver um tempo longo. Nela, vão se somando acontecimentos que constituíram sua trajetória, arquivados pela memória, como num armário, onde são guardados objetos e, neste caso, guardam-se acontecimentos, eventos, dificuldades, amores e vitalidades. O armário da memória conta com auxiliares que mantêm arquivado ou trazem à cena parte de seu guardado, das experiências vividas e períodos da vida. Um desses auxiliares é a lembrança, a qual parece funcionar como elemento chave no arquivo da memória, figurando como guardiã dos tempos de outrora, mesmo daquelas lembranças más, como disse o assentado, aquelas que se remetem à precariedade social por ele vivida. No entanto, não são apenas as más lembranças arquivadas na memória, as boas também estão; aquelas que alegram ao serem rememoradas. Essas, no relato do assentado, estão configuradas no tempo da juventude, quando ele desfrutava de saúde e de vigor físico.

O assentado rememora as lembranças da diversão e da sociabilidade familiar, essas sim, boas de lembrar. Por isso, a ideia de que a lembrança é uma auxiliar da memória, aquela que vai formando elos dentre os múltiplos fios que compõem o arquivo da memória. Por meio deles, é possível tecer balanços do vivido, avaliando tempos remotos numa interface com os tempos presentes, aspecto animador para quem, como o assentado, encontra-se na fase da plena velhice.

No balanço do arquivo da memória, as pessoas velhas conseguem estabelecer um vai e vem entre tempos distintos, e com isso vislumbrar a velhice presente, manifesta no desaparecimento do vigor físico e na ausência dos familiares, que já se foram como relata o assentado.

Em outro depoimento, expresso abaixo, o relato da assentada busca nos fios das lembranças um tempo ainda mais remoto, aquele vivido em sua infância, repleto das lembranças de tempos de sossego. De lá em diante, aponta memórias de uma caminhada permeada pelas dificuldades, migrando de um lugar a outro, carregando as trouxas e os “filhos que Deus mandava”. São lembranças amarradas numa cronologia da busca pela vida sossegada, que da infância só pode ser revivida com a vida na Colônia, como evidencia o relato de uma assentada, de 75 anos:

Da minha juventude, que eu vivia mais meu pai. Quando eu tinha sossego na minha vida, quando eu era criança, mocinha, eu trabalhava seis dias da semana mais meu pai, meus irmãos. Eu tinha sossego, tinha prazer na minha vida, hoje eu lembro de tudo. Só que depois que eu casei com dezessete anos, eu fui pra roça novamente, saí de lá, vim para esse Estado e só vivia com uma trocha nas costas e um filho nos braços, pra cima e pra baixo, aí já perdi o

sossego. Eu vim a ter sossego outra vez, depois que cheguei aqui na Colônia, porque aqui eu mando, porque é meu. Mas a minha saudade melhor era do tempo que eu era criança, mais o tempo não volta mais. (Assentada na Colônia, linha da Sede, 75 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

As lembranças se parecem com remédios, quando seus efeitos anestésiam as carências vividas, as dores e as perdas enfrentadas nos caminhos da vida. O anestésico funciona pelo efeito da cronologia, que no vai e vem dos tempos faz circular a precariedade. Mas também traz à cena as conquistas, o que a assentada denomina do sossego alcançado, mesmo que a saudade de outras paragens da vida ainda se manifeste no arquivo da memória. Para que ocorra esse balanço, é preciso outro auxiliar da memória, manifesto na saudade, esse trazido à cena pela lembrança. Saudade dos que se foram, do que se era, contrastando com a vida sendo vivida, sem a certeza do que se espera. Por isso, é corriqueiro ouvir das pessoas velhas a frase: “vou vivendo até que Deus quer”, que parece indicar um cunho religioso, mas que retrata a incerteza diante das condições postas e no devir do amanhã, até mesmo porque o amanhã já chegou. Parte da vida já foi vivida, já se foi.

As entrevistas conduzem a questões tão relevantes para os assentados, dentre elas expõem relatos como esses anteriormente citados, que nos permitem entender que as lembranças da memória podem viajar por tempos, por escolhas do entrevistado que, ao mesmo tempo, fascina e emociona. Por isso, concordamos com Menegat (2009), quando apresenta diálogos com a obra de Santo Agostinho, ao apontar que a memória se assemelha a um grande palácio, com diversos cômodos, neles estão depositadas as lembranças e visitamos aqueles onde estão arquivadas as lembranças que mais nos interessam. Isso não significa que tenhamos esquecido as que estão depositadas nos cômodos não frequentados, apenas não as desejamos rememorar. No entanto, na etapa da velhice, parecem aflorar todas as lembranças, sejam boas ou más, soando como antídoto que anima, visto que rememorar outrora, especialmente, a juventude, alimenta a possibilidade de ir em frente, afinal, é possível perceber o quanto de estrada se trilhou, tudo o que foi vivido, e por meio desses elementos continuarem na caminhada, como aponta outro assentado:

Saudades do tempo que eu era mais novo eu tenho, o que eu tenho mais saudades é dos meus companheiros, porque de outra coisa eu não tenho muita saudade não, porque no tempo da minha juventude, o que eu passei mais foi necessidade, eu trabalhava adoidado e não tinha nada, então quer dizer que eu não tenho saudade não, desse tempo passado de jeito nenhum. Agora dos

companheiros, daqueles que se afastou, uns foram pra longe. Lembro do Babassu, tinha uma companheirada boa, a gente saía, era bem divertido. (Assentado na colônia, linha da Jaguatirica, 71 anos de idade. Entrevista Gravada no Ano de 2019).

Os relatos dos velhos apontando trajetórias vividas levam aos cômodos da memória por eles pouco visitados, porque viveram etapas em que a memória era coletiva. Nela nos vemos presentes, visto que as lembranças dos velhos, com os quais dialogamos, minhas o são, porque faço parte da história da instalação da Colônia Conceição. A minha história se inter-relaciona com a história desses velhos, seja porque faço parte da mesma comunidade que eles, seja por também passar por carências, especialmente, das condições alimentares, que se assemelham com os relatos dos assentados. Portanto, não consigo me distanciar daquele universo, ao ponto de olhar para os velhos apenas como pesquisador. Somos nós mesmos, parte desse processo de vivência, de superação e por que não, de nosso próprio envelhecimento que está em curso. A respeito de envelhecer, o assentado de 71 anos traz o sentido da velhice como ganho, recompensa, uma dádiva divina que poucos a conquista.

Sobre ser velho eu penso que Deus abençoou a gente chegar até aqui, porque muitos não chegam. Quantos antes de chegar a ser idoso já foi, já morreu. Nós aqui, tem bastante já idoso, então estamos vivos, a gente agradece por isso, nem todos alcança essa idade. Muitos morreram. A gente ainda está vivo até hoje, lutando meio pouco, mas porque o idoso você sabe, a pessoa quando vai chegando na idade, o que mais persegue é a doença. (Assentado na colônia, linha da Jaguatirica, 71 anos de idade. Entrevista Gravada no Ano de 2019).

O sentido do ganho de chegar à etapa da velhice entendido como uma sorte, um agrado ao qual nem todas as pessoas conseguem alcançar é também expresso por outro assentado, de 81 anos:

Eu não reclamo, sorte da pessoa que ficar velho, porque tem tanta pessoa que morre tão novo. Porque quando morre um velho todo mundo fala: “ah, rapaz, já viveu muito”. Mas eu não, eu sei que um dia eu vou morrer e tem que conformar com aquilo que a gente tá convivendo. (Assentado na colônia, linha da Sede, 81 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Esse relato aponta que uns se resignam diante da condição de velho, contudo, essa resignação se refere ao fato de saber que um dia deixará esse plano terreno, além de conviver com suas dores, típicas do desgaste físico ocasionado pelo envelhecimento do corpo. Entretanto, continuar ativo, realizando algumas tarefas é uma forma de se sentir

vivo, e enquanto há vida, planeja-se, realiza-se, vive-se a velhice. Acreditamos que os velhos, cada um à sua maneira, lançam mão de algum mecanismo para continuarem tocando as suas vidas. Independente das escolhas e possibilidades, o fato é que a velhice requer atenuar, aceitar, ressignificar jornadas em sua maneira de vivê-las. Para isso, externam agradecimentos, dialogam com aquilo que faz sentido, afinal, é necessário tentar viver bem, como apontam Skinner e Vaughan (1985, p. 31):

Ao considerarmos o viver bem a velhice, devemos falar também das coisas de que *gostamos* ou de que *não gostamos* de fazer. Gostar depende muito do *para que* fazemos algo, ou do que acontece quando o fazemos. Podemos até gostar de fazer algumas das coisas que *temos* de fazer, e não gostar de fazer algumas das coisas que *queremos* fazer. Assim, usualmente temos que preencher a vida, mas se somos felizes, gostamos do que fazemos para preenchê-la.

Um dos elos mais importantes para as pessoas velhas do assentamento está no fato de poderem viver a velhice, rememorando trajetórias e chegando à avaliação de que o percurso trouxe frutos, configurados no que denominam de sossego. Nesse formato, a memória transcende fronteiras, barreiras do tempo e, sobretudo, aponta para a superação, mesmo que estejam vivendo a etapa das limitações físicas impostas pela idade. Então, dialogar com os velhos sobre suas vidas parece preencher vazios. Ouvir suas histórias é o mesmo que viajar no tempo, repleto de saudades. Assim, o sentido da velhice, para os velhos, é o da superação, de poderem viver um tempo longo.

3.3 A composição da velhice no assentamento

Para compreendermos a velhice, apresentamos a composição familiar, com base nos dados obtidos com os Agentes de Saúde local e com as entrevistas que realizamos, verificando se são casados, viúvos e se residem com algum parente. Procuramos identificar essas questões por entendermos que, de alguma maneira, as composições familiares de que tratamos, anteriormente, impactam no modo como esses velhos vivem. Em outras palavras, procuramos entender até que ponto a sociabilidade e as interações sociais na comunidade, bem como as relações de parentesco, assim como o trabalho que executam impactam nas diferentes composições familiares. Descrever as composições familiares fornece alguns elementos sobre as fragilidades e/ou seguranças desses velhos em continuarem desenvolvendo as atividades produtivas nos seus lotes e residindo no assentamento.

Vejamos no quadro 5, a seguir, a composição das famílias dos velhos, destacada entre casal de velhos, viúvas/os, assim como na proporção de lotes sob a posse de velhos e em quais existe a presença de algum parente com menos de 59 anos, para ajudar nas tarefas do dia a dia ou servindo como companhia.

Quadro 5 - Composição familiar nos lotes de produção de velhos

Total de lotes de velhos que vivem com os cônjuges	99 lotes
Lotes com viúvas e viúvos	29 lotes ↓ 23 mulheres ↓ 06 homens
Lotes de velhos, acompanhado de pessoas com menos de 59 anos	43 lotes
Lotes de velhos sem pessoas com menos de 59 anos	85 lotes

Fonte: Dados reunidos pelo autor da pesquisa.

No total de lotes, como apontamos nos capítulos anteriores, temos um percentual significativo de velhos na gestão das unidades, sendo eles a maioria. No entanto, o número aumenta quando consideradas outras variáveis, dentre elas a existência em um mesmo lote de casal de velhos, que, quando somados àqueles que residem nos pequenos lotes da Agrovila, chegam a um número de pessoas velhas superior ao número de lotes (se contabilizados apenas os lotes de produção, existentes no assentamento). Ao observar o quadro anterior, verificamos que, embora em plena velhice, em 99 lotes, os velhos vivem como cônjuges, ou seja, contam com a companhia um do outro para continuarem vivenciando o campo que tanto lutaram para desbravar e consolidar um modo de vida. Acreditamos que o aporte entre esses velhos casados permite que eles se ajudem, articulem-se, enfim somem forças para serem capazes de continuarem firmes em seus propósitos de viverem a calma do ambiente do assentamento. Com essa força concentrada, filhos e ou parentes se integram a esses velhos ao menos nos fins de semanas e feriados.

Aqui eu considero normal estar apenas eu e a mulher, porque o lote é pequeno, então não dá pra por mais pessoas. Então tem que ser só eu e ela mesmo, pra fazer o trabalho ainda estou conseguindo, dá pra ir tocando. Eu acho muito bom, ter a mulher aqui comigo, estamos indo bem, então tá muito bom, não temos atrapalho nenhum. Os filhos moram perto, sempre estão por aqui passeando. (Assentado na Colônia, linha da Jaguatirica, 62 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

“Eu acho bom” viver somente o casal, pois assim “não tem atrapalho”, no dizer do assentado, que vive com sua companheira, os quais estão desenvolvendo o trabalho do lote pelas suas próprias forças. Essa expressão indica que cumpriram com a criação da família e agora chegou a hora de desfrutarem de sossego, aquele sentido da velhice já apontado por outros assentados. Ter os filhos por perto, passeando nos finais de semana, é condição que prezam, mas também gostam da vida calma que, na velhice, apenas o casal desfruta. A casa desses velhos é em certa medida um lugar de lazer para a família toda, recebendo aqueles que buscaram outros espaços. Esse campo se consolida como a casa de todos, de modo que sempre que possível algum familiar aparece para comer uma galinha caipira e ou fazer um churrasco, hábitos muito comuns na Colônia. Passam por ali uns dias de confraternização, e depois cada um segue sua vida. Os velhos retomam a rotina dos trabalhos do lote, independentes, autônomos, como parecem desejar.

Nos lotes onde um dos cônjuges faleceu, também ocorrem os encontros familiares. Contudo, esses encontros não seguem mais a mesma intensidade de quando vivia o casal. Isso porque aquele que ficou se sente mais livre para se ausentar de tempos em tempos do lote, passando a combinar a vida entre diferentes espaços, que a condição do viver sozinho propicia. Desse modo, vive parte dos meses no lote e outra parte fora dele. Assim, os encontros familiares no lote do assentamento já não seguem a mesma frequência de quando o casal vivia unido. Nessa lógica, a casa na Colônia alterna entre momentos habitados e momentos vazios. Essa situação se faz mais presente quando da morte do homem, e a mulher mantém essa constância entre estar no assentamento e fora dele, numa necessidade de estar com algum parente próximo, rompendo o dinamismo que antes não era habitual.

Ao olharmos para os números sobre a presença ou não de filhos nos lotes dos velhos, identificamos uma maior proporção naqueles, cujos filhos já foram embora e o lote se tornou um espaço ocupado apenas pelos velhos. Inferimos que com o envelhecimento populacional, está ocorrendo um crescente esvaziamento de jovens e, com isso, a tendência é ampliar o número de lotes sem a presença de jovens.

Contudo, naqueles lotes onde têm pessoas mais jovens, há um fôlego maior em relação a uma série de afazeres, possíveis com o apoio desses jovens que em certa medida poderão prestar apoio para seus pais e, também, para os vizinhos. Assim, fortalecem a rede de solidariedade entre assentados, através do trabalho sazonal, das empreitas e favores aos velhos, em suas solicitações em momento de precisão. O quadro

6, refere-se aos quantitativos de pessoas velhas, num comparativo entre mulheres e homens na velhice, atentando para o estado civil de ambos.

Quadro 6: Mulheres e homens na velhice vivendo em lotes na colônia

Velhos	Quantidades
Mulheres	91 ↓
Casadas	68 ↓
Viúvas	23
Homens	109 ↓
Casados	95 ↓
Viúvos	06 ↓
Separados ou solteiros	08
Total de velhos	200

Fonte: Dados reunidos pelo autor da pesquisa.

De acordo com a Quadro 6, dos 200 velhos vivendo em lotes na Colônia Conceição, há uma ligeira desproporção entre homens e mulheres. O que chama a atenção nesses dados é a quantidade de mulheres viúvas, a qual é bem superior ao número de homens. Isso ocorre, em parte, porque os homens que ficaram viúvos ao longo do tempo refizeram suas vidas com outras companheiras. Os viúvos se casam com mais frequência que as viúvas, como apontam Fernandes e Garcia (2010, p. 778):

No caso do homem idoso, geralmente, a experiência da viuvez transcorre entre a desvalia (*helplessness*) doméstica e o recurso aos saberes e ajudas de outras mulheres, geralmente do próprio círculo familiar. Com meios próprios de subsistência, a maioria recasa, sem grande demora, quase sempre com mulheres mais jovens do que a esposa anterior.

Inferimos que para a maioria dos homens velhos, residentes na Colônia, viver a viuvez sem contar com uma companheira se apresenta diferente das mulheres. Eles ao invés de se adaptarem à condição de viúvos, casam-se outra vez. Por outro lado, parte significativa das mulheres, que ficaram viúvas, não refaz a vida conjugal, o que ocorre por diversas razões, como expõem Fernandes e Garcia (2010, p. 782):

Nesse processo de reconstrução de um novo sentido para suas vidas na velhice, as mulheres viúvas, em sua maioria, não incluem a busca de um novo parceiro, pois a vivência de sua sexualidade e afetividade no casamento

foi desprovida de prazer, centrada especialmente na reprodução e na submissão de sua corporalidade, como mulher casada e obediente. Essas memórias apagam seu interesse de estabelecer novas relações afetivas.

Às razões apresentadas pelos autores somam-se outras no assentamento Conceição, em razão de as mulheres optarem por ficarem sozinhas após a viuvez, ou com algum filho, como, por exemplo: a influência dos filhos para não se casarem novamente; a liberdade de viver em outra condição, em que possam ir e vir com maior independência; o desejo de cuidarem apenas delas, dentre outros motivos. Historicamente as mulheres exercem o cuidado sobre os seus familiares, companheiro e filhos/as, muito mais que os homens, visto que lhes é ainda cobrado essa função, tão interiorizada pelas mulheres e por vezes até despercebida, pelo ato de sua naturalização social. Dessa forma, o fato de não constituírem uma nova família, no momento da viuvez, pode estar associado ao desejo de cuidarem apenas de si e isso é libertador, porque evidencia autonomia das mulheres, superando o quadro de dependência e dominação que podem ter vivido durante o casamento. Contraditoriamente, nem sempre no cenário social a opção pela vida feminina solitária é compreendida como autonomia, uma vez que, ainda, vigora a ideia equivocada de que as mulheres precisam ser amparadas.

No caso do grupo de velhos separados ou solteiros, encontramos apenas pessoas do sexo masculino, ou seja, não identificamos mulheres velhas solteiras. Isso nos leva a crer que a escolha de ficar solteiro ou não sempre foi relegada ao homem. As mulheres por escolha própria ou dos pais foram induzidas a se casarem e, por isso, não encontramos velhas solteiras. Cabe destacar que os homens separados, por sua vez, quando a união não deu certo com suas ex-esposas, quem saiu do lote foram elas, e eles permaneceram. Isso pode ocorrer em parte pelo fato de a titularidade dos lotes se encontrar no nome dos homens, o que, de algum modo, resulta em acordos com ex-esposas, a fim de que eles continuem nos lotes.

O próximo quadro (7) mostra a faixa etária dos velhos da Colônia Conceição. No entanto, destacamos que não existe correlação direta entre idade e capacidade para o trabalho, pois o envelhecimento ocorre de forma diferente para cada pessoa. Afirmar que uma senhora de 75 anos é menos capaz de realizar tarefas do seu dia a dia que uma senhora de 65 seria incorrer em erro, visto que a capacidade física depende de muitos fatores, dentre eles: boa saúde. Contudo, é inegável que o envelhecer acarreta diversos problemas, como a perda gradativamente das capacidades físicas e mentais.

Quadro 7 - Faixa etária dos velhos na Colônia Conceição.

Faixa etária dos velhos	Número De velhos
60 a 65	66
66 a 70	42
71 a 75	43
76 a 80	15
81 a 90	26
Acima 90	8

Fonte: Dados reunidos pelo autor da pesquisa.

Dentre o total das 200 pessoas velhas da Colônia Conceição, somam um número de 151 que se encontram com menos de 75 anos de idade e 49 acima dos 75 anos. Embora em ambos os grupos etários existam diversos fatores que interfiram ou se apresentem na saúde desses velhos, esses não estão atrapalhando o desempenho no trabalho, especialmente, no caso daqueles que se encontram no grupo abaixo dos 75 anos. É notável que esse grupo entre 60 a 75 anos possui saúde considerada entre ótima, boa e regular, conforme nos relataram os agentes de saúde.

Então, se olharmos os dados com uma linha demarcatória maior, ou seja, considerarmos os primeiros 15 anos da velhice, os velhos na Colônia ainda estão contribuindo com a economia local mediante o trabalho em seus lotes, além do que consomem com a aposentadoria. O bem-estar físico culmina com o trabalho, pois esses velhos são habituados a realizarem alguma atividade relacionada ao lote. Desse modo, estão trabalhando e produzindo em plena velhice, como destaca o assentado de 71 anos:

Eu faço todo o serviço do lote, eu paço veneno dos pastos, arrumo as acercas, roço. Eu ainda dou conta de cuidar do gado, até um tempinho desses fazia serviço pra fora, mas agora eu parei. Agora eu percebo que a gente trabalha, mais não no ritmo que era antes, você faz as coisas mais devagar. Mais graças a Deus os serviços aqui eu faço todos, desde a cerca, a mangueira e cuidar do gado, minha saúde até agora está sendo dez. (Assentado na colônia, linha do Taquarussu, 71 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Nesse aspecto, entendemos que, embora aposentados, estão de alguma forma sendo provedores, combinando momentos de trabalho com momentos de descanso, ou seja, o tempo do trabalho não pode ser deixado para trás pelo fato de se encontrarem vivendo a etapa da velhice.

A realidade vivida pelas pessoas velhas do assentamento Colônia Conceição, apesar de aposentadas, recebendo do Governo Federal certo benefício financeiro, revela que ainda estão na condição de plenas trabalhadoras. Nesse contexto, o sentido da vida,

para elas, está no movimento, o qual passa pelo trabalho no lote, mesmo que seja com menor frequência e intensidade. Trabalhar, para essas pessoas, significa demonstrar para si mesmas que ainda estão com saúde e nesse sentido medem quanto podem e quais tarefas devem realizar no dia a dia.

Esses velhos contam cada qual com um salário. Dessa forma, quando vivem em casal conseguem dois salários mínimos, concedido pela previdência social. Segundo as regras atuais, existem as garantias do recebimento do benefício social para ambos os cônjuges. Em caso de falecimento de um deles, o outro passa a receber a aposentadoria daquele que faleceu, ficando, desse modo, assegurada a renda da família. Receber o benefício do cônjuge falecido é fundamental no momento em que vivem, pois se trata de uma fase que precisam dispor de recursos para compra de medicamentos e com isso manter a qualidade de vida.

Contudo, diante do novo cenário que se desenha sobre a Reforma da Previdência Brasileira, embora a aposentadoria rural tenha ficado de fora das discussões, ou seja, continuam valendo as regras anteriores, não se pode afirmar que essa garantia constitucional dos povos do campo seja mantida. Tendo em vista a agenda do governo brasileiro, não seria estranho se ele viesse a propor novas medidas que reduzissem a renda da população do campo.

Outro aspecto que garante autonomia para os velhos da Colônia Conceição, verificado durante os trabalhos de campo, é o da presença de veículos em parte significativa das casas de vários assentados. Por isso, buscamos compreender quantos velhos dispõem de meios para se deslocarem com maior facilidade dentro e fora da Colônia e quantos possuem certa limitação por não possuírem automóvel, número expresso no quadro 8:

Quadro 8 - Presença e ou ausência de meio de transporte na casa dos assentados velhos

Meio de transporte	Carro próprio		Dirigir	
	Sim	Não	Sim	Não
Carro próprio	89	39	64	25

Fonte: Dados reunidos pelo autor da pesquisa.

A locomoção é fator agregador da qualidade de vida desses velhos, pois uma série de possibilidades se abre quando podem ir e vir por maiores distâncias e sem

dispenderem grande esforço físico. Quando possuem habilitação para dirigir, conseguem se deslocar mais facilmente dentro do assentamento e também saem com maior frequência.

Eu vou com o carro para Aquidauana, Nioaque, Jardim, Sidrolândia, só não vou pra campo grande, por causa do movimento e eu não tenho prática. Então eu vou até Sidrolândia, de lá quem leva o carro é meu genro. Lá o trânsito é mais pesado, então a gente tem mais um pouco de medo, não está acostumado com o trânsito. Se eu não tivesse um carro, seria mais difícil, eu teria que pagar um carro até o asfalto, teria que pegar um ônibus. Tudo que vai fazer você tem que pagar, se você vai fazer uma compra lá em Nioaque, você tem que pagar um taxi pra vir te trazer em casa. Se precisa ir pra qualquer lugar, pra Jardim, pra Aquidauana, pra onde for, você depende de um ônibus ou de um taxi. Então fica muito difícil, não só pra mim, que sou idoso, como pra qualquer outra pessoa que não está na idade, pois depende dos outros. (Assentado na colônia, linha da Jaguatirica, 62 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

De acordo com o depoimento do assentado, percebemos que, apesar de algum receio em percorrer lugares sem muita familiaridade, estão trafegando pelo assentamento e circulando nas cidades vizinhas. Não poder dirigir seria limitar seu ir e vir para maiores instâncias. Ter um automóvel, para esses velhos, cria facilidades para irem às casas de vizinhos e parentes para passear, fazer compras na cidade, irem ao médico sozinhos, entre outros.

As saídas mais distantes que habitualmente realizam são aquelas direcionadas a fazer compras nos supermercados das cidades, assim como visitar parentes e amigos nas cidades e em outras comunidades rurais. Além disso, um automóvel facilita acesso a entretenimento e a lazer até mesmo no âmbito da Colônia Conceição, pois viabiliza o deslocamento para os locais de churrascos e festas no interior do assentamento e nos assentamentos vizinhos. Conseguem, ainda, saírem para lugares turísticos, tais como Bonito e Parque da Bodoquena. Enfim, uma infinidade de possibilidades se abre para as pessoas que estão aposentadas, que possuem veículos e, também, que contam com os rendimentos advindos da aposentadoria. Assim, conseguem se deslocarem e disfrutarem de ambientes fora de seus lotes. Tratando-se dos velhos que têm veículo em casa, mas não dirigem, esses são em menor número e para se deslocarem contam com alguém para conduzir seus veículos.

No caso dos velhos que não possuem veículo próprio, esses precisam contar com a carona, o frete, ou se locomoverem a pé. Em maiores distâncias, podem acessar o transporte de ônibus, que trafega pela BR 419, em frete ao assentamento. Porém isso

seria possível para aqueles que moram próximo ao asfalto, pois aqueles que residem mais distantes da referida BR precisam de caronas ou fretes, tanto para acessarem o asfalto, quanto para irem a lugares mais distantes. Essa realidade é descrita por uma assentada de 60 anos:

Eu penso em ter um carro, mas arrumar o motorista que é difícil, a gente ter a condução e não ter quem dirige, se torna quase pior do que você precisar dos outros. Se tiver um carro, tem documento pra pagar, tem manutenção, tem isso tem aquilo, além de pagar alguém pra dirigir, tem gasolina. Então, eu prefiro pagar alguém que tem carro, pegar uma carona e ir tocando. (Assentada na colônia, linha do Mané, 60 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Os assentados, que não possuem automóveis próprios, não são vistos com muita frequência fora de seus lotes, pois a falta de mobilidade física não lhes permitem o deslocamento com facilidade. Contudo, adotam estratégias anteriormente citadas para ir e vir com alguma regularidade, e nesse sentido as redes de solidariedades entre vizinhos facilitam esses aspectos, além de fortalecer a interação entre a vizinhança, especialmente nos momentos das festividades que acontecem dentro e no entorno do assentamento.

Embora tenhamos observado essas formas de ir e vir dos velhos, não podemos afirmar que tudo ocorra com a mesma frequência e/ou continuidade, pois é possível encontrar pessoas sem veículos que vêm e vão com fluidez, às vezes, mais do que aquelas que possuem veículos. Isso pode acontecer em decorrência da falta de hábito de se deslocar para fora dos seus lotes com tanta regularidade.

Outro aspecto que nos chamou a atenção sobre os/as velhos/as se refere às atividades nos lotes desses assentados e de quem as realiza, pois, como já mencionamos, ainda estão de alguma forma, trabalhando em seus lotes, uns com maior intensidade, outros desempenhando partes das atividades, assim como existem aqueles que não realizam nenhuma atividade no campo. Vejamos os dados a esse respeito:

Quadro 9 - Atividade Agrícola

Atividade	Quantidade de praticante na atividade
Agricultura	24
Pecuária	125

Fonte: Dados reunidos pelo autor da pesquisa.

Observamos, de acordo com o quadro 9, as atividades produtivas dentro dos lotes e em que intensidade os velhos estão inseridos no contexto do trabalho. A pecuária figura como elemento central, sendo a agricultura, por sua vez, pouco explorada. Contudo, existe alguma produção para o consumo familiar, tais como mandioca, banana, milho, feijão, abóbora e hortaliças, porém esses produtos não são expressivos, mas de algum modo contribuem na alimentação familiar.

De acordo com os dados, dentre os 128 lotes em posse dos velhos, em 125 deles a economia tem como base o gado de corte, sinalizando o quanto a atividade é promotora da geração de renda na Colônia. Por outro lado, a agricultura perdeu espaço nos lotes desses velhos, pois apenas em 24 dos 128 lotes encontra-se alguma atividade voltada ao cultivo de produtos agrícola.

O quadro 10, refere-se ao quantitativo de velhos que desempenham as atividades nos lotes e no entorno das casas, apontando elementos, considerando os seguintes aspectos: se realizam sozinhos as atividades, se as realizam parcialmente, ou se delegam a outros. Ao observarmos os números, consideramos a realização das atividades tanto pelos homens ou mulheres, bem como se algum velho do lote realiza as atividades sinalizando em parte a capacidade em continuar gerindo não só os trabalhos, mas também apontando o quanto os velhos são capazes de trabalharem e produzirem em plena velhice.

Quadro 10 - Referente ao trabalho de campo e entorno das casas dos assentados velhos

Atividades desempenhadas pelos velhos no lote		
Realiza	Realiza Parcialmente	Não realiza
40	61	27

Fonte: Dados reunidos pelo autor da pesquisa.

Esses números mostram que os velhos estão inseridos no contexto produtivo e de trabalho dentro de seus lotes, mas é também significativa a quantidade de velhos que estão delegando a outras pessoas mais jovens os trabalhos que exigem maior vigor físico. Entendemos que a lida árdua do trabalho braçal é um fator de desgastes dos trabalhadores e os velhos estão passando o trabalho pesado para terceiros, como retratado na fala do assentado de 62 anos:

Minha saúde ainda está boa, eu estou bem, mas por exemplo: se for fazer uma cerca, eu já tenho que pagar, porque eu sozinho não faço, eu não aguento carregar postes, então tenho que pagar pessoas para fazer. As vezes uma roçada, a gente tem que pagar também. Mas pra cuidar o gado colocar um sal, limpar o quintal, eu mesmo faço. Curar um bezerro, eu ainda faço essas coisas. Mas se for serviço meio pesado, por exemplo se for pra trabalhar o dia todo, eu já não quero. Um cabra de 60 pra cima, ele já não é igual um novo não. De jeito nenhum. (Assentado na colônia, linha da Jaguatirica, 62 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Esse depoimento demonstra que cada assentado velho, à sua maneira, está preservando um pouco do vigor físico que lhe resta. Ademais, se estão em condições econômicas para tal, é plausível que se afastem das atividades mais penosas e em benefício próprio. Afinal de contas, estão aposentados e é chegado o tempo do descanso, de aproveitar os frutos de uma vida inteira de trabalho duro.

A questão nesses dados que chamam a atenção é a similaridade entre pessoas que realizam todas as tarefas do lote e aquelas que não realizam nenhuma das tarefas do lote. Enquanto em 40 lotes, os velhos trabalham sozinhos, sem nenhuma ajuda externa, em 27 lotes, o trabalho é realizado exclusivamente por terceiros. Essa é a contradição entre estar plenamente capaz de trabalhar e ter parte de sua capacidade para o trabalho comprometida por conta da velhice.

Destacamos que os trabalhos dos lotes não se restringem apenas à lida com o gado, mas envolve o fazer do entorno da casa e na própria casa. No entorno, é possível encontrar aves, como galináceos. Curiosamente, embora não produzam o milho, base da ração desses animais, é comum um número expressivo desses pequenos animais nos terreiros dos assentados. Verificamos, também, que a ração servida para as aves é adquirida com recursos advindos do benefício com a aposentadoria.

Apesar de o objetivo não ser o lucro, ter aves no terreiro faz parte da cultura dos assentados, sobretudo, da população de velhos, que veem nos animais uma alternativa para suprirem a necessidade de proteína, e, principalmente, para servir a carne das aves para as visitas que chegam da cidade. A galinha caipira é considerada uma iguaria para as pessoas que vêm de fora. Os próprios filhos foram acostumados a comerem galinha caipira e, ao visitarem a casa dos pais no assentamento, procuram saborear algo do seu passado. O fogão à lenha e a galinha caipira, talvez, sejam o elo mantido entre esses filhos que se foram e o assentamento de suas infâncias.

Os parentes dos velhos, possivelmente, não sejam capazes de dialogarem, de interagirem e, sobretudo, de entenderem que a velhice não é um momento findo da vida, mas sim um processo de envelhecimento que é contínuo, que pode ou não limitar os

velhos. Mesmo diante das limitações, que são graduais, não existe um período de ruptura, há um afastamento aos poucos daquelas atividades que não é mais possível fazer. Para Caldas e Veras (2010, p. 279),

Ainda existem alguns mitos e preconceitos no que se refere à competência das famílias mais velhas para o trabalho, em especial no que se refere ao aspecto cognitivo, área em que poucas mudanças são evidenciadas na relação dos efeitos do envelhecimento, e à capacidade para o trabalho. É inegável uma diminuição da eficiência no âmbito da motricidade e da percepção no idoso, mas não quanto à atividade representativa da mente ou do discurso, capaz até de progredir qualitativamente com a idade, e mais ainda se depender da experiência e da capacidade decisória, dela decorrente.

Conforme os autores, se os aspectos cognitivos demoram a ter efeitos drásticos na vida dos velhos, quando os parentes tentam inculcar na cabeça dos velhos que é chegada a hora de se afastarem das atividades do lote, na verdade, estão dizendo que os velhos não sabem a hora de parar. Mais do que isso, estão desaprovando a capacidade de decisão dos velhos. Contudo, isso é visto pelos parentes como proteção para os velhos. Negar o o poder decisório de escolha é, entretanto, o mesmo que uma interdição gradual, o que os velhos percebem e os deixam frustrados, especialmente, porque misturaram trabalho com lazer. Tirar um dos aspectos desempenhados cotidianamente significa tirar também o outro.

No entanto, a maioria dos velhos descumpra a indicação dos parentes e, assim, eles, os velhos, são sábios em dizer “não” e em manterem suas próprias ideias, como ficou evidente nos diálogos que tivemos com o assentado de 71 anos, quando relatou que recebeu e recusou o convite da filha para ele ir morar na cidade. O assentado afirma que embora tenha tido o convite, ele salientou: “Tenho medo de cidade”. Uma maneira que encontrou para dizer “não” ao convite da filha. “Ele diz não gosto de cidade, desejo o contrário, que a filha venha morar em uma cidade mais próxima da Colônia” (Assentado na colônia, linha do Mané, 71 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

No entanto, essa realidade se mostra para aqueles que contam com boa saúde, mas para aqueles que estão diante da perda de parte da capacidade física para trabalhar e, sobretudo, para ir e vir há certa pressão dos parentes para que se mudem para as cidades. Contudo, percebemos que mesmo assim os velhos acionam seus mecanismos de resistência, como no exemplo do assentado de 81 anos, que usa o argumento para dizer não ao desejo de alguns filhos para que ele deixe o assentamento para morar na cidade.

Eu não vou, enquanto eu puder mexer aqui eu não vou não. Porque na cidade, todo mundo fala, tem um conforto, tem sim, mas se ele tiver o dinheiro, se ele não tiver, se for no hospital chega no corredor e fica lá sentado, eu digo porque aconteceu comigo quando eu fui pra lá. Se eu não tivesse um dinheiro aqui, eu era “pitoco”, teria o braço amputado. Então, enquanto eu puder ficar por aqui, **eu tenho o ovo, eu tenho a galinha, de vez em quando eu mato uma novilha, eu vou aqui no córrego pego um peixe.** E lá na cidade tudo é no mercado, então tem pessoas que falam eu vou pra saúde, se fosse assim o médico não morria. (Assentado na Colônia, linha da Sede, 81 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Na fala do assentado, o fato de ele viver na Colônia significa que ele mesmo está a produzir seu próprio remédio, como já apontamos configurado no alimento que produz no lote, no ovo, na carne de frango e de gado, no peixe. Isso tudo ele não teria, caso optasse em viver nas cidades. Isso não significa que os velhos não precisem e/ou recusem a proteção dos parentes, eles querem viver em seus lotes, mesmo com alguma dificuldade. Nessa vivência, são imprescindíveis alguns mecanismos de proteção, que possam vir de parentes e vizinhos, como indica Carvalho (2010, p. 75): “Há um tipo de proteção – preciosa – que advém das redes de relações de proximidades geradas pela família e grupos/organizações comunitárias do microterritório. Não ter família e comunidade significa não ter proteção”.

Nesse sentido, não se sentir sozinho é um termômetro para estar protegido dentro da Colônia. Mas quem pode dizer com total propriedade sobre essa condição de proteção são os próprios velhos, não os parentes que, muitas vezes, encontram-se distantes da realidade vivida dos velhos. Portanto, também é compreensível que as relações de parentesco os validem como mediadores das possibilidades diante da velhice, poisas

[...] relações familiares culturalmente são constituídas por uma matriz de valores, normas, e significados que definem o nível de compromissos que a pessoa tem de manter nas relações familiares. Estas normas determinam o valor relativo atribuído a dependência, interdependência, ou independência; ao interesse próprio *versus* interesses de família, bem como às ligações voluntárias *versus* ligações obrigatórias. Também há graus variados de pressão normativas para a reciprocidade entre membros familiares, e estes também influenciam os padrões de ajuda mútua. Assim, no estado de famílias de pessoas muito idosas, é preciso analisar tanto os aspectos estruturais quanto os fatores culturais que determinam a natureza da vida familiar. (CALDAS; VERAS, 2010, p. 277-278).

Nesse sentido, as famílias estão dialogando, mesmo que incorrendo em contradições entre o que a família define como melhor e como os velhos gostariam que fosse esse melhor. E como sabemos, muitos procedimentos não estão de acordo com a vontade e desejo dos velhos. Porém, essa interação amistosa ou conturbada é fruto das ligações de parentesco entre velhos e descendentes, podendo ocorrer rupturas, mas no final das contas terão de encontrar saídas, ainda quando descontente alguma parte da família.

3.4 O trabalho como elo entre a fase da velhice e o viver na Colônia Conceição

Uma das maiores preocupações dos velhos na Colônia versa sobre a sua condição física para desempenharem certas tarefas do dia a dia. Essa é também parte das preocupações de filhos e parentes, vivendo próximos ou não, pois esse elemento é central nas tomadas de decisões dos velhos. Por isso, ter saúde para os mais velhos é imprescindível, pois impacta positivamente em todos os seguimentos da vida, “[...] envelhecer bem significa estar satisfeito com a vida atual e ter expectativas positivas em relação ao futuro” (NERI, 1993, p. 11).

Portanto, o envelhecer bem se mostra numa linha tênue, na qual “[...] predomina o ponto de vista de que envelhecer satisfatoriamente depende do delicado equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo que lhe possibilitará lidar, em diferentes graus de eficácia, com as perdas inevitáveis do envelhecimento” (NERI, 1993, p. 13). Ou seja, embora em plena velhice e/ou vivendo a velhice, a capacidade de desempenhar tarefas, mesmo que seja em menor grau e intensidade, é visto como algo extremamente positivo para os velhos. Ademais, eles não contam com a presença dos mais jovens em todos os momentos, sendo, portanto, fundamental terem minimamente condição física para bem viver nos assentados. Vejamos como relata o assentado de 71 anos, sobre sua rotina dentro da Colônia:

Aqui já tem mais de 5 anos que eu faço caminhada todo dia, eu tenho prazer de levantar cedo e andar 4, ou 5 quilômetros. Depois vou dar uma olhada no gado, vou lá no meio das vacas, eu tenho prazer de olhar. Não tenho outra alegria, isso pra mim já é uma alegria de fazer a caminhada e ir olhar o gado, mexer com a cerca, olhar a cerca. E na cidade, o que e eu vou fazer na cidade? Lá eu fico dentro de quatro paredes, não tem pra onde sair, o vizinho do lado trabalha, o outro do outro lado também trabalha, o da frente também. (Assentado na colônia, linha do Mané, 71 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Para esse assentado, estar em movimento, poder cuidar do seu gado, significa ao mesmo tempo cuidar de si, estar de bem com a vida. A palavra “alegria”, relatada por ele, demonstra prazer de viver e de contemplar o que conseguiu construir no lote do assentamento, estabelecendo um elo entre velhice e lugar. É no lote, e não na cidade, que ele consegue satisfação com o seu modo de vida, trabalhando, caminhando, contemplando o que fez e faz, sobretudo, com a tranquilidade e sossego em residir na Colônia. Nesse movimento, o assentado mistura trabalho com lazer e o fato de poder caminhar e, ao mesmo tempo, cuidar do gado, apesar dos 71 anos, demonstra que o velho se sente bem para tanto.

Como descrevemos, anteriormente, as pessoas não envelhecem da mesma maneira e intensidade. As questões biológicas dialogam com a funcionalidade de cada indivíduo. Desse modo, “a *idade biológica*” e a estimativa da posição do indivíduo, com respeito ao seu potencial de vida residual, isto é, numa certa idade, quantos anos ainda lhe restam de vida” (NERI, 1993, p. 35).

O que interessa para os velhos da Colônia é poder continuar realizando seus trabalhos, sejam eles em casa, no entorno dela e nas atividades de campo, ou seja, o trabalho como elementos para manterem-se ativos, capazes de tocarem seus lotes. “A *idade funcional*’ é conceituada em termos da capacidade de adaptação do indivíduo ao ambiente” (NERI, 1993, p. 35).

As questões biológicas e funcionais que incidem na qualidade de vida dos velhos passam pela capacidade de se adaptarem, escolherem tarefas que ainda lhes permitem manterem-se ativos. Contudo, a aceitação da condição de velho pode ajudar nas escolhas e evitar trabalhos que prejudiquem a saúde. Nesse sentido, “[...] muita gente simplesmente aceita a velhice, com todas as suas desvantagens; deixam para suas dores e perdas, e se resignam a sofrer em silêncio. Outros sentem rancor, protestam e blasfemam contra ela” (SKINNER; VAUGHAN, 1985, p. 21-22).

A condição colocada pelos autores não é diferente na rotina dos assentados velhos, pois nem tudo que fazem deveria ser realizado por eles. Mas, cada um a seu modo teima em fazer algo que não deveria mais realizar. Outros preferem abdicar das tarefas, embora ainda gostem de realizá-las. Porém, não as realizam em nome de aproveitar um pouco da vida que lhes resta com algo mais prazeroso, sem forçar muito, já que devem cultivar a vida, não degradando-a com esforços exagerados. Sobre o trabalho, o velho de 65 anos descreve:

Quando você passa dos 60, você já começa a sentir cansaço. Logico está com saúde está tudo bem, mas não faz tudo aquilo que fazia não. **Eu com os meus 30 anos era uma coisa, eu começava a trabalhar cedo e largava de noite.** Eu lembro que trabalhei tanto aqui um dia que me deu ânsia de vomito de tanto trabalhar. **Hoje não**, hoje eu trabalho se for trabalhar eu trabalho o dia inteiro. Mas moderado, mas continuo, não paro. Mas sou mais igual aos 40, 50 não. **Vamos pôr que dos 100%, hoje estou 60%, 40% já foi.** (Assentado na colônia, linha da Jaguatirica, 65 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Na fala do assentado, está a mudança na rotina de trabalho em virtude de contar com 60% da força que ele detinha, visto que o tempo levou os outros 40% e ele precisou se ajustar ao novo tempo, que já não é aquele da chegada à Colônia, com seus 30 e poucos anos. Atualmente sua jornada é de trabalho, mas com outra intensidade, ajustada de acordo com sua idade. Acreditamos que para viver bem é necessário atentar para a condição de velho, atrelando saúde, pois ela recai sobre tudo o que ainda é possível realizar e cultivar. Contudo, não seria uma tarefa fácil, como apontam Skinner e Vaughan (1985, p. 33-34):

Viver bem a vida não é fácil em qualquer idade, se você tiver problemas de saúde. Se a saúde é o seu problema, deve procurar ajuda, onde quer que ela se encontre. Deve-se observar, porém, que assim como a boa saúde é importante para se viver bem a vida, este viver bem também é importante para a boa saúde.

Diante dessa realidade, comumente, encontram-se os velhos buscando o atendimento à saúde, especialmente no posto de saúde do assentamento. Eles estão preocupados com os fatores de risco, como diabetes, pressão arterial, colesterol, enfim com todos os problemas de saúde que estão ou que possam acometê-los, como analisaremos adiante. Sempre vigilantes, pois “[...] o bem viver deve ser garimpado grão em grão. Mas aqueles que garimpem com afinco, extrairão do cascalho uma rica retribuição” (SKINNER; VAUGHAN, 1985, p. 34).

A proteção social, através da previdência social, como já destacamos, é considerada pelos velhos da Colônia Conceição como fundamental na sua segurança financeira, pois é essa renda que garante a maioria dos produtos necessários para a subsistência dos assentados. Ainda mais, o dinheiro da previdência lhes permite acessarem uma gama de possibilidades, proporcionadas por esse valor monetário, como aponta um assentado:

A aposentadoria é uma coisa boa, estamos vivendo com ela. A aposentadoria ajuda muito aqui, você sabe que todo mês tem aquele dinheiro pra fazer

compra, pra pagar. Todo mês você sabe que esse dinheiro não vai faltar. Só se o governo quiser cortar, mas se ele fazer isso nós vamos pra cima, todo mundo, faz manifestação, porque não pode né. Mas ajuda muito essa aposentadoria é uma maravilha. (Assentado na colônia, linha da Jaguatirica, 65 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Na fala do assentado, aparece o quanto a aposentadoria cumpre o papel de amparar esses velhos. Esse dinheiro é a principal âncora econômica para ter certa tranquilidade no dia a dia, ou seja, mesmo havendo outras fontes de receita, tais como a comercialização do gado, o que lhes permite continuarem com certa segurança econômica é a aposentadoria. Sobre essa questão: “A aposentadoria é uma grande vantagem, porque com a aposentadoria a gente já não pensa de vender uma vaca, o dinheiro já tem, chega lá passa o cartão, faz a compra dele é uma grande vantagem pra nós” (Assentado na Colônia, linha da Sede, 81 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

O dinheiro da aposentadoria cumpre o papel de garantir uma renda contínua, ou seja, mensalmente os velhos acessam esse recurso. Se por um lado eles sentem certa segurança em terem esse dinheiro para contarem durante cada mês, por outro lado, estar aposentado significa estar envelhecendo e cada dia mais e mais. Pensamos que as limitações, as escolhas, as possibilidades e os arranjos, enfim, muitas coisas vêm à tona nesse período da vida. Calda e Veras (2010, p. 280) as sinalizam assim:

Muitas são as contradições da aposentadoria, principalmente em um país repleto de desigualdades sociais. Grande parte da adaptação à aposentadoria irá depender do envelhecimento de cada indivíduo com o trabalho, da sua história de vida e de como ele deseja viver os próximos anos, das suas expectativas de limitações.

Na Colônia, os assentados estão fazendo essas adaptações entre a aposentadoria e o trabalho em seus lotes. O dinheiro das aposentadorias é usado para comprar alimento para os membros da família, como também ração e minerais para o gado e, ainda, pagar parcelas de algum produto adquirido na cidade, as contas de luz, dentre outros. Mas para terem melhor qualidade de vida no campo, eles criam o gado, outra fonte de renda a contar e, dessa forma, não incorrerem em apertos financeiros.

Então, nesse formato, as aposentadorias se somam às atividades produtivas e em sua gerência está o aposentado, colocando-as para renderem e, assim, lidarem da melhor forma possível com essas duas fontes de renda, evitando terem de trabalhar demais, já que estão hoje em plena velhice. Por isso, deveriam descansar, ao invés de trabalharem

intensamente. Contudo, durante o trabalho de campo, foram muitas as vezes em que não conseguimos encontrar os assentados em suas casas, pois, embora, aposentados, estavam realizando alguma atividade no lote, sobretudo, as referentes aos cuidados com a criação de gado.

A aposentadoria pra nós é muito bom, da pra comer bem graças a Deus, nunca faltou pra quem chega, pra gente ajudar, e também pra resolver os problemas que a gente tem, dívida, alguma coisa que a gente tem que fazer. A aposentadoria está dando, não é uma coisa de dá pra sobrar dinheiro, mas pra viver dá. (Assentado na colônia, linha do Mané, 71 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

O que percebemos é a dualidade entre aposentadoria como momento de descanso versus trabalho diário dentro dos lotes desses assentados. Talvez a resposta para essa dualidade esteja no que observam Caldas e Veras (2010, p. 280):

Aprendemos desde cedo que “o trabalho dignifica o homem”. Esse ditado popular parece tão enraizado que acabamos por construir grande parte da nossa identidade em função dele, embora a relação dos indivíduos com o trabalho seja bastante diversa: para alguns, ele é apenas um meio de sobrevivência; para outros, uma fonte de prazer e de criatividade.

Nesse sentido, o trabalho para o velho, figura como estar apto, ser capaz de tocar a vida sozinho. O trabalho é o elo com tudo que são e com o que realizaram de atividades até aqui. E mais, estar em plena atividade os deixa em condição de plena independência para com os parentes. Porém, esse parar vai se acentuando aos poucos. Primeiro, os aposentados vão elegendo as atividades que menos lhe agradam para delegar a outros, sobretudo, aquelas mais penosas. O assentado de 71 anos retrata que fazer cerca é o trabalho que mais gosta de fazer:

Eu gosto de trabalhar, por exemplo o que eu mais gosto, é pesado, mas é fazer cerca. Ora roçar, carpir, eu não aguento muito não, uma hora o muito eu já não aguento. Então eu já penso em pagar alguém para roçar, mas no caso da cerca eu já gosto de fazer e tem que andar, que se movimentar. (Assentado na colônia, linha do Mané, 71 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

A relação trabalho versus descanso é cultivada por esses assentados aposentados, pois eles, apesar de trabalharem, o fazem de maneira menos intensa, se os compararmos com os assentados mais jovens. Mesmo assim, eles continuam realizando alguma tarefa, como identificamos em relatos.

Quando a gente é novo é outra coisa, é outro tipo da gente conviver. Quando ele vai ficando velho não é fácil, eu não faço uma cerca mais, porque já não aguento mais carregar peso. Mas tô vivendo bem graças a Deus, o que dá para fazer a gente faz”. (Assentado na colônia, linha da Sede, 81 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Notamos que, mesmo com 81 anos de idade, o assentado procura se manter ativo de alguma forma, realizando, agora, tarefas consideradas por ele como mais leves. No momento da entrevista, encontrei esse assentado com uma roçadeira, dentro de um carrinho de mão, saindo para roçar o pasto nos fundos do seu lote. Então, entender até que ponto eles são capazes, gostam e querem trabalhar é a chave para dialogar com esses velhos que ainda se movem, articulam e, sobretudo, se relacionam com o seu espaço produtivo. Essa realidade nos remete ao que destaca Tavares dos Santos (1978, p. 142-143):

A metamorfose do trabalho, de necessidade de ganhar a vida em atividade de gosto e prazer, expressa a reinterpretação feita pelo camponês da ética do trabalho. Como, ninguém, pessoal e diretamente, o obriga a trabalhar, a não ser as determinações estruturais do capitalismo que o subordinam, mas que por isso mesmo funciona “as suas costas”, a subjetivação da consciência necessariamente passa por suas condições específicas de existência: redefine o trabalho a que está subjetivamente constrangido como uma atividade que subjetivamente é fonte de gosto e prazer.

Mesmo que seja o trabalho uma atividade que dá prazer para os assentados, tratando-se de velhos, o trabalho passa a ter maior significado e relevância, visto que o realizam com maior prazer e satisfação. O simples fato de poder estar trabalhando durante a velhice é motivo de orgulho para esses velhos.

3.5 As mulheres assentadas e a etapa da velhice

Delegar a outros as atividades mais prejudiciais à saúde não acontece com as mulheres velhas, visto que continuam realizando as tarefas de uma vida toda, especialmente as domésticas. Mesmo vivenciando agruras causadas por problemas de saúde, sobretudo, nas articulações, as mulheres precisam desempenhar as atividades de sempre. Elas continuam lavando, passando, cozinhando, limpando. Todas essas tarefas são pesadas para as velhas, mas elas as desempenham diariamente, mesmo não tendo mais as condições físicas para tanto.

Então, podemos afirmar que as mulheres velhas não têm o poder de escolha sobre o que fazer ou não fazer. Elas se sujeitam a desempenharem o papel de donas de casa, fruto da construção social patriarcal, que parece se estender a todas as etapas da vida das mulheres. Além disso, “[...] as atividades da *casa*, por estarem ligadas ao consumo, não são consideradas como *trabalho* e correspondem à esfera de domínio feminino”. O campo de ação da mulher é a *casa* e, por consequência, considera-se que esta *não trabalha* (HEREDIA, 1979, p. 80).

Nesse sentido, os homens velhos ainda gozam de uma situação de privilégio em detrimento das mulheres velhas, pois eles têm a opção de escolher o que fazer ou não diante da condição de velho. Já as mulheres continuam com a tarefa árdua de cuidarem da casa, mesmo se não tiverem saúde física para tal, como nos mostra uma assentada: “Eu lido com os desconfortos da saúde numa boa, eu costuro, gosto de uma roupa ajeitadinha, o dinheiro que eu tenho é para eu comprar meus negócios” (Assentada na colônia, linha do Mané, 73 Anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Verificamos no relato da assentada um contentamento com o que ela faz. Nesse sentido, destacamos o fato de a sociedade, organizada sob a lógica do patriarcado, teimar em naturalizar funções específicas, principalmente, aquelas reservadas aos cuidados com a casa, que parecem penalizar as mulheres, o que é reflexo da cultura machista e, sobretudo, da não superação das desigualdades de gênero ainda presentes nas sociedades atuais. Desse modo, as mulheres velhas na Colônia cerceiam parte dos cuidados com a saúde para realizarem trabalhos que não deveriam desempenhar, mas o fazem em nome de tudo que é delegado socialmente à mulher. Aceitam a sua condição de mulher dona do lar, mesmo não tendo condição física para tal.

Aqui você tem de tudo, água, luz. Eu como não posso andar muito eu pego um cabo de vassoura, pra ir até ali nos meninos, para fazer uma caminhadinha. Com esse negócio do tratamento eu estou gastando 800 reais de remédio, só que não tenho nenhuma dor de cabeça, esses dias fiquei gripada, mas não fiquei na cama. (Assentada na colônia, linha do Mané, 73 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

De acordo com o relato da senhora de 73 anos, mesmo que não possa fazer muita coisa, ela procura se manter ativa. Cabe destacar que as mulheres contam com a aposentadoria e, ainda assim, continuam a realizar os trabalhos que vinham desempenhando ao longo da vida, o que remete ao estudo de Menegat (2011), quando aponta para as diferenças sociais do trabalho doméstico, nem sempre compreendido na dimensão de trabalho, mas de serviço. Em se tratando do espaço doméstico, no

imaginário social, predomina a ideia de que nele ocorre o serviço, com sentido de leveza, e por isso desempenhado por mulheres, também vistas como sexo frágil, atributo da desigualdade de gênero, que é histórica, ainda mantida na sociedade atual.

Na velhice, as velhas, além de desempenharem as atividades domésticas, muitas vezes precisam participar das tarefas do lote, haja vista que falta mão de obra familiar. “Se a mulher participa das decisões, isso significa também que ela participa tanto das tarefas domésticas como das tarefas produtivas. Sua jornada de trabalho caracteriza-se pela junção dessas atividades” (TAVARES DOS SANTOS, 1978, p. 32). Desse modo, “embora se prefira que as mulheres não executem tarefas pesadas, como lavrar a terra ou colocar postes, quando os braços masculinos não são suficientes abandona-se esse padrão de divisão sexual do trabalho e a mulher trabalha” (TAVARES DOS SANTOS, 1978, p. 32).

O papel da mulher velha na Colônia é imprescindível para a manutenção dos arranjos familiares, pois elas são capazes de gerirem suas vidas, além de proverem parte do que é necessário para a manutenção da família. Diante disso, é válido dizer que elas são o cerne da manutenção da unidade familiar.

Tratando-se da Colônia Conceição, sobretudo, no que tange à velhice, as construções sociais negam à mulher uma condição de paridade frente aos homens, o que parece serem elas mais enrudecidas, embora saibamos que a sociedade caminha para algumas mudanças nesse sentido. Então, quaisquer que sejam as rupturas possíveis diante dos papéis socialmente construídos para ambos os sexos esbarram-se nas supostas obrigações dentro do lote, entendidas como tarefa de homem e de mulher. Como aponta a senhora de 70 anos: “O marido fala que não consegue fazer as coisas de casa, que isso não é serviço de homem, mas consegue, é só querer fazer que consegue” (Assentada na colônia, linha do Taquarussu, 70 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019). Para essa assentada, mesmo que ela esteja doente, não recebe a ajuda do marido em casa, e, conforme ela diz, é mais fácil ocorrer o contrário, ela ir ajudar o marido nos afazeres do lote.

Entendemos que as mulheres quando jovens casam-se e continuam a vida de cuidados com a casa, sobretudo, como provedoras dos alimentos consumidos pela família e realizadoras de todas as tarefas relacionadas ao espaço doméstico, como relata uma senhora de 68 anos:

Eu sempre fiquei em casa, cuidando de tudo, o marido saía muito para fazer comércio. Então eu tirava leite, cuidava da casa e dos filhos. Quando os

meninos cresceram eu parei de tirar o leite. Mas depois que eles cresceram, foram embora e eu voltei a tirar o leite. Acordo as cinco horas da manhã, tiro o leite, e venho pra dentro de casa, faço café, limpo a cozinha e vou prepara o almoço. Eu só sento pra descansar meio dia, após o almoço. (Assentada na Colônia, linha do Mané, 68 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Embora em plena velhice, elas veem nos afazeres do lar a constatação de que ainda podem ser as provedoras. Isso ocorre mesmo que seus corpos deem sinais do quanto estão necessitando de ajuda. Elas continuam se dedicando, como esforço último para não sucumbirem diante da debilidade por estarem velhas. Ainda mais:

[...] o corpo e a velhice dessas mulheres, diferentemente da experiência masculina, trazem marcas negativas imprimidas pelas suas condições de vida e de gênero, como mulher pobre e excluídas do poder, tanto no espaço público quanto no espaço privado do lar, na vivencia da maternidade e, sobretudo, nas relações conjugais (FERNANDES; GARCIA, 2010, p. 885).

Portanto, o peso da idade incide sobre as mulheres, provocada pelo que aponta a autora, mas é agravada pela labuta empreendida no contexto do rural, dos papéis incumbidos a elas. Também compuseram parte da força de trabalho no roçado, quando a família necessitava de todos os membros da unidade, momento em que cumpriram a dupla jornada. Por essas e outras razões entendemos que as mulheres velhas sentem ainda mais o peso em se manterem ativas em plena velhice, embora sintam nos corpos o peso da idade, manifesto nas dores que as acometem diante da velhice.

Eu sinto o cansaço à noite, quando eu tomo o remédio para a pressão, por isso que eu vou dormir à noite. Dormir muito tarde, porque quando eu durmo, faço só dois sonos a noite, eu levanto saudável graças a Deus. Para fazer minhas obrigações. Eu não sei da minha vida a diante, porque o cansaço vai chegar, dores nas pernas vai chegar, e eu sinto dores na coluna e artrose. Eu tomo remédio de oito em oito horas eu tomo comprimidos, por conta dos meus problemas no braço, mas pra mim a vida é saudável. (Assentada na colônia, linha da sede, 75 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

De acordo com esse depoimento, notamos a vulnerabilidade das mulheres velhas na Colônia Conceição. Elas podem estar recebendo algum aporte familiar, contudo não é suficiente para as libertarem da carga dos trabalhos domésticos que ainda recai sobre elas. Infelizmente, embora os tempos tenham mudado, nos possibilitando enxergar que algumas arestas foram reparadas no sentido da igualdade de gênero, ainda existe um enorme caminho a percorrer, como aponta Pereira (2015, p. 50):

Os direitos aumentaram, mas a consciência social nem tanto, as mulheres conquistaram o espaço público em diferentes profissões, mas muitas

continuam como as únicas responsáveis pelo espaço privado e pelo trabalho doméstico. E a rotina transformou-se em um crescente acúmulo de trabalho, devido à constância da divisão sexual do trabalho doméstico em muitas famílias, que não se transformou em meio às mudanças as mudanças e ao avanço da autonomia das mulheres.

Em alguns casos, as “[...] mulheres passaram a dividir as despesas da casa com o marido e/ou demais integrantes da unidade familiar, mas as tarefas domésticas continuaram sob sua responsabilidade (PEREIRA, 2015, p. 69). Então, apesar de estarem velhas, as senhoras assentadas na Colônia Conceição sempre estão de prontidão para continuarem com o seu papel de provedoras de seus lares. Por isso, é comum encontrar esposos e parentes mais jovens descansando às sobras das árvores, enquanto a velha senhora se dedica aos afazeres domésticos. Infelizmente isso é visto com certa naturalidade pelos assentados.

No entanto, é preciso reconhecer as resistências que as mulheres criam, visto que não são todas que vivem essa situação, existindo aquelas que vivenciam jornadas diferenciadas. Há, ainda, aquelas que ao ficarem viúvas passaram a cuidar apenas de si, numa autonomia feminina, como apontamos anteriormente. Além disso, é possível encontrar emancipação feminina com o benefício da aposentadoria no que se refere à gestão dos recursos advindos desse benefício, sendo elas autônomas em quem e no que gastar o seu dinheiro. Certamente existe a negociação quando se trata de um casal de velhos, sobre o quem cada um emprega o dinheiro, ou seja, enquanto um paga a conta da energia elétrica, o outro compra o milho para o trato com a criação; se um compra o sal para o gado, o outro paga as parcelas de algum objeto comprado para a casa.

Comumente, também se encontram velhos que dividem todas as contas em partes iguais. Do mesmo modo, alguns velhos assumem as contas com o mercado, enquanto o outro cuida da saúde especialmente se existe a necessidade de compra de medicamentos ou de atendimento médico fora do assentamento.

Em suma, são vários arranjos possíveis, mas nesse quesito as mulheres se sentem emancipadas economicamente ao ter elas acesso ao dinheiro de suas aposentadorias e negociam com seus companheiros o que cada um deverá assumir. Para as mulheres que em outros tempos não contavam com nenhum ganho, visto que, geralmente, eram os companheiros que negociavam os produtos e elas apenas assistiam às negociações, atualmente, o fato de irem elas mesmas até o banco e lá receberem o valor da aposentadoria, que é repassado de forma pessoal, promove visibilidade, soltura, empoderamento.

Elas possuem remuneração e isso é emancipatório, talvez o lado bom da velhice. Mesmo que tenham de negociar com o companheiro o que cada um deve pagar para a manutenção da unidade produtiva, é notório o poder de compra dessas senhoras.

3.6 Cuidados com a saúde para melhor viver a velhice

Com o passar dos anos, as pessoas vão perdendo as capacidades física e motora, logo as atividades realizadas quando jovens, dificilmente poderão ser feitas com a mesma intensidade na velhice. Contudo, para os velhos que se acostumaram com a lida diária com trabalhos pesados, tais como fazer cercas, cuidar do gado, entre outros, terão de deixá-las de lado, ou seja, delegar a outros, pois para continuarem gozando de relativa qualidade de vida, é chegado o momento de cuidar da saúde.

Para cuidar da saúde, os assentados frequentam as unidades de atendimento no assentamento e lá conseguem checar a quanto andam a pressão artéria, o colesterol, a glicose, por exemplo. Essas visitas regulares ao médico possibilitam a intervenção, através de medicamentos, para equacionar parte dos problemas de saúde, que acometem esses velhos.

Embora tenham de reduzir a carga de trabalho, principalmente aqueles que são pesados, parar de vez também não seria a solução, pois estarem ativos, para esses assentados velhos, significa fazer algo, ou seja, desempenhar alguma tarefa. Tanto as tarefas domésticas, quando as atividades de campo exigem certo grau de esforço. Portanto, os seus malefícios para a saúde, quando de idade avançada, podem incidir em lesões físicas, capazes de causar problemas nas pessoas com idade avançada. Se isso ocorrer, eles terão mais dificuldades para continuarem com o seu modo de vida, ou seja, residindo no lote. Então, atentar para o que podem ainda realizar é o mesmo que garantir sua continuação e manutenção do seu modo de vida, minimizando os desgastes físicos e podendo se manter ativos, desenvolvendo atividades menos desgastantes.

Minha saúde é boa, só tenho problemas de coluna, eu tenho que viver, como 4 médicos diz pra mim, o senhor tem que viver com a dor de coluna, viver com a dor, porque isso aí não vai sarar. Então o que eu sinto mais é coluna, na velhice é a minha coluna que não dá mais pra fazer o que a gente tem vontade de fazer, você tenta, mas machuca muito. (Assentado na colônia, linha da Sede, 81 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Para continuarem ativos durante a velhice, certos cuidados com a saúde são imprescindíveis. Desse modo, as pessoas velhas são o grupo populacional mais

frequente na unidade de saúde local. Seus problemas de saúde podem ser e ter um primeiro acompanhamento com o clínico geral responsável pelo atendimento na unidade básica. A agente de saúde da linha do Mané destaca os motivos e os procedimentos realizados no atendimento das pessoas velhas da Colônia e entorno:

O que mais o grupo de pessoas idosas procuram no posto de saúde local, é exame de rotina, controle da diabete, controle da hipertensão, consultas e acompanhamento de rotina. Eles sempre estão indo ao posto com frequência, as consultas eles gostam bastante. Mas o atendimento do posto é para atendimento básico, consulta para acompanhamento de tratamento, o posto atua como prevenção. Lá é feito os pedidos de exames, a pessoas procurar hospitais e clinicas especializadas para fazer exames e realizar alguma interferência se necessário. Geralmente eles vão para Campo Grande ou para Aquidauana, fazer esses exames e tratamentos. Aqui não é possível atendimento de alta complexidade, mas o médico do posto encaminha o paciente quando ele precisa de tratamento. (Agente de saúde da linha do Mané).

De acordo com o depoimento da agente de saúde, é possível um atendimento inicial no posto de saúde da Colônia. Em caso de precisarem procurar recursos em lugares especializados, precisam acessar o sistema único de saúde, através da central de vagas, do Sistema Nacional de Regulação (SISREG), o que frequentemente leva muito tempo até serem atendidos. Por outro lado, se buscarem atendimento na rede particular, eles em dias ou semanas estarão com seus diagnósticos prontos. Na maioria dos casos de atendimento à saúde, a população de velhos da Colônia destaca que conseguem ter atendimentos no posto de saúde local. Segundo eles, sempre são bem atendidos pelo médico; suas queixas são ouvidas e encaminhadas. Os acompanhamentos básicos são seguidos à risca, como estaca a senhora de 75 anos:

Eu vou sempre para pegar a receita dos remédios de pressão, pra medir pressão, consultar para pedir exame de sangue. Porque no exame de sangue, vem tudinho, diabete, colesterol. Eu ia medir a pressão, mas eu comprei um aparelho, então não vou mais. (Assentada na colônia, linha da sede, 75 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

De acordo o depoimento acima, é possível perceber que ocorre o acompanhamento das pessoas velhas no assentamento, por meio de exames periódicos, sinalizado pela assentada, através dos exames de sangue. Contudo, com o passar dos anos, as pessoas vão adotando estratégias para minimizarem as idas ao posto de saúde, dentre elas a compra de medidores de pressão arterial e diabetes. Ou seja, estão elas mesmas ampliando sua vigilância com a saúde. Nesse sentido, ser velho na Colônia implica em ter cuidados constantes consigo mesmo. A negligência pode acarretar em

problemas sérios, que os levarão ao médico, como consequências terão de se ausentar do lote, lugar que representa o modo de vida e tudo que incide sobre ele.

3.7 Sonhos para o futuro que já chegou: velhice em movimento

Os velhos, além de realizarem suas atividades necessárias para a manutenção dos lotes, planejam neles algumas melhorias para o futuro, como reforma de pastagem, construção ou reconstrução de corrais, manutenção e reconstrução de cercas, como também a ampliação e reforma das casas e entorno delas. O assentado de 71 anos descreve assim o seu sonho de melhoria para sua casa:

Aqui dentro do lote eu tenho vontade de construir mais um pedaço aqui na casa, porque a família vai crescendo mais. Quando vem tudo (parentes que moram fora) a casa fica pequena, então eu quero aumentar mais, e enquanto a vida eu vou trabalhando, movimentando pra não ficar parado. Não pode ficar parado de tudo, porque senão enteva tudo. (Assentado na colônia, linha do Mané, 71 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Notamos pelo depoimento do assentado, que ele manifesta a intenção de ampliar a casa, pensando no conforto dos parentes que os visitam com alguma regularidade. Contudo, ele também externa a preocupação de se manter ativo, em que o envelhecer, na opinião dele, pede constante movimento, sob pena de perder cada vez mais a mobilidade física. Outro assentado, com 65 anos, relata seus motivos para continuar sonhando em realizar outras melhorias na sua casa. Segundo ele:

Todos nós queremos melhorar, o ser humano é assim, eu também tenho que pensar isso. As vezes o cara quer melhorar uma casa, então melhora, pois a tendência é viver aqui. Você pensa em fazer melhoria, você não tem dúvida. Isso eu penso, hoje eu estou com 65 anos, mas daqui a 20 anos eu estou com 85 anos, uma idade considerável, mas ainda dá para fazer alguma coisa. Eu penso também, tem os filhos, tem que melhorar alguma coisa, dentro de 5 anos você faz alguma coisa boa, você tendo o recurso você faz coisa boa, deixa tudo pronto, é o que nós vamos fazer. (Assentado na colônia, linha da Jaguatirica, 65 anos de idade. Entrevista Gravada no ano de 2019).

Na fala do assentado, percebemos como ele vem planejando a velhice, buscando criar condições mais favoráveis para que possa chegar aos 80 anos vivendo na Colônia e com conforto. Para isso, ele atualmente elabora o que fazer enquanto conta com vigor físico e, assim, assegure meios para viver a velhice no lugar. A preocupação não está na

beleza do corpo, mas na melhoria do lugar. Por isso, concordamos com Freitas et al. quando apontam que a preocupação está no movimento,

No meio rural, os idosos não têm grandes preocupações em manterem a beleza física, desejam tão-somente poderem manter-se ativo no exercício diário de seu trabalho. Dessa forma, a velhice e o processo de envelhecer, para eles, significam a perda da capacidade funcional, a autonomia e independência. (Freitas *et al.* 2010, p. 412).

O relato de uma assentada aponta para as mudanças corporais e para a necessidade de criarem projetos voltados para o físico. Para ela,

Agora na velhice, eu sou mais igual eu era, porque as vezes a gente tem vontade de fazer alguma coisa, igual a minha hortinha ali, tudo eu que fiz, quando eu tinha um pouquinho de saúde e podia mexer, com pó, com pau. Quando eu tinha um arranhãozinho, eu vinha aqui passava um álcool e sarava. Hoje, a minha pele está muito fina e machuca em qualquer coisa que encosto. (Assentada na colônia, linha da sede, 75 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Entender que terão de ir desacelerando é ditado pela capacidade para o trabalho que ainda têm, mas é inegável ao aposentar que algo está em curso, e sentirão cada um a seu modo mudanças constantes. Sobre isso, descrevem Canizares e Jacob Filho (2011, p. 409): “Com o processo do envelhecimento, é comum que perdas e ganhos da vida do sujeito aconteçam. Com a chegada da aposentadoria, essa percepção fica mais evidente pelo fato de se tratar de uma situação de mudança em que perdas e ganhos acontecem”.

Então, o dinamismo das pessoas vivendo a velhice está atrelado a uma série de atividades que os mantêm em movimentos, ou seja, jornada cheia, sentindo-se ativos e com muitos projetos, introduzindo mesmo nova atividade, como ir à academia, como diz a senhora de 75 anos:

Para mim é uma beleza, “eu até me emociono”, porque tem muita gente nova que não faz o que eu faço. Eu tenho vontade de fazer as coisas mais eu não posso, porque eu peguei um problema na pele, diz o médico que a minha pele é muito sensível de mais. Esses machucados aqui é tudo onde eu toco, vai ficando essas marcas aqui. Mas olha só, hoje eu já molhei as minhas plantas, tomei um banho, troquei de roupa, arrumei a cozinha, já fiz comida para os cachorros. A minha vida tá assim. A tarde ainda vou na academia. Pra mim isso aí é uma beleza né. Eu peço a Deus, quando Deus quiser me carregar, carregar eu assim andando. (Assentada na colônia, linha da sede, 75 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

De acordo com o relato, é fato que a velhice se constata, com tudo que representa estar vivo para a pessoa velha. A mobilidade, o trabalho são motivos de alegria, por serem indicativos de saúde e disposição nessa etapa da vida, entrando em

sua jornada até mesmo de exercícios físicos que pareciam disponíveis apenas para as pessoas do meio urbano.

Outro aspecto interessante de observar sobre a velhice são os depoimentos referentes à memória, figurando como projetos, aqueles que dão vazão às lembranças, ao rememorar o passado, as conquistas, numa avaliação da vida no lugar. Cabe destacar que a velhice não se apresenta de maneira uniforme para todas as pessoas, por isso cada indivíduo irá processar o sentido de e como estão envelhecendo. O fato é que estar e ficar velho exige certo grau de entendimento e assimilação das mudanças no corpo e na vida das pessoas velhas. Para Freitas et al. (2010, p. 410):

Compreende-se, portanto, que a velhice é um processo complexo de alterações da trajetória de vida das pessoas. Cada contexto tem suas particularidades que vão alterar o estilo de vidas de cada um com isso, os modos de revelar o significado da velhice e processo de envelhecer para os idosos dependerão de como viveu essa pessoa e como fazem as adaptações e enfrentamentos cotidianos.

Para os velhos da Colônia, o que se observa é a tentativa de manterem seus lotes produtivos, além de fazerem adaptações em suas casas para torná-las mais acessíveis, assim como empreender esforços para melhorar a produção e contenção de seus rebanhos de gado. Por esse motivo, acreditamos que estão sempre preocupados com o futuro, no sentido de empreenderem cada vez mais. Isso ocorre com maior frequência com aquelas pessoas que cultivam e mantêm uma rede de amizade e parentesco.

Enfim, para as pessoas que vivem a velhice nos lotes do assentamento Colônia Conceição, lugar da morada da vida, onde há 34 anos construíram o sossego desejado, representa um misto de trabalho, descanso e resistência, no qual o futuro está sempre no horizonte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos nossas reflexões, direcionadas a compreendermos a velhice no assentamento Colônia Conceição, verificamos que nele ocorreram diversas mudanças quanto à estrutura durante os 34 anos de sua criação, promovidas pelas pessoas que lá foram assentadas. Isso se deu devido a inúmeras motivações, porque os assentamentos de reforma agrária não são isentos das contradições sociais, ao contrário, é lócus das contradições, especialmente, porque a reforma agrária nunca esteve na pauta central do Estado. Por esse viés, não existe atenção em relação ao modelo planejado, o que faz com que as famílias assentadas precisem lidar com os diversos dilemas que emergem, como ocorreu na Colônia Conceição, onde a qualidade das terras e o tamanho dos lotes levaram a mudanças da composição da área. Levaram, ainda, para fora do lugar aquelas pessoas que não encontraram meios adequados para lá viverem e, especialmente, levou para fora grande parte da juventude, que lá chegou pequenina, ainda, criança e que estaria dando continuidade na sucessão dos lotes.

No entanto, reconhecemos que as pessoas assentadas sob situações inadequadas devem ter o direito de partir em busca de melhores lugares, com condições de sobrevivência, assim como é possível e de direito para quem ocupa outros espaços de trabalho e de vida na sociedade.

Na Colônia Conceição, a juventude faz parte do grupo que mais partiu. São os herdeiros, que quando do falecimento dos pais, já se encontravam fora do lugar, haviam construído suas vidas em outros espaços. Com isso, em parte dos lotes da Colônia, foi sendo rompido o elo com a terra de trabalho na concepção de patrimônio de família.

Ademais, é preciso reconhecer que, nesses 34 anos de implantação, o assentamento cumpriu seu papel, propiciando que famílias criassem seus filhos no lugar. Cabe destacar que não defendemos a ideia de que existe um “prazo de validade” para os projetos de assentamentos, ao contrário, como filho de assentados e hoje também vivenciando a condição de assentado, insisto no enraizamento nos lotes da reforma agrária, a qual se constitui num projeto que deveria ser ampliado pelo Estado. No entanto, isso não ofusca nosso olhar para a percepção dos diversos dilemas que afetam as pessoas em seus afazeres cotidianos, resultando em movimentos, levando

pessoas para fora do lugar. É o lugar que expulsa a pessoa, dependendo das condições disponíveis, não o contrário.

Além disso, a criação do assentamento ainda vem cumprindo seu papel, visto que lá se mantêm diversos guardiões, que mesmo na fase da velhice insistem em manterem seus lotes, formando a morada da vida. Entre os 373 lotes que formam o assentamento Colônia, em 230 deles há pessoas residindo, em que 128 destes lotes são ocupados por pessoas de 60 anos ou mais, e em 85 deles apenas os velhos se encontram administrando as unidades de produção, mantendo e transformando o espaço. É fato que encontramos mudanças na estrutura do assentamento, de forma que em 143 lotes não mais existem moradores, resultado da comercialização dos lotes.

Os guardiões, que lá permanecem, compõem diferentes faixas etárias na categoria da velhice, cronologicamente entendida naquela com 60 anos ou mais. Totalizam 200 pessoas nesse grupo; parte significativa dela ainda atuantes no fazer produtivo dos lotes, vivenciando um cotidiano de trabalho, que exige esforço físico. Deparamo-nos com pessoas velhas, mas ativas, cheias de planos, criando estratégias para permanência em área de assentamento, mesmo diante de limitações impostas pela faixa etária em que se encontram. Isso demonstra os muitos resultados decorrentes da instalação de assentamentos no município de Nioaque (e mesmo no Brasil), que não devem ser vistos apenas pelo viés do sucesso e insucesso econômico em termos de produção, levando a considerar outros elementos, dentre eles o viver com dignidade na fase da velhice. Por isso, defendemos que a Colônia Conceição se constitui num lugar de direitos, como o da produção de alimentos, com olhar sobre o meio ambiente; da manutenção de referenciais culturais nutridos por determinados grupos sociais; da produção conforme as próprias necessidades das comunidades que o compõe, mesmo que nutram certo viés de mercado; e, especialmente, do direito à vida e do viver a velhice com sossego merecido, como recompensa pela labuta empreendida na trajetória das muitas andanças, até a chegada à morada da vida, no assentamento Colônia Conceição.

É fato que nos 34 anos de implantação do assentamento, houve recomposição familiar, com a saída dos jovens, que resultou na reorganização de projetos, de forma que atualmente a atividade principal está no gado leiteira e de corte, que supostamente não exige a mesma intensidade de esforços físicos que o cultivo agrícola requer, no gradear, plantar, limpar, adubar, colher e armazenar. A criação de gado permite redução no número de etapas de dedicação, gerando renda mensal, que reunida a outros

rendimentos, dentre eles a aposentadoria rural que as pessoas velhas da Colônia estão acessando, oportuniza um viver sossegado financeiramente, que associado à tranquilidade do lugar, promove um envelhecimento e uma vida com conforto.

Nesse sentido, reside a noção da morada da vida, lugar de trabalho, lazer e principalmente sossego. A recompensa pela labuta empreendida ao longo da vida, vivendo dilemas das muitas andanças. O modo como cada família se relaciona na Colônia Conceição, transformando o espaço, formando a morada da vida, se constitui num elo que mantém as pessoas velhas nos lotes do assentamento. Nesse bojo, as lembranças de tempo de outrora atuam como ligação entre o que foi vivido e o que ainda é possível ser vivido, configurado nos projetos que ainda elaboraram, seja para a melhoria dos lotes seja com relação aos cuidados para com eles próprios.

Os elos que mantêm pessoas velhas vivendo no assentamento indicam resistências na garantia e defesa do projeto inicial, que os levou até a Colônia, quando reivindicavam o direito à vida e à produção, e por isso a luta pela terra. Com o passar do tempo e a idade chegando, o projeto vem sendo refeito e atualmente acenam para o direito de viverem a velhice com sossego merecido no assentamento Colônia Conceição. Por isso, entendemos que o futuro, para quem se encontra na velhice na Colônia Conceição, assenta-se no hoje, repousa no presente em que vivem. Cada dia a mais de vida é cultivado como se eles mesmos fizessem parte da terra que habitam. O lote, a casa representam tudo que foi possível conquistar ao longo dos dias de assentados. Então, esses espaços se completam com o ser, os cuidados com eles próprios e com o lote, o que tem uma representação simbólica, para além do que poderíamos supor no momento anterior à realização da pesquisa. Se haverá continuidade do modelo edificado nos lotes após a partida dos velhos, isso só o tempo dirá. Dependerá das negociações que os herdeiros farão, as quais dependerão também do contexto social do entorno do assentamento, no qual estão inseridos.

Enfim, os assentados/as ao viverem a velhice em seus lotes demonstram resistência, são senhores e senhoras de si, esforçando-se para cultivarem seus gostos, hábitos, visto que a luta pela terra que os levou até o assentamento está sendo por eles mantida ao trabalharem e administrarem seus cotidianos de trabalho, compartilhando com a comunidade e insistindo em viverem seus próprios projetos, na morada da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria Celei de. **Velhice: uma nova paisagem**. São Paulo: Editora Agora, 2017.

ALBERT, Verena. **Fontes Orais. História dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Orais. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ALMEIDA, Rosemeire A. **A Sociologia da Prática de Bourdieu e o Campesinato**. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Três Lagoas [HTTP://www.ceul.efms.br/agbtl/](http://www.ceul.efms.br/agbtl/), v. 03, n. 03, p. 92-109, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução, Marcus Penchel. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BERTOL, Ildegardis; COGO, Neroli Pedro. **Terraceamento em sistemas de preparo conservacionista de solo: um novo conceito**. Lages, NRS-SBCS (NRS-SBCS, Boletim técnico, 1) 1996.41p.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de pesquisa social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 19ª. Ed. São Paulo: Editora. Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. 1ª Ed, 2ª reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

_____. Decreto nº 91.766, de 10 de outubro de 1985. **Aprova o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA)**, e dá outras providências.

_____. Ministério do desenvolvimento Agrário; Instituto de Colonização e Reforma Agrária. **II Plano Nacional de Reforma Agrária**, Brasília: Ministério do desenvolvimento Agrário, 2004.

_____. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, (INCRA/MS). **Planilha de quadro de P.A**, 2015.

_____. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, (INCRA/MS). **Departamento de cartografia**, 1986.

_____. Geoportal da Embrapa. **Mapas de solos**, 2009. Disponível em <http://mapoteca.cnps.embrapa.br/>. Acesso em 27 set. 2018.

_____. Instituto Brasileiro de geografia e Estatística. **Censo Demográfico**, 2010.

_____. Prefeitura Municipal de Nioaque. Secretaria Municipal de Saúde. **Dados gerais sobre o atendimento à saúde básica via SUS**. Unidade básica de saúde Colônia Conceição, 2018.

CALDAS, Célia Pereira; VERAS, Renato Peixoto. O lugar do Idoso na Família Contemporânea e as Implicações para a Saúde. In: TRAD, Leny A. Bomfim et.al. (Org.). **Família Contemporânea e Saúde: significados, práticas e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

CANIZARES, Juan Carlos Lara; JACOB FILHO, Wilson. **Fatores de risco à senilidade na transição à aposentadoria**. Rev. Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Vol. 14, n 3, p. 425-432, Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232011000300003>. Acesso em: 24 out. 2019.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. Famílias: conversas sobre políticas públicas e práticas. In: TRAD, Leny. A. Bomfim et.al. (Org.). **Família Contemporânea e Saúde: significados, práticas e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Juventude rural, do campo, das águas e das florestas: a primeira geração jovem dos movimentos sociais do Brasil e sua incidência nas políticas públicas de juventude**. Rev. de Ciências Sociais Política. n.45, p. 193-212, Dourados: julho-dezembro, 2016. Disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida..**

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. **Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre estudos de sociologia do envelhecimento**. Rev. Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Vol. 9, n 3, p. 67-88, Rio de Janeiro: setembro-dezembro, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2006.09036>. Acesso em 26 out. 2019.

DEBERT, Guíta Grin. **Velhice e o curso da vida pós-moderno**. Rev. USP. n. 42, p. 70-83, São Paulo: junho/agosto, 1999. Disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida..** Acesso em: 14 out. 2019.

FABRINI, João Edmilson. **Conflitos territoriais entre o campesinato e o agronegócio latifundiário**. 1ª ed. São Paulo: Editora Outras Expressões, 2014.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva et.al. A Formação e a atuação profissional em gerontologia no Brasil: atenção à velhice e ao envelhecimento no século XXI. In: __. **A família e o idoso; Desafios da contemporaneidade**. Campinas, SP: Editora Papyrus, 2010.

FELIPE, Thayza Wanessa Silva Souza; SOUZA, Sandra Maria Nascimento. **A construção da categoria velhice e seus significados**. Rev. Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. Vol. 7, n 2, p. 19-33, Macapá: jul-dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>. Acesso em 14 out. 2019.

FERNANDES, Maria das Graças Melo; GARCIA, Loreley Gomes. **O sentido da velhice para homens e mulheres idosos.** Rev. Saúde e Sociedade. Vol. 19, n 4. p. 771-783, São Paulo: outubro-dezembro, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-1290-2010000400005>. Acesso em: 22 out. 2019.

_____. **O Corpo envelhecido:** percepção e vivência de mulheres idosos. Rev. Interface – Comunicação, Saúde e Educação. Vol. 14, n 35. p. 879-890, Botucatu: outubro-dezembro, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832010005000024>. Acesso em: 22 out. 2019.

FIGUEIREDO, Maria do Livramento Fortes. et al. **As diferenças de gênero na velhice.** In: Rev. Brasileira de Enfermagem. Vol. 60, n 4, p. 422-427, Brasília: julho-agosto, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672007000400012>. Acesso em: 21 out. 2019.

FREITAS, Maria Célia. et al. **O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos.** In: Rev. Escola de Enfermagem da USP. Vol. 44, n 2, p. 407-412, São Paulo: junho de 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0880-62342010000200024>. Acesso em: 24 out. 2019.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História científica, história contemporânea e história cotidiana.** Rev. Brasileira de História. Vol. 24, n. 48, p. 13-38, São Paulo: 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/50102.018820040002.00002>. Acesso em: 7 out. 2019.

HARWOOD. Richard R. **Desarrollo de la pequena finca.** San José, Costa Rica: IICA, 1986.

HÉBETTE, Jean. Meio Ambiente nos Assentamentos: alguns aspectos metodológicos. In: ROMEIRO, A. GUANZIROLI, C., LEITE, S (orgs) **Reforma Agrária. Produção, Emprego e Renda – O relatório da FAO em debate.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes/IBASE/FAO, 1994. P.160-170.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia. **A morada da vida: Trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

LOPES, Leandro Gomes Reis; CARVALHO, Denis Barros de. **Dinâmica Temporal do Assentamento e os Projetos de Vida da Juventude Rural.** Rev. Economia e Sociologia Rural. Vol. 53. n. 4, 571-588, Brasília: Outubro/Dezembro, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1234-567818-6-9479005304001>. Acesso em: 1 out. 2019.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil. As lutas sociais no campo e o seu lugar no processo político.** 2ª. ed. Petrópolis, RJ: Editora. Vozes, 1983.

MENEGAT, Alzira. Salete. Mulheres assentadas e suas lutas. In: ALMEIDA, Rosemeire Aparecida, Org. **A questão agrária em Mato Grosso do Sul: uma visão multidisciplinar.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008.

_____. **No coração do Pantanal:** assentados na lama e na areia: as contradições entre o projeto do estado e dos assentados no assentamento Taquaral-MS. Dourados, MS: Ed.UEMA: Ed. UFGD, 2009.

_____. FAISTING, André Luiz. Caminho e caminhantes da terra: pessoas assentadas em redes de saberes em parcerias para conquista de direitos. In: FAISTING, A. L; FARIAS, M. F. L, (Orgs) **Direitos Humanos, Diversidade e Movimentos Sociais:** um diálogo necessário. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2011.

MONTENEGRO, Antonio Tores. **História oral e memória:** a cultura popular revisitada. 6. Ed. 2ª Reimpressão. - São Paulo: Editora Contexto, 2013.

NERI, Anita Liberalesso. Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: **Qualidade de vida e idade madura.** São Paulo: Editora Papirus, 1993.

NEVES, Delma Pessanha. **Lavradores e pequenos produtores de cana:** estudo das formas de subordinação dos pequenos produtores agrícolas ao capital. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.257p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo capitalista de produção e agricultura.** São Paulo: Ed. Ática, 1998.

_____. **A agricultura camponesa no Brasil.** São Paulo: editora Contexto, 1991.

PAULINO, Eliane Tomiasi e ALMEIA, Rosemeire Aparecida de. **Terra e Territórios: a questão camponesa no capitalismo.** 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **Agricultura familiar e estratégia de sobrevivência.** Disponível em: observatoriogeograficoamericalatina.org.mx.egal/geografiaagraria. Acesso em: 23 ago. 2019.

RODRIGUES, Lizete de Souza; SOARES, Geraldo Antonio. **Velho, Idoso e Terceira Idade na sociedade contemporânea.** Rev. *Ágora.* n. 4, p. 1-29, Vitória: 2006. Disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida.** Acesso em: 16 out. 2019.

PEREIRA, Marina Santos. **Mulheres do campo: entre sonhos e realidades.** 2015. 98f. (Mestrado em Sociologia). - FCH, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS. 2015.

PRIMAVESI, Ana Maria. **Manual do solo vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio.** 2ª ed. rev. - São Paulo: Expressão popular, 2016.

PINHEIRO, Felipe. **Quintais agroecológicos: resgatando tradição e construindo conhecimento.** Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br>. Acesso em 10 jul. 2018.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Rev. Estudos Históricos. Vol. 5, n 10. p. 200-212. Rio de Janeiro: 1992. Disponível em: www.bibliotecadigital.fgv.br . Acesso em: 18 out. 2019.

PONTING, Clive. **Uma história Verde no Mundo**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995. 646p.

REIS, Débora Martins Moreti. **O envelhecimento em Dourados-MS: influência (s) de um centro de convivência de idosos na vida dos usuários**. 2016. 139f. (Mestrado em Sociologia). – FCH, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS. 2016.

SCALON, Maria Celi. Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências. Rio de Janeiro: Editora Revan IUPERJ-UCAM, 1999. SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A luta pela terra: experiências e memórias**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**. Rev. Estudos Psicológicos (Campinas). Vol. 25, n 4, p. 586-593, Campinas: outubro-dezembro. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>. Acesso em: 16 out. 2019.

SKINNER, Burrhus Frederic; VAUGHAN, M. E. **Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida**. Tradução de Anita Liberalesso Neri. São Paulo: Editora Summus, 1985.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. **Colonos do vinho: Estudos sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

VERAS, Renato P.; RAMOS, Luiz Roberto; KALACHE, Alexandre. **Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e consequências na sociedade**. Rev. Saúde Pública. Vol. 21 no. 3, p. 225-233, São Paulo: Junho, 1987. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/50034-89101987000300007>. Acesso em: 30 set. 2019.

VILHENA, Junia de. et al. **A sombra de um corpo que se anuncia: corpo imagem e envelhecimento**. In: Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. Vol. 17, n 2, p. 251-264, São Paulo: junho de 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0381v17n2a08>. Acesso em: 24 out. 2019.